



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Universidade Federal de Rio Grande
Instituto de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental
CURSO DE MESTRADO



DEISE PARULA MUNHOZ

OS JOVENS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL E SUAS PERCEPÇÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA

**Rio Grande-RS
Maio de 2012**

DEISE PARULA MUNHOZ

OS JOVENS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE
SOCIAL E SUAS PERCEPÇÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA

Dissertação apresentada como exigência
parcial ao grau de Mestre ao Programa de Pós-
Graduação em Educação Ambiental da
Universidade Federal do Rio Grande.

Orientadora: Profa. Dra. Simone dos Santos Paludo

Rio Grande-RS
Maio de 2012

M966j Munhoz, Deise Parula
Os jovens em situação de vulnerabilidade social
e suas percepções acerca da violência / Deise Parula
Munhoz. – Rio Grande: FURG, 2012.

2011 f.

Orientadora: Profa. Dra. Simone dos Santos
Paludo.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal
do Rio Grande – Programa de Pós Graduação em
Educação Ambiental.

1. Educação ambiental 2. Juventude 3. Violência
I. Paludo, Simone dos Santos II. Título

CDU 504:37

FOLHA DE APROVAÇÃO

DEISE PARULA MUNHOZ

OS JOVENS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL E SUAS RELAÇÕES COM A VIOLÊNCIA

Dissertação apresentada como exigência parcial ao grau de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Simone dos Santos Paludo (orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Profa. Dra. Maria Angela Mattar Yunes
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Profa. Dra. Clarissa de Antoni
Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA)

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

**Rio Grande-RS
Maio de 2012**

Dedico esse trabalho ao meu marido Clérison Ribeiro Ramos e a minha mãe Lindamara Parula Munhoz, pelo amor, carinho e dedicação.

AGRADECIMENTOS

À maravilhosa família que tenho: minha mãe Lindamara Parula, meu marido Clériston Ramos, minhas irmãs Andréia Munhoz e Rafaela de Bom, meus irmãos Leonardo e Luciano, e aos meus sobrinhos Abner, Alef e Lohane, agradeço a todos pelo apoio, auxílio, dedicação, carinho e paciência que dispuseram a mim nesse momento tão importante de minha trajetória acadêmica.

À minha orientadora professora Dr.^a Simone dos Santos Paludo, pela dedicação, comprometimento, apoio, paciência e motivação dedicada a mim durante essa jornada.

À professora e grande amiga Maria Angela Mattar Yunes, pelas consideráveis contribuições, sobretudo pela sua amizade, por ser uma pessoa muito especial que sempre me encorajou e torceu por mim.

À professora Clarissa de Antoni, por ter aceitado o convite para compor minha banca e também pelas suas pontuais contribuições, desde a qualificação, estas foram sem dúvida importantíssimas para o rumo que este estudo seguiu.

Agradeço ao colega Adriano Trassantes Oliveira, pela importante ajuda na inserção dos dados no banco.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa que permitiu me dedicar exclusivamente a minha pesquisa.

Agradeço a amiga Maria Cristina de Carvalho Juliano, pelo apoio no momento mais difícil desta trajetória.

Agradeço à coordenação do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental Professora Dr.^a Vanessa Hernandez Caporlândia, pelo apoio e compreensão.

Agradeço ao secretário do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental Gilmar F. Conceição pela disponibilidade em ajudar sempre que precisei, e também pela forma atenciosa com que sempre me tratou.

À equipe do Centro de Referência Assistência Social-CRAS do município do Rio Grande/ RS.

À Rejane Petry Coordenadora Municipal do Centro de Referência Assistência Social (CRAS), pelas indicações, e por ter acreditado na proposta da pesquisa.

À Lisarb Lima da Silva Coordenadora do Centro de Referência Assistência Social CRAS – Hidráulica, e Cristina Vitola Coordenadora do Centro de Referência

Assistência Social – CRAS Cidade de Águeda, por todo apoio, amizade e atenção dispensados a mim.

À educadora Social Dianelisa Peres e a assistente social Suzana Caetano Gonçalves responsável técnica pelo Projovem no Centro de Referência Assistência Social – CRAS Cidade de Águeda, verdadeiros anjos, forma incansáveis, me auxiliando no desenvolvimento das atividades junto aos jovens participantes.

Aos jovens participantes dos grupos, pela iniciativa em desejarem participar desta pesquisa, por cada conversa, pelas as trocas de experiências que aconteciam no decorrer das atividades, todos os relatos não serviram somente para enriquecer este estudo, mas principalmente, me fizeram crescer muito não somente enquanto pesquisadora, mas também enquanto pessoa.

Rita de Cácia Duarte uma grande amiga que permitiu aplicação do instrumento nos seus alunos, quando as possibilidades já se esgotavam.

A equipe do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) Maria da Graça responsável pelo CREAS agradeço o apoio, orientação e por ter acreditado que o desenvolvimento dessa proposta seria muito importante aos jovens que cumpriam medida socioeducativa. Também agradeço ao Daniel e a Lucilene, pelo auxílio na seleção dos jovens que cumpriam medida socioeducativa.

Aos jovens estudantes das escolas que aceitaram participar da pesquisa, proporcionando a esse estudo uma imensa gama de informações relevantes.

Aos diretores das escolas que aceitaram a aplicação da pesquisa em especial a direção da Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas, Alessandra Collares Cichovski, coordenadora dos cursos técnicos que acreditou no projeto, auxiliando no estudo como mediadora entre a pesquisadora e os professores para liberação dos alunos participantes.

À Lúcia, vice-diretora da escola Agnella do Nascimento, pelo empenho em contribuir com a pesquisa.

A supervisora Luciana do turno noite da Escola Estadual Ensino Médio Professor Carlos Lorea Pinto, auxiliando na organização dos jovens para aplicação do questionário.

A Coordenadora pedagógica Rejane do Instituto Estadual de Educação Juvenal Miller pela oportunidade de aplicar a pesquisa nesta escola.

*Pensamos em demasia e sentimos bem pouco.
Mais do que máquinas, precisamos de humanidade.
Mais do que inteligência, precisamos de afeição e doçura.
Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.*
Charles Chaplin

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo identificar a percepção dos jovens em relação ao fenômeno da violência e suas manifestações. A pesquisa ocorreu no município do Rio Grande, na região central e nos bairros abrangidos no Programa de Prevenção a Violência (PPV). Foram investigados 217 jovens com idades entre 15 e 24 anos, ambos os sexos e alfabetizados. Como forma de analisar os contextos dos jovens foi utilizado o Modelo bioecológico do desenvolvimento humano, proposto por Bronfenbrenner. Foram utilizadas diferentes técnicas para coleta de dados: questionário, entrevistas semi-estruturadas, encontros semanais e diário íntimo. A pesquisa foi realizada em 10 escolas e também nos 2 Centros de Referência Assistência Social (CRAS). Do total de contextos investigados, foi possível atingir 39 bairros do município. Em termos gerais, não houve distinção na percepção da violência corrida nos contextos dos jovens participantes das áreas PPV e NÃO PPV, além disso, constatou-se que os jovens exerceram, em alguma vez, pelo menos um dos 3 papéis: vítima, ator e/ou testemunha. Dentre os resultados, no que se refere à violência percebida pelos jovens destaca-se: associação da violência, exclusivamente, à violência física; Uso de drogas, percebida como um agravante à violência; Banalização da violência quando ocorrida na família; O *bullying* como forma recorrente de violência e sofrida no contexto escolar, por parte de colegas e também cometido por professores; Atitude violenta por parte dos policiais. A violência é um dos mais graves problemas ambientais, pois ela afeta a integridade dos sujeitos podendo causar danos irreparáveis para a manutenção da vida humana. Partindo dessa proposição é importante trabalhar a concepção de violência enquanto problema ambiental com os jovens, para que eles possam a partir da reflexão sobre seu cotidiano, encontrar o significado desses acontecimentos e se perceberem enquanto agentes ativos desse meio.

PALAVRAS CHAVE: Juventude. Adolescência. Violência. Educação Ambiental. Modelo ecológico do desenvolvimento humano.

ABSTRACT

The present study aimed to identify the perceptions of young people in relation to the phenomenon of violence and its manifestations. The research took place in Rio Grande, in central and neighborhoods covered in Programa de Prevenção à Violência (PPV). We investigated 217 young people aged between 15 and 24 years, both sexes and literate. In order to analyze the contexts of young people used the Bioecological model of human development proposed by Bronfenbrenner. We used different techniques for data collection: questionnaire, semi-structured interviews, meetings and diary. The survey was conducted in 10 schools and also in 2 reference centers, called Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Of all contexts investigated, it was possible to achieve 39 city districts. Overall, there was no difference in the perception of race violence in the contexts of young participants of the areas NÃO PPV and PPV also found that young people have had in some time, at least one of three roles: victim, actor and / or witness. Among the results, with regard to violence perceived by young stands: association of violence exclusively to physical violence, drug use, perceived as an aggravating factor to violence; Trivialization violence when it occurs in the family; Bullying as a form recurrent violence and suffering in the school, from colleagues and also committed by teachers; violent attitude by the police. Violence is one of the most serious environmental problems because it affects the integrity of the subjects may cause irreparable damage to the maintenance of human life. From this proposition is important to work the conception of violence as environmental problem with young people so that they can from the reflection on their daily lives, find the meaning of these events and felt as active agents in this environment.

.

KEY WORDS: Youth. Adolescence. Violence. Environmental Education. Ecological model of human development.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	<i>Página</i>
<u>Figura</u>	
Figura 1 – Tipologias da violência.....	26
Figura 2 – Contextos do jovem.....	77
 <u>Gráficos</u>	
Gráfico 1 – Já agiu de forma violenta.....	67
Gráfico 2 – Segurança na comunidade (PPV).....	135
Gráfico 3 – Segurança na comunidade (NÃO PPV).....	135
 <u>Quadro</u>	
Quadro – Definição de violência dos jovens dos CRAS.....	60

LISTA DE TABELAS

	<i>Página</i>
Tabela 1 – Morte da população no Brasil.....	35
Tabela 2 – Morte da população no Rio Grande do Sul.....	35
Tabela 3 – Posição de Rio Grande em relação aos índices de violência..	36
Tabela 4 – Posição de Rio Grande em relação aos índices de violência, segundo o tipo de violência.....	36
Tabela 5 – Conceito de violência.....	58
Tabela 6 – Ações que considera violenta.....	66
Tabela 7 – Já agiu de forma violenta, segundo o sexo.....	67
Tabela 8 – Já agiu de forma violenta, segundo o fator motivador.....	68
Tabela 9 – Situações ilegais que já se envolveu.....	69
Tabela 10 – Razões para cometer atos infracionais de violência.....	70
Tabela 11 – Hoje aconteceu algo que você considerou violento? Como foi? (seja cometido por você ou por outros).....	71
Tabela 12 – Pessoa com quem mora.....	78
Tabela 13 – Quantidade de pessoas com quem mora incluindo você.....	79
Tabela 14 – Idade dos membros da família.....	80
Tabela 15 – Pessoas que mais contribuem para o sustento da casa.....	81
Tabela 16 – Média de rendimento mensal.....	83
Tabela 17 – Itens que possui em casa.....	83
Tabela 18 – O que aconteceu de ruim na família.....	91
Tabela 19 – Ameaça ou humilhação na família.....	92
Tabela 20 – Soco ou surra na família.....	93
Tabela 21 – Agressão com objeto (madeira, cinto, fio, cigarro, etc...) na família.....	94
Tabela 22 – Mexeu no corpo contra a vontade na família.....	95
Tabela 23 – Relação sexual forçada na família.....	96
Tabela 24 – Situação de violência que já viu ou sofreu na família.....	97
Tabela 25 – O que aconteceu de ruim com amigos.....	108
Tabela 26 – Série/etapa escolar que se encontra.....	109
Tabela 27 – Escolaridade dos pais (PPV).....	110
Tabela 28 – Escolaridade dos pais (NÃO PPV).....	111
Tabela 29 – Situação de violência que já viu ou sofreu na escola.....	112
Tabela 30 – O que aconteceu de ruim na escola.....	113
Tabela 31 – Ameaça ou humilhação na comunidade.....	132
Tabela 32 – Soco ou surra na comunidade.....	133
Tabela 33 – Agressão com objeto (madeira, cinto, fio, cigarro, etc...) Na comunidade.....	134
Tabela 34 – Situações encontradas/vivenciadas na comunidade.....	136
Tabela 35 – O que aconteceu de ruim no bairro.....	137
Tabela 36 – Situação de violência que já viu ou sofreu na comunidade.....	138
Tabela 37 – Tipo de bolsa recebida.....	139
Tabela 38 – Ameaça ou humilhação fora de casa.....	146
Tabela 39 – Soco ou surra fora de casa.....	147

LISTA DE TABELAS (continuação)

	<i>Página</i>
Tabela 40 – Agressão com objeto (madeira, cinto, fio, cigarro, etc...) fora de casa.....	148
Tabela 41 – Mexeu no meu corpo contra a minha vontade fora de casa....	149
Tabela 42 – Relação sexual forçada fora de casa.....	150

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

18ª CRE	– 18ª Coordenadoria Regional de Educação
ANPEPP	– Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia
CAIC	– Centro de Atenção Integral a Criança
CAPES	– Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEJUVENT	– Conselho Especial e Políticas Públicas de Juventude
CEPAS-FURG	– Comitê de Ética em Pesquisa da área da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande
CNJ	– Conselho Nacional da Juventude
CRAMI	– Centro Regional de Atenção aos Maus-Tratos na Infância
CRAS	– Centro de Referência de Assistência Social
CREAS	– Centro de Referência Especializado de Assistência Social
ECA	– Estatuto da Criança e do Adolescente
ESF	– Estratégia de Saúde da Família
GGB	– Grupo Gay da Bahia
GTGM	– Grupo Trabalho Gestor Municipal
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INDEC	– Instituto Nacional de Estadística y Censos (Argentina)
INEP	– Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
MS	– Ministério da Saúde
NEPES	– Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde
OMS	– Organização Mundial de Saúde
ONU	– Organização das Nações Unidas
PAC	– Protocolo de Ação Conjunta
PETI	– Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PNAJ	– Programa Mundial para Ação da Juventude
PNJ	– Política Nacional de Juventude
PPTC	– Processo, Pessoa, Tempo e Contexto
PPV	– Programa de Prevenção à Violência
PROESCI	– Programa Estadual de Segurança com Cidadania
PROJOVEM	– Programa Nacional de Inclusão de Jovens
PRONASCI	– Programa Nacional de Segurança com Cidadania
PRONEA	– Programa Nacional de Educação Ambiental
SEADE	– Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
SES-RS	– Secretaria da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul
SIAB	– Sistema de Informação da Atenção Básica

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS (continuação)

SIM	– Sistema de Informações sobre Mortalidade
SMS-RG	– Secretaria Municipal da Saúde da cidade do Rio Grande
SNJ	– Secretaria Nacional de Juventude
SPSS	– Statistical Package for the Social Sciences
SUSEPE	– Superintendência dos Serviços Penitenciários
UBS	– Unidade Básica de Saúde
UNESCO	– United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization / Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

Página

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	Concepções de juventude	17
1.2	Um olhar ecológico para a juventude	20
2	O JOVEM E A VIOLÊNCIA	22
3	POLÍTICAS PÚBLICAS PARA JUVENTUDE	30
4	O MUNICÍPIO DE RIO GRANDE E A VIOLÊNCIA	34
4.1	O Programa de Prevenção à Violência (PPV)	38
5	MÉTODO	42
5.1	Participantes	44
5.2	Procedimentos anteriores a coleta de dados	45
5.3	Instrumentos	47
5.4	Considerações éticas e procedimentos	49
5.5	Contexto da coleta de dados	49
	5.5.1 Coleta de dados	50
5.6	Análise dos dados	51
6	RESULTADOS	52
6.1	Perfil biosociodemográfico dos jovens pesquisados	52
6.2	Autopercepção dos jovens	53
6.3	O jovem e as suas relações com a violência	58
	6.3.1 O jovem agindo de forma violenta	72
6.4	Contextos	75
	6.4.1 Casa/Família	78
	6.4.2 Amigos/colegas	101
	6.4.3 Escola	109
	6.4.4 Comunidade/Bairro	119
	6.4.5 Estado/Políticas públicas	139
	6.4.6 Outros contextos	140
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
	REFERÊNCIAS	155
	FIGURAS UTILIZADAS	169
	APÊNDICE A – DIÁRIO ÍNTIMO	170
	APÊNDICE B – BAIRROS ABRANGIDOS PELA PESQUISA	174

SUMÁRIO (continuação)

	<i>Página</i>
ANEXO A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA APLICAÇÃO DA PESQUISA.....	175
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	177
ANEXO C – KIT ENTREGUE AOS JOVENS DOS CRAS	179
ANEXO D – QUESTIONÁRIO.....	180
ANEXO E – PARTES DO DIÁRIO ÍNTIMO: ESPAÇO LIVRE	203

1 INTRODUÇÃO

Embora muitas pesquisas tenham sido desenvolvidas sobre os jovens e suas relações com a violência, ainda se tem muito a abordar sobre o assunto, sobretudo por violência ser uma questão que acaba afetando a todos, de alguma forma, em maior ou menor grau (ABRAMOVAY, 2002; ADORNO *et al.*, 1994; WAISELFISZ, 2011). Cabe observar que, algumas pesquisas apontam para os jovens enquanto grupo mais impactado pela violência, diante disso, o presente estudo justifica-se no movimento de análise da relação do jovem em situação de vulnerabilidade com a realidade que o cerca, seus posicionamentos e observações frente às diversas formas de violência vivenciadas (WAISELFISZ, 2011a).

De uma forma mais específica, pode-se afirmar que este estudo teve como propósito, identificar de que modo os jovens percebem a violência bem como as distintas formas de manifestações em seu cotidiano. Ademais, se fez necessário também: compreender os problemas socioambientais das comunidades em que os jovens estavam inseridos; Traçar um perfil do jovem investigado; Investigar a relação que o jovem estabelece com a sua família, comunidade, escola; e Identificar a rede de apoio social destes jovens.

Estes elementos foram pontos norteadores para este estudo, pois, para que fossem encontradas as respostas às questões objetivadas, tornou-se imprescindível o seguimento de uma sucessão de etapas, onde cada uma delas foi se justapondo às outras, produzindo uma sequência de dados capaz de assegurar a resposta à meta da pesquisa. No que se reportam às respostas, as mesmas foram apresentadas em todos as seções deste estudo, entendendo que nenhum resultado seria de fato bem compreendido, sem uma leitura exaustiva em pesquisas relacionadas à temática. Esse movimento subsidiou a compreensão que nesta investigação está sendo apresentada.

A seção 1 – apresenta o elemento introdutório ao assunto, as diversas concepções sobre a juventude, bem como a teoria do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano; Na seção 2 – em o jovem e a violência são discutidos o fenômeno da violência e as relações que o jovem estabelece com este fenômeno; Na seção 3 – Políticas Públicas para juventude são traçadas algumas ações governamentais direcionadas aos jovens; Na seção 4 – são apresentados dados

relativos ao município, bem como sua posição no que se relaciona a violência no cenário nacional, e também está apresentado o Programa de Prevenção à Violência (PPV); Na seção 5 – estão apresentados os métodos utilizados nesta pesquisa, trazendo dados relativos aos participantes do estudo, bem como procedimentos, instrumentos utilizados, e detalhamento da coleta e análise dos dados; Na seção 6 – estão apresentados os resultados do estudo, onde é traçado o perfil dos jovens pesquisados, a sua autopercepção, relações com a violência, e também analisados os contextos em que estes se inserem; Na seção 7 – estão dispostas as considerações finais do estudo.

1.1 Concepções de juventude

O estudo da juventude passa necessariamente pelo entendimento da adolescência. A adolescência vem sendo investigada a partir de diferentes abordagens: psicológica, pedagógica, sociológica, jurídica e antropológica. Em comum, todas buscam compreender as intensas transformações que ocorrem nessa fase da vida. Grossman (1998) informa em seu artigo que a adolescência é uma categoria histórica desenvolvida no mundo ocidental, mas que vem sendo pressentida a partir de século XVIII. Contudo, embora os estudos científicos sobre essa fase do desenvolvimento tenham surgido apenas no século XX, inaugurados por Stanley Hall em 1904, registros na literatura e especulações filosóficas já informavam como os adolescentes eram vistos e tratados desde a antiguidade (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010). O desenvolvimento e as características biológicas dos adolescentes foram o foco dos estudos psicológicos de Stanley Hall, sendo esse o primeiro autor a oferecer importância singular a essa fase (SANTROCK, c2003). É sabido que a adolescência é marcada por diversas transformações no entanto, estudos têm referido que a cultura e os aspectos históricos determinam as mais variadas formas de vivenciar a adolescência (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

Considerando que não existe universalidade no conceito da adolescência e juventude, a Organização das Nações Unidas (ONU) propuseram que cada país deveria estabelecer a sua faixa etária de jovens. No Brasil, o Estatuto da Criança e

do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990), aprovado em 13/07/1990 (Lei 8069), não faz qualquer referência ao termo “juventude”. A fim de contemplar o aspecto sócio histórico, a Organização Mundial de Saúde (OMS), que definia a adolescência como a fase do desenvolvimento compreendida entre os 10 aos 19 anos, ampliou o seu conceito a fim de compreender a juventude como uma categoria sociológica. Dessa forma, propôs que a juventude abrangesse a faixa dos 15 aos 24 anos de idade, incluindo parte do processo biológico da adolescência, que vai dos 10 aos 19 anos de idade, à pré-adolescência (10 a 14 anos) e a adolescência propriamente dita (15 a 19 anos) e o período estendido de 20 a 24 anos. Esse critério tem sido aceito e adotado no Brasil pelo Ministério da Saúde e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Toda essa discussão revela que os aspectos sociais não podem estar distantes das concepções e das conceituações relacionadas à adolescência e a juventude. Para Groppo (2000, p. 13) a juventude engloba a adolescência, mas possibilita uma compreensão além da faixa etária. Para o autor, a juventude é:

[...] uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos. (GROPPO, 2000, p. 7)

Ainda nessa direção, Traverso-Yépez e Pinheiro (2002) afirmam que é preciso considerar a juventude como uma variável dependente de outras, tais como, gênero, sexo, classe social, contexto sócio histórico e de moradia e a geração a qual pertencem. Sendo esta uma forma de aproximação entre conceito e realidade do jovem, vindo a considerar os aspectos do seu cotidiano, e do ambiente que o cerca, enquanto estratégia de compreensão dos elementos que os constituem enquanto categoria social.

O Brasil tem buscado conhecer quem é o jovem brasileiro. Através do censo, pôde-se conhecer a população estimada do país, com isso foi possível conhecer o universo de jovens no Brasil. Atualmente o País conta com uma população de 190.732.694 pessoas, distribuídos nas 5.565 cidades brasileiras, sendo que 34.236.060 referem-se a população jovem, com idades entre 15 e 24 anos, o que representa 17,94% da população total do país (IBGE, 2010). Ao comparar esses dados com aqueles divulgados no ano de 1996, quando o Brasil contava com uma população de jovens de 31.088.484, é possível identificar um importante

crescimento da população jovem. Diante desse cenário, é relevante repensar o jovem enquanto sujeito de direito, que se encontra em vias de ingresso para a vida adulta, na qual necessitará de subsídios mínimos para seu desenvolvimento – emprego, moradia e acesso a serviços públicos. Caso contrário, ele continuará a fazer parte do contingente vulnerável da população, aumentando ainda mais as desigualdades sociais que acometem em especial os jovens, onde 51,8% dos jovens brasileiros pertencem as classes D e E, denominadas como “mais baixas” (IBGE, 2000).

Assim como a juventude, a adolescência têm sido alvo de discussão científica recentemente. Segundo Abramo (1994) *apud* Salles (2005), o que define a adolescência e a juventude é a transitoriedade, ou seja, é a forma acelerada com que se desenvolvem tanto os aspectos biológicos como também psicológicos. Corroborando com a afirmação do autor, Ana Freud (1936 *apud* FERREIRA, 1978, p. 56) afirma que neste período a tendência é que se apresente um certo antagonismo comportamental, como solidão e isolamento/agrupamento; submissão cega/rebelia, e que estas características podem se alternar repentinamente, demonstrando uma certa instabilidade.

Num viés histórico, assegura-se que a juventude faz parte de uma categoria gerada em meados de 1944 pelos americanos, denominando-os como *teenager*, a faixa etária destes jovens compreendia entre os 14 aos 18 anos, afirma-se que essa foi uma criação puramente capitalista, tendo em vista que neste período os adolescentes atravessavam um momento de crescimento no que se refere ao poder de consumo o que os tornava alvo deste mercado. No entanto, é preciso considerar que este momento foi um marco para a juventude, uma vez que, estes passaram a constituir-se enquanto um grupo etário específico, com rituais, direitos e exigências próprios (SAVAGE, 2009, p.11).

Contudo, a concepção de juventude atual encontra-se baseada nas teorias de Rousseau no século XVIII, na qual o autor defendia a crença de que o desenvolvimento tem fases diferentes, e que cada uma delas é permeada por características distintas (SAVAGE, 2009; SANTROCK, c2003).

Entre os séculos XVIII e XIX, segundo Groppo (2000, p. 69), a juventude passa a ser adotada enquanto “estágio em que o indivíduo cria a sua identidade”,

isso denota um direcionamento de sua autonomia, até então impensada em tempos anteriores.

No século XX o jovem é associado ao processo de transição, o que para Abramovay (2007), possui relação direta com a influência da Psicologia enquanto ciência. Nesse contexto, o jovem é conceituado a partir de seu processo de amadurecimento psicológico, enquanto uma passagem, onde este é atravessado por elementos críticos como por exemplo: sentimentos, sexualidade e ideais.

Em relação aos ideais-objetivos da juventude, Abramovay (2007) apresenta cinco elementos cruciais para a definição da condição juvenil:

- 1) A obtenção da condição adulta, como uma meta;
- 2) A emancipação e a autonomia, como trajetória;
- 3) A construção de uma identidade própria, como questão central,
- 4) As relações entre gerações, como um marco básico para atingir tais propósitos.
- 5) As relações entre jovens para modelar identidades, ou seja, a interação entre pares como processo de socialização

A mesma autora observa que na verdade juventude pode ser tratada na concepção de “juventudes” pois este grupo estaria envolto em aspectos diversificados no que se refere, entre outros elementos, a “oportunidades, dificuldades, facilidades e poder na nossa sociedade”(ABRAMOVAY, 2007).

A partir das conceituações, distinções, aproximações e abordagens entre juventude e adolescência, foi possível compreender sua constituição no decorrer dos tempos, no entanto, faz-se necessário observar o desenvolvimento destes jovens, o que será apresentado a partir do modelo bioecológico do desenvolvimento humano, na seção a seguir.

1.2 Um olhar ecológico para a juventude

A partir destas considerações é imprescindível pautar-se em uma abordagem que considera a interação entre pessoa e seus contextos de desenvolvimento para discutir juventude. Atualmente, o modelo bioecológico do desenvolvimento humano proposto por Bronfenbrenner (1996) tem sido identificado como uma proposta teórico-metodológica que contempla tais aspectos. Narvaz e Koller (2004) revisaram os estudos do referido autor e salientaram as suas principais contribuições. De

acordo com as autoras, o modelo bioecológico do desenvolvimento humano envolve o estudo de 4 núcleos interrelacionados, são eles: Processo, Pessoa, Tempo e Contexto (PPTC). Nessa perspectiva, o processo é destacado como mecanismo responsável pelo desenvolvimento, uma vez que envolve as interações recíprocas da pessoa com outras pessoas, objetos e símbolos. A pessoa é vista por meio de suas características determinadas biopsicologicamente e também aquelas produzidas na sua relação com o ambiente na qual está inserida. Já o tempo envolve a duração cronológica onde serão analisadas as mudanças no desenvolvimento da pessoa durante a vida. Por fim, o último núcleo do modelo PPTC, o contexto é compreendido enquanto ambiente onde as pessoas estão em constante interação umas com as outras, ambiente onde as pessoas se desenvolvem podendo esse ser dividido em 4 níveis distintos. Esta teoria será melhor visualizada na seção 6.4 contextos.

Neste estudo, a pessoa em foco será o jovem e as suas relações com a violência nos diferentes contextos de seu desenvolvimento. De Antoni e Koller (2010) ressaltam que a abordagem bioecológica permite uma análise aprofundada do fenômeno da violência. Diante disso, será empregada maior ênfase ao contexto, tendo em vista que a pesquisa possibilitará conhecer os microssistemas que o jovem participa diariamente (escola, família e comunidade), a forma como ele transita por esses ambientes (mesossistema) e também os sistemas que não atuam de forma direta (exossistema e macrossistema), mas que influenciam no desenvolvimento do jovem em questão.

Em relação aos espaços que o jovem circula, destaca-se a passagem em que Groppo (2000) afirma: “os jovens se modificam e se adaptam de acordo com o ambiente em que eles estão inseridos”. Dessa forma, pode-se perceber o quanto o contexto influencia no desenvolvimento dos jovens, uma vez que as manifestações de suas características particulares estão em interação com a comunidade. Nessa mesma perspectiva, Bronfenbrenner (1996) afirmou que o contexto pode proporcionar “mudanças duradouras”, capazes de interferir nas características pessoais desses sujeitos e no curso de vida. Portanto, é imprescindível analisar as características dos jovens a partir do contexto em que vivem e as suas relações estabelecidas com os seus “microssistemas”, ou seja, as relações face-a-face que o

jovem estabelece com a escola, a sua família e a sua comunidade (BRONFENBRENNER, 1996).

No sentido de promover a interação entre o modelo bioecológico e a Educação Ambiental, Yunes e Juliano (2010) apresentam os seguintes pontos de convergência entre esses 2 conceitos:

O pensamento sistêmico; o foco nas interações de organismos-ambientes; a busca de compreensão sobre formas de cooperação entre indivíduos, grupos e comunidades e a construção de soluções que visualizam uma sociedade ecologicamente equilibrada. (YUNES, JULIANO, 2010, p. 14)

Esses microssistemas também podem ser tratados na condição de meio ambiente, uma vez que são os espaços onde os sujeitos transitam no decorrer de sua vida. Diante disso Reigota (2009, p. 36) contribui com sua conceituação de meio ambiente enquanto:

[...] um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relação dinâmica e em constante interação os aspectos naturais e sociais. E, que tais relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade.

Esta conceituação realizada pelo autor, reforça a ideia de que o homem não está à parte da natureza, mas sim ele faz parte dela, interagindo cotidianamente. Fortalecendo a definição anteriormente destacada, Goldberg; Yunes e Freitas (2005, p. 98) declaram que é:

[...] relevante apontar no conceito de meio ambiente a visão sistêmica, em que todos os elementos envolvidos no contexto cotidiano do indivíduo em desenvolvimento são importantes (GOLDBERG; YUNES; FREITAS, p. 98).

2 O JOVEM E A VIOLÊNCIA

Tratar sobre a temática da violência, é por vezes uma questão muito complexa, num primeiro momento, por se referir a um assunto de difícil definição, sendo tratado enquanto um tema amplo, polissêmico e controverso, e, em segundo, por ser uma questão que nesta pesquisa, apresenta-se diretamente relacionada à juventude, que também é outro objeto de estudo que requer uma atenção especial,

por estar ligada a diversos conceitos, e distintas concepções como biológica, sociológica e cultural (MINAYO, 1998, p. 514; GROPPPO, 2000, p. 7-8).

Entretanto, nos últimos anos, essas duas temáticas encontram-se ligadas entre si, estando diretamente comprovada esta correlação, no aumento do fenômeno dentro desses grupos, sendo exposta de distintas maneiras e com adoção de papéis dissemelhantes entre ator, vítima ou testemunha, podendo estes serem alternados ao longo do acontecimento, este fato faz com que haja uma maior inquietação, no que se refere a situação dos jovens. Estando esta preocupação relacionada com 3 razões à saber:

Em primeiro lugar porque eles [jovens] **quebram as regras vigentes**;
Em segundo, porque para o bem ou para o mal, eles [jovens] serão o futuro do mundo;
Em terceiro, porque eles também refletem os valores da sociedade (MINAYO, 2011, p.18. Grifos da autora).

A autora elenca os principais motivos pelos quais os adultos preocupam-se com os jovens, merecendo destaque especial para esta pesquisa o primeiro lugar, onde é destacado o rompimento as regras vigentes, estando inclusos nesta situação a problemática da violência, que está cada vez mais sendo propagada entre/pelo os jovens.

A violência, muitas vezes, encontra “terreno fértil” nos jovens, pois muitos encontram-se expostos e vulneráveis devido as suas próprias características e/ou as características dos contextos em que vivem. A repercussão do envolvimento do jovem com a violência tem atraído olhares de órgãos públicos, setores da mídia e pesquisadores. Por um lado, inúmeras informações sobre o comportamento violento dos jovens relacionado ao uso de drogas, o envolvimento com o tráfico e delitos são divulgadas, por outro lado, indicadores e estatísticas apontam o jovem enquanto principal vítima de violência de homicídios, acidentes de trânsito e brigas (WAISELFISZ, 2011a).

As razões para o envolvimento com a violência são as mais diversas: desigualdade social, a influência de determinados grupos, o uso de álcool e em excesso bem como o uso de outras drogas, além da negligência por conta da família, podem, portanto, levar o jovem a estar envolvido em atos violentos (ABRAMOVAY *et al.*, 2002a). Ainda não há uma fórmula pré-determinada de sanar

essa problemática, mas o primeiro passo é compreender como esse fenômeno interfere na vida dos jovens, conforme observam Cara e Gauto (2007, p. 180-181).

Uma questão preocupante em relação aos jovens refere-se a crescente participação desses nos índices de violência. Na maioria das vezes, a violência sofrida e praticada pelos jovens está intimamente relacionada à condição de vulnerabilidade social. Ruzany e Meirelles (2009) ressaltam que os jovens envolvem o grupo que mais sofre com o impacto da violência, principalmente aqueles que vivem em contextos de risco. Portanto, a presença de violência no cotidiano, seja no âmbito familiar ou na comunidade, é considerada um fator de risco importante nessa relação.

Vale destacar que discutir sobre o fenômeno da violência não é uma tarefa simples, uma vez que seu conceito encontra-se imbricado à política, a economia, a sociedade e as práticas culturais. O seu significado tem sido discutido por diferentes autores. Araújo e Mattioli (2004, p. 113) informam que a palavra violência é originária do latim *violentia*, onde seu significado seria “violência ou força”, enquanto o verbo *violare*, seria violentar ou transgredir. Nesse sentido, é possível inferir que a violência envolve uma violação de direitos e de integridade humana.

Agudelo (1990, p.6) destaca que “a violência representa um risco para realização do processo vital humano: ameaça a vida, altera a saúde, produz enfermidade e provoca a morte como realidade ou como possibilidade próxima”.

Estes conceitos encontram-se articulados com a definição da OMS na qual a violência é entendida como:

uso da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (OMS, 2002).

A conceituação apresentada pela OMS, traz uma visão bem ampla do fenômeno da violência, evidenciando a relação entre ação-resultado, tendo estes elementos como eixo central para criação desta definição. Ampliando essa definição, introduzindo uma vertente mais social sobre a concepção de violência, Minayo (2003), afirma que a violência:

é um conceito referente aos processos, às relações sociais interpessoais, de grupos, de classes, de gênero, ou objetivadas em instituições, quando empregam diferentes formas, métodos e meios

de aniquilamento de outrem, ou de sua coação direta ou indireta, causando-lhes danos físicos, mentais e morais.

Acrescentando a esta definição da autora, faz necessário incluir a delimitação exposta por Michaud (1989, p. 10), onde o mesmo afirma que:

há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.

Verifica-se então que esta delimitação que o autor traz, também possui uma vertente social, sobre a problemática da violência, estando em conformidade com os conceitos atuais sobre este fenômeno.

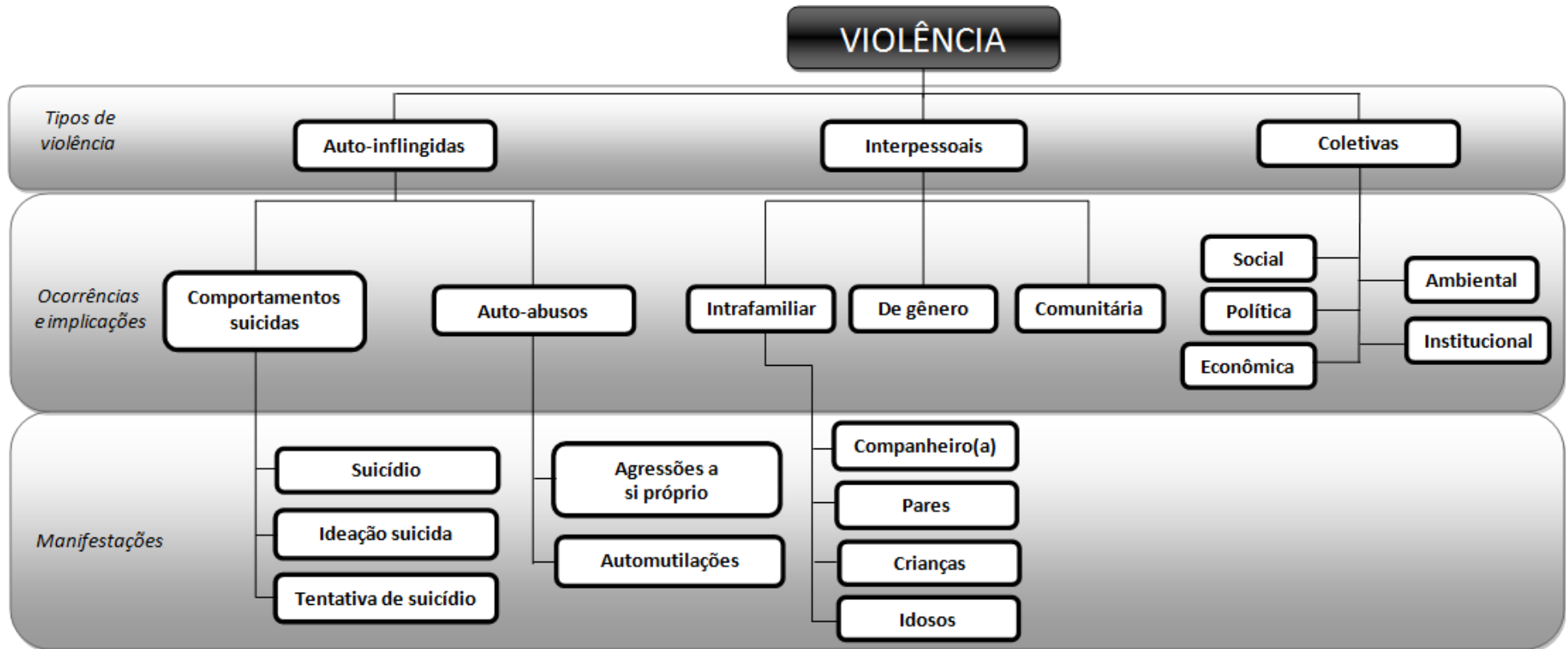
Percebe-se então que a o entendimento de violência não é único, são múltiplos, e cada autor apresenta sua colaboração para que este fenômeno possa ser compreendido, são diferentes enfoques, que permite uma noção mais ampla deste acontecimento. Chauí (1998, p. 33-34) apresenta as diferentes formas de manifestação da violência, destacando: “manifestações de coação, constrangimento, tortura, brutalidade, violações sevícias, abusos físico-psíquicos contra alguém”, dessa forma, nota-se que a violência se apresenta de variadas maneiras, no entanto, nesta passagem, a autora somente menciona a violência praticada contra outra pessoa, descartando a relação da violência praticada contra si próprio, trazida pela OMS, em sua definição.

É importante compreender, que são formas distintas de se apresentar o fenômeno da violência, não havendo uma única definição correta, uma vez que esta se caracteriza por ser “múltipla”, sendo apresentada através de conceituações díspares, que trazem em seu cerne as relações entre a cultura, a sociedade, e o tempo em que elas são produzidas (MINAYO, 2006,p.13). Reforçando esta afirmação, Costa, Pimenta (2006, p.33) destacam que:

A violência é um fenômeno histórico e social, de diversas facetas, tanto positivas, quanto negativas,, e que se **manifesta de diferentes maneiras**, conforme a sociedade ou um dado momento histórico (Grifos da autora).

Considerando a afirmação feita pelos autores, no que se refere as diferentes formas de violência, na figura a seguir estão expostos os distintos tipos de violência, bem como, suas manifestações.

FIGURA 1 – TIPOLOGIAS DA VIOLÊNCIA



Fonte: MINAYO (2006, p. 80-81); OMS (2002, p. 6) (adaptado)

Com base na figura apresentada, pode-se assegurar que violência possui diversas abordagens, como visto anteriormente, no entanto, a OMS (2002) *apud* Minayo (2006), como forma de entendimento das categorias em que a violência se manifesta, apresenta a tipologia destas violências, bem como sua explicação.

Segundo o Relatório Mundial da OMS, de 2002, sobre a Violência e Saúde destacam-se as seguintes tipologias:

Violência auto infligida (auto provocada): Tentativas de suicídio, suicídio, autoflagelação, autopunição, automutilação.

Violência interpessoal: Intrafamiliar e comunitária. A violência comunitária também é denominada de violência urbana.

Violência intrafamiliar: Ocorre entre os membros da própria família, entre pessoas que têm grau de parentesco, ou entre pessoas que possuem vínculos afetivos. Também denominada de violência doméstica por alguns teóricos, embora outros estudiosos desse tema façam uma distinção entre a violência doméstica e a violência intrafamiliar.

Violência coletiva: Presente nos âmbitos sociais, políticos e econômicos, caracterizada pela subjugação/dominação de grupos e do estado.

Violência estrutural: Ocorre em diferentes formas onde há manutenção das desigualdades sociais, econômicas, culturais, de gênero, etárias, étnicas. É a violência que mantém a miséria de uma determinada população.

Segundo Minayo (2003, p. 82), as formas de expressão destes tipos de violência, se dividem em 4 sendo elas:

Abuso Físico: significa o uso da força para produzir injúrias, feridas, dor ou incapacidade em outrem;

Abuso Psicológico: nomeia agressões verbais ou gestuais com objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a vítima, restringir sua liberdade ou ainda, isolá-la do convívio social;

Abuso Sexual: diz respeito ao ato ou ao jogo sexual, que ocorre nas relações hetero ou homossexual e visa a estimular a vítima ou utilizá-la para obter excitação sexual e práticas eróticas, pornográficas e sexuais impostas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças e;

Negligência ou abandono: inclui a ausência, a recusa ou a deserção de cuidados necessários a alguém que deveria receber atenção e cuidados.

Evidencia-se então que as formas de manifestação da violência são variadas, podendo afirmar que, ela acaba atingindo pessoas e grupos nas diferentes esferas sociais, tanto no espaço privado quanto no espaço público, estando todos de algum modo, nela envolvidos pessoal e socialmente (COSTA; PIMENTA, 2006, p.64). No espaço privado pode

ocorrer a violência doméstica, em geral essa violência se manifesta no âmbito intrafamiliar, ou seja, situações de violação ocorrem em um espaço que deveria ser protetivo. A literatura sugere que a violência dentro do contexto familiar é desafiadora, pois algumas ocorrem de forma silenciosa como, por exemplo, o abuso emocional, físico e sexual, além da negligência e do abandono, e por se manter em um espaço privado dificilmente é impedida (DE ANTONI; MESQUITA; KOLLER, 1998; FARINATTI, 1997 *apud* DE ANTONI; KOLLER, 2000). É importante compreender a existência de violência dentro do contexto familiar. Um jovem submetido à violência dentro daquele contexto que deveria inicialmente protegê-lo pode estar mais fragilizado para a atuação da violência fora desse contexto ou ainda para atuar de forma violenta em seu contexto.

Contudo, as violações ainda são mais evidenciadas na esfera pública. Os jovens estão cada vez mais expostos a situações violentas nos centros urbanos. De acordo com o mapa da violência divulgado recentemente, Waiselfisz (2011a) destaca que na faixa etária dos 15 a 24 anos, 2/3 do número de mortes se originam de algum tipo de violência e manifestam-se em homicídios, suicídios ou acidentes de transporte. Ainda de acordo com o autor, atualmente o jovem tem assumido o papel de “ator e vítima”, pois esses, por motivações diversas, cometem violência contra outros jovens e também aqueles que sofrem a violência acabam por repassá-la a outros, em um processo contínuo, perpetuando esta prática.

Neste estudo a vulnerabilidade é entendida enquanto resultado de um número insuficiente de recursos, sejam eles “materiais ou simbólicos” – acesso à educação, qualificação de mão de obra, segurança pública, providos dos diversos setores – governamentais e não-governamentais, gerando um *déficit* no desempenho e na “ascensão social” da população (FILGUEIRA, 2001; VIGNOLI, 2001 *apud* ABRAMOVAY, 2002, p.13).

Em consonância com essa proposta, Poletto, Koller e Dell’Aglío (2009, p. 457) caracterizaram a vulnerabilidade social como um conjunto de características que fragilizam as pessoas. As autoras sugerem que um bairro vulnerável pode ser definido como aquela localidade que apresenta “baixas condições de habitação e acesso a serviços, com carência de áreas de lazer seguras e limpas e presença de violência”, expondo a comunidade à situações de risco.

Uma série de riscos é apresentado aos jovens expostos a violência. O risco está relacionado a toda sorte de eventos que podem causar consequências negativas ao desenvolvimento. No entanto, esses riscos não são apenas externos, uma vez que os aspectos estruturais, familiares, culturais, ambientais, sociais e pessoais podem anteceder o envolvimento dos jovens nessas ocasiões (PESCE *et al.*, 2004).

Um contexto empobrecido, com poucas oportunidades de desenvolvimento social e com altos índices de violência e de risco, pode possibilitar tanto a vitimização quanto a manifestação de atos violentos, uma vez que estão ausentes as condições mínimas necessárias para um desenvolvimento sadio e com maior qualidade para vida desses jovens. Contudo, a dinâmica do risco é complexa, pois está diretamente relacionada a vulnerabilidade e as possibilidades de proteção. Poletto, Koller e Dell'Aglio (2009) acrescentam que o risco deve ser analisado não somente pela frequência ou pela sua existência, mas deve ser avaliado através da forma como é percebido. Yunes e Szymanski (2001) já apontavam que a definição de risco implica em uma avaliação cuidadosa e dinâmica devido as diversas interações existentes. Portanto, mesmo que a violência seja considerada *a priori* um fator de risco é necessário identificar a percepção e o significado que os jovens atribuem a esse evento.

Um aspecto que pode contribuir para diminuir o risco é a presença de fatores de proteção. Masten e Garmezy (1985) sugerem 3 tipos de fatores de proteção: as características pessoais, familiares e a rede de apoio social. Proteção significa oferecer possibilidades de crescimento e cidadania para a juventude. Nesse sentido, é preciso avaliar quais os espaços protetivos oferecidos para os jovens na comunidade em que está inserido e quais os instrumentos legais que garantem a sua dignidade e os seus direitos. Para os adolescentes esses direitos se materializam através do ECA (BRASIL, 1990) que garante que sejam tratados como pessoas em desenvolvimento merecedoras de atenção, cuidado e prioridade.

Em relação às políticas públicas brasileiras voltadas para os jovens, na década em 90, Rua (1998) *apud* Sposito e Carrano (2003) afirmaram que não havia ações específicas para esse grupo, mas sim políticas sociais voltadas à educação, saúde e trabalho que os abrangiam dentro dos demais grupos, em contraponto com o que ocorria em outros países da América Latina, que já possuíam políticas

públicas específicas para os jovens. Esses autores afirmam que o cenário brasileiro passou por mudanças significativas a partir do período citado, tendo participação importante dos setores privados em parceria com o Poder Público, como veremos na seção a seguir.

3 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA JUVENTUDE

As políticas públicas surgem como um dispositivo de uma possível mudança no que tange à diminuição dos problemas sociais vivenciados pela população, tendo poder de afetar o bem-estar e o desenvolvimento dos seres humanos (BRONFENBRENNER, 1996). Como a violência entre os jovens está diretamente relacionada à desigualdade social, muitas políticas públicas direcionadas para essa população, visam à superação da vulnerabilidade em primeira instância.

A atenção destinada a esse segmento da população é algo recente, uma vez que o artigo 227 na Constituição Federal de 1988 não fazia quaisquer referências a esses sujeitos:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à **criança e ao adolescente**, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

§ 1º - O Estado promoverá programas de assistência integral à saúde da **criança e do adolescente**, admitida a participação de entidades não governamentais e obedecendo os seguintes preceitos. (BRASIL, 1988. Grifos da autora).

Neste momento se fazia alusão à proteção integral somente da criança, e do adolescente, enquanto sujeitos de direito, que necessitam de uma atenção especial, responsabilizando não somente a sociedade e ao Estado, mas também relega à família o dever de promover este ambiente protetivo.

Em 1990 foi então criado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sob a lei nº 8.069, com objetivo de assegurar os direitos, e a proteção integral da criança e do adolescente, entendendo como criança aquela com idade até 12 anos e adolescente aquele que se encontrar acima de 12 anos e menor de 17 anos.

(BRASIL, 1990). Entretanto percebia-se que os jovens acima dos 18 anos permaneciam sem amparo no que se relacionam as políticas públicas voltadas especificamente para esse grupo, foi então que a ONU em 1985 instituiu como *Ano Internacional da Juventude – Participação, Desenvolvimento e Paz*, na tentativa de tornar mais evidente o tema, porém ainda assim não causou impactos maiores em relação às políticas públicas para esse segmento (BRASIL, 2010).

Alguns anos depois a ONU elaborou o Programa Mundial de Ação para Juventude (PMAJ), vindo posteriormente a convocar os países-membros para que elaborassem uma Política Nacional de Juventude (BRASIL, 2010).

Em relação às políticas puramente assistencialistas, Abramovay *et al.* (2002b, p. 67) faz uma crítica, sugerindo que se fomente o protagonismo juvenil para que se alcance resultados positivos frente à violência, tendo em vista que o protagonismo é um método de educação para a cidadania que prioriza a participação do jovem tendo sua opinião e participação valorizadas em todos os momentos.

Com o crescimento da população jovem no país, iniciou-se uma inquietação no que diz respeito aos problemas da juventude, sentia-se a necessidade de ter um conhecimento maior acerca desse grupo e das políticas públicas existentes para estes atores, Para que isso acontecesse foi criado em 7 de abril de 2003, através do Ato da Presidência da Câmara dos Deputados, o Plano Nacional da Juventude, e o Conselho Especial e Políticas Públicas de Juventude (CEJUVENT), esse conselho era em sua maioria composto por parlamentares além de jovens representantes de organizações não governamentais de diferentes estados, tendo início então o estímulo ao protagonismo juvenil.

Para melhor compreender esse universo, foram realizadas visitas de estudos a outros países como o Instituto da Juventude da Espanha, o Instituto da Juventude da França e de Portugal, buscando conhecer legislação e estrutura de órgãos representativos da juventude desses países. Após retorno dos parlamentares, foi realizada a Semana Nacional da Juventude, que teve como participação 700 jovens, para elaboração do relatório preliminar com sugestões para o Plano Nacional da Juventude (BRASIL, 2004a).

Um ano após, foi implementado no Brasil em meados de 2005, por meio da medida provisória 238 a Política Nacional de Juventude (PNJ), neste mesmo momento foi também criado o Conselho Nacional da Juventude (CNJ), a Secretaria

Nacional de Juventude (SNJ), e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem), essas criações tiveram como subsídio os dados estatísticos divulgados pelo IBGE neste período, ficando sob responsabilidade da SNJ:

[...] formular, coordenar, integrar e articular políticas públicas para a juventude, além de promover programas de cooperação com organismos nacionais e internacionais, públicos e privados, voltados para as políticas juvenis. (BRASIL, 2005a).

Percebe-se então uma articulação em benefício da juventude brasileira. O Conselho Nacional da Juventude (CNJ) sancionado através da lei nº 11.129, vem a ser composto por representantes do poder público e da sociedade civil, ao total conta com 60 membros, sendo 20 do Governo Federal e 40 da sociedade civil, tendo como responsabilidade formular e propor diretrizes de ação governamental, voltadas para os jovens, bem como elaborar estudos e pesquisas sobre a realidade socioeconômica desse público (BRASIL, 2005a). A partir desse momento a juventude passou a contar com uma política pública específica que leva em consideração as características e suas particularidades, se tornando também uma forma de promoção do protagonismo juvenil, uma vez que as propostas são construídas juntamente com os jovens, a partir das necessidades percebidas pelos mesmos.

Após essa etapa, foi indicada a criação dos conselhos municipais de *Políticas Públicas de Juventude*, como modo de criar uma rede para articulação das políticas públicas, com a finalidade de diminuir os problemas enfrentados por esse grupo – violência, criminalidade, desemprego, entre outros, reconhecendo-os enquanto sujeitos de direito, que necessitam de uma proteção legal específica. Nesta política buscou-se garantir os direitos dos jovens, incluindo-os na sociedade, elaborando e aprovando leis de interesse deste grupo (BRASIL, 2005b)

Outro acontecimento importante foi à aprovação do Estatuto da Juventude a Lei 4.529 de 2004, sendo aprovado no dia 15 de fevereiro de 2012, essa aprovação foi um marco no que se referencia aos jovens, uma vez que estes passaram a ter amparo legal para um desenvolvimento saudável e adequado, de acordo com suas necessidades, com elaboração de políticas públicas apropriadas e igualdade de oportunidades. Esta aprovação possibilitará a criação do Sistema Nacional de Juventude (SNJ), que tem como mote principal a criação e manutenção das políticas públicas (BRASIL, 2010).

Quando retomada a questão dos conselhos municipais, o estado do Rio Grande do Sul, contava em 2010 com 6 conselhos municipais, e 1 estadual (Encontro Nacional de Conselhos de Juventude, em 2009). Já no município do Rio Grande, o Conselho Municipal de Políticas Públicas de Juventude foi criado em 2005 sob Lei nº 6060 de 28 de fevereiro de 2005, ficando responsável pelo desenvolvimento de estudos e pesquisas para subsidiar o planejamento de ações públicas esse segmento, elaborar, analisar, discutir e aprovar programas e projetos relativos à juventude no âmbito municipal (RIO GRANDE, 2005).

Este conselho deveria ser composto por 13 membros e seus respectivos suplentes, mediante indicação realizada por entidades e órgãos representativos da juventude rio-grandina, no entanto, através das informações oferecidas pelo coordenador de Políticas Públicas para a Juventude do município do Rio Grande o conselho encontra-se desativado devido a falta de membros e, conseqüentemente, pouco se pode realizar no que se refere à criação de políticas públicas para juventude no município. De acordo com o coordenador, existe um empenho na tentativa de angariar membros para compor esse conselho e, também, existe um trabalho que tem buscado realizar, na medida do possível, projetos destinados a esse segmento. Um importante evento citado pelo coordenador refere-se a 2ª Conferência Municipal da Juventude, que aconteceu em 2011 em Rio Grande e teve como finalidade o debate sobre temáticas importantes para a juventude. As propostas organizadas nesse evento foram encaminhadas para a etapa estadual e, após seleção de todas as propostas, aquelas escolhidas foram encaminhadas para etapa nacional. A conferência estadual aconteceu no mesmo ano no município de Porto Alegre-RS e a nacional em Brasília-DF.

Um total de 26 propostas aprovadas na 2ª Conferência Nacional da Juventude e dentre elas destacam-se:

[...] políticas públicas que promovam o trabalho decente, a ampliação da escolaridade com qualidade, o oferecimento de internet veloz, gratuita e de qualidade, o direito a mobilidade urbana e rural por meio do passe livre, o acesso à cultura e ao esporte. (MEDINA, 2011)

Segundo Medina, estas foram as principais reivindicações feitas pelos jovens durante o evento. Debates como esses fazem com que os jovens percebam que podem e devem construir seu próprio caminho, talvez promovendo um maior engajamento por parte da juventude.

Entretanto, cabe destacar que Rio Grande também pode contar com as Políticas Públicas para Juventude oriunda do Governo Federal, voltados para a diminuição das vulnerabilidades desses jovens e desenvolvimento da cidadania, merecendo destaque o Projovem, programa que tem por objetivo elevação do grau de escolaridade visando à conclusão do ensino fundamental, qualificação profissional voltada a estimular a inserção produtiva cidadã e o desenvolvimento de ações comunitárias com práticas de solidariedade, exercício da cidadania e intervenção na realidade local (BRASIL, 2005b).

Pode-se então perceber que algumas iniciativas estão surgindo com vistas a oportunizar momentos de aprendizagem, lazer, socialização e inserção no mercado de trabalho. Nos últimos anos, surgiram muitos investimentos em programas específicos nesse sentido voltados para esse público (LIMA; MINAYO-GOMEZ, 2003; SPOSITO; CARRANO, 2003; SPOSITO; CORROCHANO, 2005; SPOSITO; SILVA; SOUZA, 2006; TOMMASI, 2004; UNESCO, 2004).

No entanto, em relação à questão da violência, não foi encontrada uma política pública diretamente destinada para juventude, contudo, o governo municipal aderiu ao Programa de Prevenção à Violência (PPV), e dentre atividades desenvolvidas, algumas são destinadas aos jovens moradores dessas regiões mais vulneráveis, segundo o diagnóstico, onde serão melhor detalhados em 4.1 O programa de Prevenção da Violência (PPV).

4 O MUNICÍPIO DE RIO GRANDE E A VIOLÊNCIA

A violência tem deixado de ser sentida somente pelas grandes cidades, ela tem sido vivida de forma concentrada também em cidades do interior, como é o caso do município de Rio Grande. No levantamento estatístico realizado pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE) (BRASIL, 2008a), a pedido do Ministério da Justiça e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, foram coletadas informações sobre 266 municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes, na qual foi diagnosticada a exposição dos jovens à violência. Dentre os resultados obtidos, o estudo indicou que a cada 100 jovens brasileiros 5 morrerão por homicídio antes de completarem 24 anos. Além disso, os autores afirmaram que há relação

direta entre violência, participação no mercado de trabalho, escolaridade e condições precárias de moradia. Além disso, o estudo da SEADE (2010) confirmou que ausências de tais fatores contribuem para aumentar ainda mais a vulnerabilidade e a exposição à violência.

Estudo semelhante a esse foi realizado por Waiselfisz (2011a), denominado como *Mapa da Violência*, onde foi possível identificar as principais causas da violência entre os jovens:

TABELA 1 – MORTE DA POPULAÇÃO NO BRASIL

MORTE DA POPULAÇÃO JOVEM					MORTE DA POPULAÇÃO NÃO JOVEM				
CAUSAS		MORTES VIOLENTAS			CAUSAS		MORTES VIOLENTAS		
NATURAIS	EXTERNAS	HOMICÍDIOS	SUICÍDIOS	ACIDENTES TRANSPORTE	NATURAIS	EXTERNAS	HOMICÍDIOS	SUICÍDIOS	ACIDENTES TRANSPORTE
26,4%	73,6%	39,7%	3,9%	19,3%	90,1%	9,9%	1,8%	0,2%	0,9%
100%		62,9%			100%		2,9%		

Fonte: SIM/SVS/MS *apud* WAISELFISZ (2011a. adaptado)

TABELA 2 – MORTE DA POPULAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL

MORTE DA POPULAÇÃO JOVEM					MORTE DA POPULAÇÃO NÃO JOVEM				
CAUSAS		MORTES VIOLENTAS			CAUSAS		MORTES VIOLENTAS		
NATURAIS	EXTERNAS	HOMICÍDIOS	SUICÍDIOS	ACIDENTES TRANSPORTE	NATURAIS	EXTERNAS	HOMICÍDIOS	SUICÍDIOS	ACIDENTES TRANSPORTE
27,0%	73,0%	35,1%	7,7%	21,5%	91,9%	8,1%	1,0%	0,2%	0,6%
100%		64,3%			100%		1,8%		

Fonte: SIM/SVS/MS *apud* WAISELFISZ (2011a. adaptado)

Percebe-se que tanto em nível nacional (TABELA 1), quanto regional (TABELA 2) o maior índice de violência levando ao óbito, encontra-se em sua

maioria por **causas externas**, entendida como decorrente de lesão provocada por algum ato de violência, enquanto que o óbito por **causas naturais**, percebido como morte por algum tipo de doença ou estado mórbido, tem sua representatividade mínima se comparada às causas externas (BRASIL, 2008b, p. 200-201. Grifos da autora).

Os dados demonstram que os jovens encontram-se em situação de maior vulnerabilidade à violência, constituindo um grave problema de saúde pública no Brasil, sendo a principal causa de morte entre esse grupo (ASSIS, CONSTANTINO, 2003, p. 182; WAISELFISZ, 2007, p. 16). De fato eles são a população mais atingida pela violência, ficando evidente na análise da TABELA 1, quando da comparação realizada entre as mortes violentas, de jovens e não jovens.

Um outro fato que chama atenção é a alta ocorrência das mortes por causas violentas entre os jovens, manifestadas em óbitos, acontecidos por acidentes de transporte, por homicídios ou agressões fatais e por suicídios, provavelmente em decorrência da deficiência no que diz respeito à segurança pública (WAISELFISZ, 2011a, p. 10-38).

No que se referem ao município de Rio Grande os dados das pesquisas citadas, apontam uma posição preocupante como se percebe nas tabelas a seguir:

TABELA 3 – POSIÇÃO DE RIO GRANDE EM RELAÇÃO AOS ÍNDICES DE VIOLÊNCIA

	POSIÇÃO ESTADUAL	POSIÇÃO NACIONAL
SEADE	1º	132º

Fonte: Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência (BRASIL, 2008a).

TABELA 4 – POSIÇÃO DE RIO GRANDE EM RELAÇÃO AOS ÍNDICES DE VIOLÊNCIA, SEGUNDO O TIPO DE VIOLÊNCIA

	POSIÇÃO ESTADUAL	POSIÇÃO NACIONAL
Homicídio	21º	323º
Suicídio	4º	19º
Óbitos por acidentes de transporte	10º	159º

Fonte: Mapa da Violência (WAISELFISZ, 2011a).

Os dados apresentados pelas pesquisas da Seade e do Mapa da Violência entram em consonância no momento em que o estudo realizado pela Secretaria Estadual da Saúde RS, para instalação do Programa de Prevenção a Violência, nos 50 municípios com maior índice de violência, identifica uma situação preocupante relacionada ao município de Rio Grande. Segundo esse último levantamento realizado no ano de 2009, foi constatado que das 496 cidades do estado, Rio Grande estava em 11º em maior cidade com incidência de violência. Essa classificação acabou propiciando a incorporação da política pública estadual de prevenção no município dando origem ao Programa de Prevenção a Violência - PPV.

Considerando que no estudo realizado pela SEADE foram abrangidos apenas municípios com mais de 100 mil habitantes e considerando que o estado do Rio Grande do Sul possui 18 municípios com essa característica, sendo que desse total, 9 possuem número de habitantes superior a do município de Rio Grande, pode-se afirmar que Rio Grande se encontra a frente das cidades de Porto Alegre, Novo Hamburgo, Pelotas e Caxias do Sul no que se refere a exposição dos jovens a violência (IBGE, 2010).

Essa exposição por vezes acaba sendo representada pelos números de casos relacionados a homicídios, suicídios e acidentes de transporte, as quais se tornam as principais causas de mortalidade desse grupo no município do Rio Grande (ver TABELA 4).

Os dados revelam que o sistema de segurança pública no município ainda é precário ou nem tão eficiente quanto deveria ser, portanto, é preciso que se repense as políticas de segurança, uma vez que a cidade atravessa momento de intenso crescimento econômico, com a expectativa do aumento da população para 350 mil habitantes até 2015, vindo a se tornar um contexto vulnerável para acontecimentos negativos não só para os jovens. Um planejamento urbano em curto prazo de tempo precisa ser priorizado, caso contrário, o município atravessará, além da problemática da violência, sérios problemas ambientais como por exemplo, poluição, o uso de espaços urbanizados para construção de moradias dentre outros problemas (WAISELFISZ, 2012, p. 58).

Com base nesse panorama atual do município, o Programa de Prevenção à Violência (PPV) surgiu como uma possibilidade de alterar o cenário em que vivem centenas de pessoas.

4.1 O Programa de Prevenção à Violência (PPV)

O Programa de Prevenção à Violência é uma política pública do governo do estado do Rio Grande do Sul, criada no mandato da governadora Yeda Crusius, que tem por objetivo reduzir os índices de violência nos municípios com os maiores indicadores, através da construção de uma rede social articulando ações governamentais e não governamentais. O programa teve como marco inicial a publicação dos Decretos nº 44.907 e 44.908, do ano de 2007, onde ficou estabelecido o Comitê Estadual para a Prevenção da Violência, composto por 86 instituições governamentais, e não governamentais (RIO GRANDE DO SUL, [s. d.]).

Foi realizado um piloto em 5 municípios do estado e, após esse período, sentiu-se a necessidade de se ter uma metodologia específica para o programa, vindo a ser criado no ano seguinte um termo de cooperação com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para implementação de uma metodologia, viabilizada pelos consultores.

A metodologia do PPV se desenvolve da seguinte forma:

Apresentação do Programa aos Gestores Municipais: Prefeito, secretários e técnicos conhecem o PPV.
 Adesão do Município: Prefeito formaliza, através de ofício, a adesão do município ao Programa.
 Reunião preparatória do GTGM: Formação do Grupo Técnico de Gestores Municipais com representantes de secretarias municipais afins com as secretarias estaduais.
 GTGM: Publicação/nomeação dos representantes do GTGM.
 Ato público para assinatura do Termo de Adesão: A comunidade é informada da metodologia e do objetivo do PPV.
 Criação do Comitê Municipal: Representantes da comunidade e da sociedade civil organizada e o GTGM integram o Comitê Municipal.
 Capacitação das redes para o diagnóstico situacional: Reuniões de formação, dinâmicas e técnicas de planejamento estratégico participativo.
 Elaboração do diagnóstico situacional: Oficinas, trabalho de campo e coleta de dados sobre o município.
 Plano de Ação: Após a elaboração do diagnóstico e a definição da área é a vez de elaborar as estratégias de ação.
 Monitoramento: Implantação do plano de ação.
 Avaliação: Balanço sobre o impacto das ações desenvolvidas, prestação de contas, ajustes e novo planejamento. (RIO GRANDE DO SUL, [s. d.]).

Pode-se perceber que o programa está bem estruturado, com metodologia bem definida, possibilitando o incremento de projetos existentes para que se materialize nas áreas mais vulneráveis. O programa tem como meta a diminuição de 20% do índice de violência dos municípios no período de 4 anos.

Em contrapartida a adesão dos municípios, o governo do estado subsidia a construção de Unidades Básicas de Saúde (UBS), aporte financeiro para a construção de obras relacionadas ao PPV, complexos poliesportivos compostos por espaços de convivência que possuem arquibancada, palco para *shows*, além de 4 salas de apoio, que possibilitarão que a comunidade desenvolva uma nova cultura de prevenção à violência, ficando a condução pedagógica compartilhada entre a comunidade e o gestor municipal (RIO GRANDE DO SUL, [s. d.]).

No município do Rio Grande, foi realizado o diagnóstico situacional pela equipe do Grupo Trabalho Gestor Municipal (GTGM), em conjunto com representantes da sociedade civil, que buscou levantar informações sobre os bairros do município e os registros de violência em cada território por meio de notificações realizadas pelo Observatório da Santa casa, Promotoria, Delegacias, Juizado

Especial da Infância e da Juventude, Conselho tutelar, Brigada Militar, Polícia civil e o levantamento realizado pela Estratégia Saúde da Família, entre outros órgãos.

Os resultados do diagnóstico apontaram para o problema da violência em diversos bairros. Contudo, para a seleção dos bairros que receberiam o programa foram considerados os seguintes critérios: situação de vulnerabilidade, presença da estratégia da saúde da família e altos índices de violência.

Diante desse recorte foram selecionados os seguintes bairros: Castelo Branco I, Castelo Branco II e Santa Rita de Cássia (RIO GRANDE, 2010). Segundo o relatório realizado, esses bairros possuem em conjunto 42 pontos de tráfico de drogas, um importante atrativo para as situações de violência e para os jovens usuários e jovens envolvidos com a venda dessas substâncias. Um ano após a implantação do programa outros dois bairros foram contemplados com o programa, são eles: Cidade de Águeda e parte da área Centro de Atenção Integral a Criança (CAIC) (RIO GRANDE, 2010).

A pesar do PPV, não estar diretamente ligado à subtração dos índices de violências relacionado especificamente ao público jovem, as ações desenvolvidas neste espaço tem contemplado também esse público. Como a meta proposta pelo programa prevê ações durante 4 anos, no caso do município do Rio Grande esse período encerra-se no ano de 2012.

Recentemente, com a mudança do governo do estado, o PPV migrou para o *Programa RS na Paz* – Programa Estadual de Segurança com Cidadania (Proesci), ficando a coordenação a cargo da Secretaria de Segurança Pública do estado, tendo como modelo o Programa Nacional de Segurança com Cidadania (Pronasci), instituído no Ministério da Justiça durante a gestão do atual governador Tarso Genro. Segundo informações da coordenadoria do programa, um acordo com a UNESCO está sendo negociado para que seja mantida a mesma metodologia do PPV, porém com criação de outros 2 eixos como: 1) trabalho nos territórios da paz e 2) combate à pobreza extrema. Nesse último eixo, o *RS Mais Igual* é o programa que será responsável pelo trabalho com a população que vive nessa situação. Já a Secretaria da Saúde do Estado (SES-RS) ficará responsável apenas com o que disser respeito à área da saúde, sendo desenvolvido o trabalho juntamente com a estratégia da saúde da família nesses espaços.

O Proesci será implantado em 25 cidades do estado com mais de 100 mil habitantes, cujo índice de homicídios é alto. Esse programa tem como lema o combate à violência e a criminalidade nas comunidades mais vulneráveis, vindo a transformá-las em territórios de paz, para tanto serão desenvolvidas ações preventivas e de combate. Tais ações estão em consonância com as propostas sugeridas pela agenda 21, onde é indicado que se combata os fatores que promovem o aumento à violência (BRASIL, 2004b, p. 140)

O público principal do Proesci serão os jovens de 12 a 24 anos de idade, diferentemente do Pronasci que se volta para jovens entre 15 e 24 anos, esse alargamento em relação a faixa etária contempla o entendimento de que é importante que se comece desde cedo um trabalho preventivo a fim de evitar que o crime seja a única alternativa de vida para eles. Nesta seara, Rio Grande está entre as cidades contempladas com o programa (RIO GRANDE DO SUL, 2012).

A partir dessas informações, fica evidenciado que o *RS na Paz*, servirá para complementar ainda mais o antigo PPV, somando as ações que já vinham sendo desenvolvidas. Porém nesse novo formato, além de manter o foco na diminuição da violência no âmbito mais geral, o programa ainda visa à diminuição das desigualdades sociais através da potencialização das políticas sociais, com a construção de parcerias entre prefeitura e sociedade civil, tendo sua vertente voltada para a juventude, objetivando o desenvolvimento de um trabalho de prevenção e combate junto aos jovens estão vulneráveis ao “mundo do crime”, buscando uma ação em conjunta baseada no diálogo entre ações sociais e policiais (RIO GRANDE DO SUL, 2012),

Percebe-se então que esta havendo uma conscientização por parte do poder público, sobre a problemática da violência, tornando-os sensíveis a ponto de criar programas na tentativa de reverter essa situação que afeta negativamente o meio ambiente num todo, sendo esse, segundo a Carta de Belgrado, um dos objetivos indicativos da Educação Ambiental (REIGOTA, 2009, p. 53).

5 MÉTODO

O estudo trata de uma pesquisa descritiva do tipo quantitativo e qualitativo. Foram utilizadas nesta pesquisa diferentes técnicas para coleta de dados – questionário, entrevistas semi-estruturadas, encontros semanais e diário íntimo. Partiu-se do pressuposto que os dados quantitativos poderiam oferecer importantes indicadores, no entanto, para compreendê-los seria necessário o levantamento de informações complementares a respeito da dinâmica social e pessoal dos jovens participantes. Portanto, também foi privilegiada a coleta de dados qualitativos, os quais permitiram apreender os significados que o jovem atribui aos seus contextos e a violência.

Os dados quantitativos foram coletados através do questionário, que segundo Günther (2003, p. 1) “assegura melhor representatividade e permite generalização para uma população mais ampla”, permitindo o acesso a um número extenso de dados e vários participantes, além de possibilitar uma análise ampla das ocorrências mais significativas. Já a entrevista, outra técnica também utilizada nesta pesquisa, pode ser definida como uma conversa com um propósito (BINGHAM; MOORE, 1959 *apud* GÜNTHER, 2003), onde o entrevistador tem a tarefa de promover o interesse e a cooperação do respondente (RUMMEL, 1981, p. 95).

No que se refere aos dados qualitativos, estes foram coletados através do diário íntimo, da entrevista semi-estruturadas e dos encontros semanais. O diário íntimo é entendido como um instrumento autobiográfico (FERREIRA, 1978), que possibilita escritas diárias sobre o cotidiano, as percepções e as histórias dos jovens entrevistados. O *Le Journal intime* (BLANCHOT, 1955, p. 20; DIDIER, 1976; DEL LITTO, 1978; ROUSSET, 1983; LEJEUNE, 1993; SIMONET-TENANT, 2004), diário íntimo (JULLIEN, 1808 *apud* HESS, 1998; FERREIRA, 1978; BLANCHOT, 1996), ou diário pessoal (PINHEIRO *et al.*, 2008) como também é chamado. Este instrumento é muito utilizado por pesquisadores na França, um deles é Philippe Lejeune, um dos grandes escritores franceses que vem se dedicando ao estudo desses escritos, tendo investigado as autobiografias de Gide, Rousseau, Perec, Leiris dentre outros. O autor afirma que não existe um diário sobre o qual poderíamos dizer coisas simples, mas diários que sugerem respostas complexas e às vezes contraditórias (LEJEUNE, 1989, p. 27 *apud* CHARLON, 2010, p.1).

Segundo Pachet (1990, p. 13) *apud* Oliveira (2005, p. 21) um diário íntimo pode ser definido como:

Uma escrita na qual alguém manifesta um cuidado cotidiano de sua alma, considera que a saúde ou a melhora de sua alma se faz dia a dia, submetida à sucessão, a repetição dos dias, fonte de permanência e de variação.

A partir da definição pode-se perceber que o diário íntimo é um modo do criador exteriorizar seus pensamentos, mais do que um relato cotidiano, o momento da escritura é o espaço de repensar suas próprias ações, fazer um balanço do dia, e externar opiniões.

Pinheiro *et al.* (2008, p. 281) afirmam que “o diário pessoal é uma ferramenta valiosa para pesquisadores da área das relações pessoa-ambiente proporcionando importantes pistas sobre as interações humano-ambientais”. E ainda,

oferece possibilidades de um registro da experiência vivida pelo indivíduo **enquanto** ela transcorre, sem a presença de integrantes da equipe de pesquisa, e com pouca ou nenhuma influência (indireta) dos pesquisadores (2008, p. 287, Grifo da autora).

No caso desta pesquisa em específico, a aplicação do diário íntimo foi uma maneira encontrada de estudar a percepção dos jovens em relação ao fenômeno da violência e como esta estava inserida no cotidiano dos jovens, mesmo quando estes não estavam na presença da pesquisadora.

Entendendo que não há como alcançar a verdade absoluta referente aos relatos diários dos participantes, Wheeler e Reis *apud* Pinheiro *et al.* (2008, p. 306) destacaram que o auto-registro de pequenos eventos da vida cotidiana, é prática um tanto estranha, principalmente por que requer uma aceitação da realidade tal como definida pelos respondentes. Ainda assim, é interessante compreender a imagem construída de suas realidades, a maneira como eles percebem a si próprios, e também as suas ações, as relações familiares e com amigos e se de fato a violência está inserida nessas relações cotidianas, bem como a forma que ela se manifesta.

Estudos anteriores revelam a eficácia do uso desse instrumento para coleta de dados, desses pode-se citar o estudo de Bühler (1980, p. 83) com adolescentes, onde a autora apresenta como aspecto positivo do uso de tal instrumento a “dificuldade em obter informações dos adolescentes”, por “geralmente serem tímidos ou muito críticos”, e como ponto negativo, “a dificuldade do adolescente ser sincero

e o narcisismo juvenil pela possibilidade de contaminação no instrumento”, a autora afirmou ter sido a melhor opção o uso de diários íntimos como fonte de investigação para esse público, afirmando que “neles [diários íntimos], os jovens se mostram tais como são”. No entanto, a autora não descreve os procedimentos utilizados na aplicação desses diários.

No Brasil, Pinheiro *et al.* (2008, p. 282), utilizaram este instrumento para coleta de dados, mas com o nome de “diário pessoal”. Os autores aplicaram os diários com integrantes de 2 equipes de expedicionários que faziam a manutenção de duas reservas ecológicas distintas, Atol das Rocas e o Arquipélago de São Pedro e São Paulo, e passavam 15 dias isolados nesses locais. Como resultados da pesquisa, obtiveram relatos de desentendimento entre a equipe, falta de cuidado com o ambiente em que eles se encontravam, também apareceram desenhos reproduzindo os ambientes onde estavam. Apesar da dificuldade em encontrar material bibliográfico relacionado com o assunto pode-se perceber a importância desse instrumento como complemento para coleta de dados.

Diante dos diversos métodos utilizados para coletar os dados optou-se por realizar a triangulação metodológica, sendo definido por Vogt *apud* Pinheiro *et al.* (2008, p. 375) como “o uso de mais de um método para estudar a mesma coisa”. A escolha dessas estratégias metodológicas se deve a amplitude do tema que foi investigado e as características diferenciadas de cada sujeito de pesquisa.

5.1 Participantes

A partir dos dados apresentados é possível delinear um perfil dos jovens investigados, no entanto por esta pesquisa possuir aspecto quantitativo e também qualitativo, buscou-se preservar as peculiaridades dos sujeitos investigados, independente se seu perfil estaria ou não nas ocorrências com maior volume.

Conforme planejamento inicial da pesquisa, a coleta de dados ocorreu em 2 áreas distintas, a área coberta pelo PPV, e outras áreas do município não cobertas pelo programa. Na área PPV houve a participação de 99 jovens (representando 45,7% da amostra) e na área não PPV o estudo contou com 115 jovens

(representando 53,0% da amostra total). Do total de participantes, 3 (1,3%) não informaram em qual bairro moravam, o que impossibilitou a inclusão deles em uma das áreas.

Dentro do número total de jovens investigados, estão inclusos os pesquisados nos CRAS, que contou com a participação de 11 jovens, sendo 5 jovens do CRAS Cidade de Águeda (2,3%), e mais 6 jovens do Centro de Referência Assistência Social (CRAS) Hidráulica (2,8%), totalizando 11 participantes da segunda etapa de coleta de dados.

5.2 Procedimentos anteriores a coleta de dados

Após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em pesquisa da área da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande (CEPAS-FURG), foi então realizado contato inicial com a Coordenadora Adjunta da 18ª Coordenadoria Regional de Educação (18ª CRE), para solicitar autorização para aplicação da pesquisa nas escolas estaduais do município. Posteriormente foi realizado contato com as direções das escolas selecionadas para participarem da pesquisa, em seguida foi feita a apresentação, explicando objetivos e como seria o processo de aplicação do instrumento. Com a finalização da coleta nas escolas, partiu-se para a etapa seguinte da pesquisa: a coleta de dados junto aos CRAS.

Em relação à coleta de dados nos CRAS, foi realizado inicialmente um contato com a coordenação geral dos CRAS no município para a autorização da pesquisa. Nesse encontro, foram explanados os objetivos do estudo, apresentados os instrumentos de coletas e assinado o termo de autorização (ANEXO A). Os critérios de inclusão dos participantes foram esclarecidos aos coordenadores de cada CRAS.

No CRAS Hidráulica, a coordenação elegeu 3 jovens que estavam cumprindo medida socioeducativa, com a anuência da coordenadora do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), responsável por esses jovens, além de mais 3 meninas que participavam do curso de culinária.

Já no CRAS Cidade de Águeda, foi realizada uma reunião para a escolha dos participantes que contou com o apoio de uma equipe de trabalhadores deste local,

incluindo coordenadora, assistente social e uma técnica que trabalha diretamente com os jovens no projeto Projovem. Neste local obteve-se 4 jovens participantes do Projovem e 1 jovem das medidas socioeducativas, nessa seleção foi considerado às vivências dos jovens em relação à violência. Neste encontro já ficaram definidos os dias disponíveis para realização dos encontros com o grupo.

Ficou estabelecido que neste local seriam realizados 2 encontros semanais em grupos e cada encontro teria duração de 30 minutos, totalizando 1 hora por semana, em um total de 13 encontros, sendo o último encontro individual.

Após a seleção prévia realizada pela equipe, a pesquisadora foi apresentada individualmente a cada possível participante. Esse encontro destinava-se a apresentação do estudo, esclarecimento da participação de cada um e a apresentação do instrumento diário íntimo. Para cada jovem que se voluntariou a participar do estudo foi distribuído o termo de autorização para os pais assinarem, para que pudesse ser dado início a coleta de dados.

No primeiro encontro após trazerem o termo assinado, os participantes também eram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO B). Além disso, foi elaborado um contrato com cada participante, o qual constava o número de encontros que iriam acontecer entre o participante e a pesquisadora, o horário de início e de término, a solicitação para gravação das conversas em áudio.(APÊNDICE A).

Nesse encontro, foi também aplicado o questionário e distribuído o kit para o participante. O kit foi elaborado para subsidiar o desenvolvimento das atividades com o diário íntimo, nele havia: o diário íntimo, lápis, borracha, caneta, caneta hidrocor, lápis colorido, adesivos, tesoura, cola, régua, marcador de página, e um classificador onde o material estava organizado (ANEXO C). Foi solicitado que cada participante preenchesse o diário íntimo durante 20 dias, e ao final desse período o diário deveria ser devolvido.

Os encontros transcorreram de forma diferente nos 2 CRAS, pois os participantes do CRAS Hidráulica em sua maioria eram jovens que cumpriam medida socioeducativa e cada um comparecia em dia distinto dos outros participantes, foi então definido que haveria encontros individuais para a orientação e estimulação do preenchimento do diário íntimo, e também aplicação da entrevista individual. Neste CRAS, cada participante permaneceu com a pesquisadora durante

60 minutos, uma vez por semana, totalizando 6 encontros individuais iniciados na aplicação do questionário e entrega do material.

Cabe salientar que todas as decisões foram tomadas juntamente com a Coordenação do CRAS Hidráulica, sendo disponibilizada para a pesquisadora uma sala para atendimento do participante durante o tempo necessário.

5.3 Instrumentos

Questionário: Para este estudo, foi utilizado o Questionário da Juventude Brasileira (Versão Fase II – Dell’Aglio, Koller, Cerqueira-Santos, & Colaço, 2009 – ANEXO D). Tal instrumento foi elaborado para a segunda etapa do Estudo Nacional sobre Fatores de Risco e Proteção na Juventude Brasileira, a partir do questionário utilizado na etapa I (KOLLER, CERQUEIRA-SANTOS, MORAIS, & RIBEIRO, 2005), vinculado ao Grupo de Trabalho “Juventude, Resiliência e Vulnerabilidade” da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP).

O questionário original conta com 77 questões que tratam sobre os fatores de risco e proteção presentes na vida dos jovens. Para esse estudo foram utilizadas as questões nº 1 até a questão nº 14, e as questões nº 31 a nº 42 e as questões de nº 86 e nº 87 (ANEXO D). Dez questões referentes ao foco do estudo foram agregadas. O questionário foi aplicado de forma coletiva em diversas escolas do município, e teve duração média de 1 hora e 14 min.

Diário Íntimo: Ao final da aplicação do questionário foi disponibilizado o Diário Íntimo para aqueles jovens selecionados para essa segunda etapa do estudo. O diário foi oferecido para os participantes que estavam envolvidos nas atividades desenvolvidas nos CRAS. Segundo Bühler (1946) *apud* Ferreira (1978, p. 32-33), o “diário íntimo”, consiste em um instrumento onde constam perguntas norteadoras para que os participantes possam manifestar-se sobre acontecimentos cotidianos da forma como desejarem (poesia, descrevendo os fatos, desenhos), ou ainda comentando outro fato que considera interessante. A necessidade do uso desse tipo de instrumento se deu devido às características próprias do público que seria investigado, pois estes poderiam não ser tão receptivos para descrever questões pessoais ou terem “dificuldades em ser objetivo”, com isso foi imprescindível a

utilização de um instrumento que oportunizasse o jovem a liberdade de se expressar, para que pudessem mostrar-se tais como são sem receios de críticas.

Durante o período que o instrumento ficou com os jovens, eles faziam apontamentos sobre seu cotidiano, informando como percebiam a realidade na qual estavam inseridos (comunidade, família e escola). Questões norteadoras foram disponibilizadas como, por exemplo: “*o que aconteceu de bom*” e “*o que aconteceu de ruim*”. Uma questão voltada para a violência foi descrita e foi solicitada a atribuição de uma emoção: feliz, triste, ansioso, entusiasmado, esperançoso, dentre outros. Ao final de cada dia havia um espaço livre onde poderiam se expressar da maneira que desejassem, através do desenho, poesia, música ou ainda contar algum outro fato que achavam interessante e que porventura não tenha sido norteado no diário (APÊNDICE A).

Encontros semanais: No período em que os jovens estavam com o diário, foram realizados encontros semanais, para acompanhamento dos participantes, estimulação da escrita e fortalecimento do vínculo, todos os encontros foram gravados, e posteriormente transcritos.

Entrevista: Entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com os jovens participantes dos CRAS (CRAS Cidade de Águeda e CRAS Hidráulica). As entrevistas objetivaram a escuta dos jovens participantes, as perguntas estavam relacionadas aos temas e as respostas descritas no diário íntimo.

5.4 Considerações éticas e procedimentos

Inicialmente, esse projeto passou pela avaliação do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde (NEPES) para que fosse autorizado o acesso aos dados mapeados pela Estratégia de Saúde da Família (ESF) e aos dados do PPV, a fim de conhecer universo a ser investigado. A partir da aprovação da coordenação da Secretaria Municipal de Saúde da cidade do Rio Grande (SMS-RG) foi possível acessar o Sistema de Informação da Atenção Básica (SIAB), o qual permitiu a identificação do número populacional, do sexo e da idade dos moradores de cada bairro atendido pela estratégia.

Como o presente estudo baseou-se nas preocupações éticas e metodológicas discutidas nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras da Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Resolução 196/96) foi submetido a análise do CEPAS-FURG.

Para a realização do estudo um termo de consentimento livre e esclarecido foi entregue aos participantes do estudo e aos seus responsáveis (ANEXO B) informando sobre os objetivos, benefícios e os riscos existentes na pesquisa. A autorização dos pais foi solicitada para todos aqueles que não tinham 18 anos completos. A participação de todos foi voluntária, sendo respeitada a decisão do convidado a participar ou não, desistir da participação ou a negar respostas às perguntas incluídas.

Foi garantido aos participantes da pesquisa o anonimato em relação as respostas do questionário como também do diário íntimo. Para tal, foi utilizado apenas um número de registro que será o mesmo para o questionário e o diário íntimo de cada participante, para evitar constrangimento para os adolescentes no momento de registrar seu dia a dia e também no momento de responder ao questionário.

5.5 Contexto da coleta de dados

Esse estudo foi realizado em diferentes escolas do município do Rio Grande – RS, vindo a ser aplicada em 10 escolas e também nos 2 Centros de Referência Assistência Social (CRAS), Cidade de Águeda e Hidráulica. Do total de locais investigados, foi possível atingir 39 bairros do município, dando mais amplitude ao estudo, conforme APÊNCICE C.

5.5.1 Coleta de dados

Inicialmente foi dada prioridade para coleta de dados nas escolas, uma vez que o período de início de coleta já estava próximo ao período de provas do último bimestre, sendo esse um dos motivos pelos quais muitos professores não aceitaram

que fosse aplicada pesquisa em algumas turmas, o que veio a dificultar na coleta de dados.

Outro ponto que dificultou o processo foi à negação da única escola da área PPV em aceitar a coleta, uma vez que precisaria investigar os jovens também daquela área, foi então que se pensou em aplicar na escola mais próxima destes bairros, no entanto, grande parte dos alunos não fazia parte da área PPV, precisando então expandir a coleta para outras escolas do município, com vistas a encontrar o maior número de jovens dessa área, uma vez que já haviam sido preenchidos o número de participantes da área não PPV e do PPV havia a metade do número indicado na proposta.

A dificuldade de encontrar esses jovens, fez com que houvesse a necessidade de expansão no número de escolas para coleta, foi então alterado de 2 escolas para 10, com objetivo de chegar ao número mais próximo de jovens que havia sido almejado no início do estudo. Do total de escolas investigadas, apenas 1 era próxima a área PPV, as outras 9 eram escolas localizadas em áreas mais afastadas da área PPV.

Após se esgotarem as possibilidades de coleta nas escolas do município, deu-se início a uma nova etapa da pesquisa, a coleta de dados nos Centros de Referência Assistência Social (CRAS) Cidade de Águeda e Hidráulica.

5.6 Análise dos dados

Após término da coleta de dados, foi criado um banco de dados no *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, versão 19, contendo todas as informações prestadas pelos participantes da pesquisa. Logo após essa etapa, foram realizadas estatísticas descritivas quantitativas considerando as respostas separadas por 2 grupos, área PPV e a área NÃO PPV.

Para a análise dos dados qualitativos obtidos através das questões abertas do questionário e as informações contidas nos diários íntimos foi utilizada a análise de conteúdo definida por Bardin (2002, p. 38) como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Dessa forma, os dados obtidos foram

submetidos à técnica de análise categorial, a qual baseia-se em “operações de desmembramento do texto em unidades, ou seja, descobrir os diferentes núcleos de sentido que constituem a comunicação, e posteriormente, realizar o seu reagrupamento em classes ou categorias” (BARDIN, 2002). Nesse estudo, as categorias emergiram dos dados trazidos pelos participantes e posteriormente descritos na pesquisa, de forma textual e/ou gráfica.

Para apresentação dos resultados foram utilizadas as respostas positivas, ou seja, nas questões dicotômicas, onde apresentavam as opções sim/não, a totalidade dos dados, foi computada a partir das respostas “sim”. Este fato ocorreu no gráfico 1, tabelas 6 e 17.

Vale destacar que em todas as questões abertas cada resposta poderia ser agrupada em mais de uma categoria devido à complexidade e a riqueza de algumas respostas. Esse procedimento foi replicado em todas as questões abertas (ver tabelas 5, 8, 11, 15, 18, 25, 29, 30, 35 e 36). Essa situação também ocorreu nas questões de múltipla escolha, onde o jovem poderia assinalar mais de uma opção simultaneamente (ver tabelas 9, 10, 12, 14, 34 e 37).

Para analisar o papel do jovem nas situações de violência investigadas, as suas respostas foram distribuídas entre: agressor, vítima ou testemunha, sendo que muitas vezes, uma mesma resposta poderia ser interpretada como o jovem desempenhando mais de um papel, como por exemplo: “Agredi e fui agredido por minha irmã”. Nesse caso o jovem desempenharia, ao mesmo tempo, o papel de agressor e vítima. Este procedimento poderá ser percebido nas tabelas 11, 18, 24, 25, 29, 30, 35 e 36.

As tabelas de número 7, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 38, 39, 40, 41, 42 e gráficos 2 e 3, referem-se a questões fechadas, não sendo necessário qualquer procedimento específico para sua análise.

6 RESULTADOS

Serão apresentados a seguir, os resultados da investigação, a partir das diferentes técnicas de coleta de dados utilizadas nesse estudo. No primeiro momento foi traçado o perfil dos jovens pesquisados. Na seção seguinte, estão organizados os dados referentes a percepção que os jovens investigados possuem de si mesmos. Em seguida, estão apresentados os resultados obtidos sobre os jovens e suas relações com a violência. E, por fim, estão descritos os eventos violentos relacionados aos contextos de desenvolvimento.

6.1 Perfil biosociodemográfico dos jovens pesquisados

Como já foi informado anteriormente, participaram 217 jovens, com idades entre 15 e 24 anos ($M=17,05$; $dp=1,982$), sendo 96 do sexo masculino (44,2%) e 121 do sexo feminino (55,8%). Desses 99 eram da área PPV e 115 da área não PPV.

Dentre aqueles 99 entrevistados da área PPV, 43 são do sexo masculino (43,4%) e 56 do sexo feminino (56,6%) e a idade média dos participantes foi de 17,15 ($dp=2,23$). Desses, 62 se auto-declararam brancos (62,6%), 16 negros (16,2%), 16 pardos (16,2%), 1 amarelo (1,0%), 4 indígenas (4,0%). Já dentre os 115 jovens da área não PPV 52 são do sexo masculino (45,2%) e 63 do sexo feminino (54,8%) e tem idade média de 16,99 ($dp=1,76$). Ainda, 77 se auto-declararam brancos (67%), 16 negros (13,9%), 19 pardos (16,5%), 1 amarelo (0,9%) e 2 indígenas (1,7%). Como 3 participantes não informaram o bairro onde moravam foram considerados *missing* (dados perdidos) e excluídos das análises.

A análise dos dados da amostra total ($N=217$) evidenciou também que 181 se declararam solteiros (83,4%), 6 afirmaram ser casados (2,8%), 7 moravam com companheiro(a) (3,2%), 1 estava separado (0,5%) e 22 participantes (10,1%) declararam se encontrar em outra situação, como por exemplo, namorando, noivo (a).

6.2 Autopercepção dos jovens

Os dados sobre o perfil biosociodemográfico daqueles jovens que participavam do CRAS puderam ser complementados com informações oferecidas pelos próprios participantes. Tais informações foram coletadas através da escrita dos diários íntimos, dos encontros semanais e das entrevistas individuais realizadas no último encontro no CRAS.

Para garantir o anonimato dos participantes, os jovens serão identificados pelas letras iniciais dos nomes, seguida da indicação da idade do pesquisado e o instrumento utilizado para coleta de determinada informação.

A primeira questão feita aos 11 jovens participantes dessa etapa de coleta de dados foi à reflexão: “Quem sou eu?”. As respostas oferecidas podem ser identificadas como autoconceito, sendo esse considerado por Assis *et al.* (2003, p. 670): “uma organização hierárquica e multidimensional de um conjunto de percepções de si mesmo”.

O conceito de si mesmo é uma percepção individual [...], formado a partir da experiência com o meio, das interações com os outros [...] e das atribuições do seu próprio comportamento, justifica-se então, a obtenção das variadas respostas obtidas através das falas dos jovens, uma vez que são seres singulares, com experiências particulares (SHAVELSON *et al.*, 1976, 1982 *apud* ANTUNES; FONTAINE, 1996, p. 82).

Alguns autores afirmam que o conceito de si próprio tem uma faceta descritiva e avaliativa, uma vez que ao refletir sobre suas atitudes terminam avaliando-as e descrevendo-as na forma de conceito (HARTER, 1983; MARSH, 1986 *apud* ANTUNES; FONTAINE, 1996; p. 82).

Como pode ser percebido no relato da jovem BA, onde a mesma deixa evidente sua posição em relação a si mesma:

[...] no início **era bem difícil**, eu era incomodada com as pessoas, elas chacoteavam comigo, e... praticavam **bullying** também [...] eu era literalmente um “**bicho do mato**” daí agora eu me libertei disso, ainda bem, e comecei a viver mais com as pessoas, comecei a sair mais também, eu sou uma guria agora **extrovertida** que adora estar com os amigos [...] (Jovem BA, 16 anos, participante CRAS Cidade Águeda – Entrevista individual. Grifos da autora)

Segundo Lopes Neto (2005, p. 165) *bullying* compreende “todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente [...], causando dor e angústia”, além disso, Middleton-Moz e Zawadski (2007, p. 21), destacam que:

os comportamentos envolvidos no bullying são variados: palavras ofensivas, humilhação, difusão de boatos, fofoca, exposição ao ridículo, transformação em bode expiatório e acusações, isolamento, atribuição de tarefas pouco profissionais ou áreas indesejáveis no local de trabalho, ameaças, insultos, sexualização, ofensas raciais, étnicas ou de gênero.

Estando em consonância com o relato da jovem BA, onde a mesma ainda manifesta sua insatisfação que sentia ao sofrer essa violência utilizando a expressão “era bem difícil”.

Ao afirmar que era “bicho do mato”, fica evidente que isso a tornava alvo para ser vítima dessa agressão, onde uma das características das vítimas de *bullying* esta justamente em ter poucos amigos e ser retraída (LOPES NETO, 2005, p. 167). No entanto, a jovem aponta um único adjetivo positivo que ela caracteriza como – extrovertida – gera uma mudança de postura (bicho do mato para extrovertida) e esta mudança, encontra-se diretamente ligada ao convívio entre os amigos.

Segundo pesquisa realizada por Buhrmester & Furman (1987) *apud* Santrock (c2003, p. 135), os adolescentes revelam informações íntimas e pessoais para seus amigos, buscando compartilhar o dia-a-dia e, problemas cotidianos, que muitas vezes não falam sequer com os pais. Essa afirmativa é confirmada através da fala da jovem PA:

[...] eu **sou tímida**, não converso muito com a minha família, **converso mais com meus amigos**, a sôra [DI] mesmo eu converso mais com ela, não conto tudo pra ela por que vá que ela conte pra minha mãe [...],[...] eu **sou difícil**, só quando eu tiver com raiva, ontem mesmo na formatura a GA veio e pego na minha mão, ai eu fiquei com raiva louca de vontade de dar um soco na cara dela, ai ontem eu fiquei brava, já me estressei, por causa de uma coisinha já [...], mas eu **sou calma**, eu **tenho muita vergonha** [...]. (Jovem PA, 17 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Entrevista Individual. Grifos da autora).

Santrock (c2003, p. 128) afirma que alguns teóricos descrevem a cultura dos pares como uma influência corrupta, que afeta o controle e os valores parentais, com isso alguns adolescentes terminam se afastando mais da família, passando a

compartilhar os momentos com o grupo. Essa postura pôde ser percebida na fala da jovem PA.

Essa ligação com os amigos e a importância que é dada a eles possibilita uma aproximação por afinidade e um desejo de aceitação, no entanto, na ânsia de pertencer ao grupo, algumas vezes, terminam agindo da mesma maneira, onde:

[...] alguns adolescentes são capazes de participar de qualquer coisa apenas para serem incluídos como membros do grupo, para eles, ser excluído representa estresse frustração e tristeza. (SANTROCK, c2003, p. 127).

E ainda, “os pares podem introduzir os adolescentes ao álcool, drogas, à delinquência juvenil, e outras formas de comportamento que os adultos consideram inadequadas” (SANTROCK, c2003, p. 128).

É possível perceber esse fato na fala do jovem LU, em resposta ao questionamento feito pela pesquisadora:

[...] como um **cara mau**, quando eu vou na quadra para jogar futebol sai todo mundo, os garotão **não gostam de mim** por que eu tô sempre avacalhando [...], e quando agente vai jogar, vai **só eu e os guri só o meu grupo** [...] (Jovem LU, 16 anos, participante do CRAS Cidade de Águeda – Entrevista individual. Grifos da autora)

O jovem LU, apresenta um conceito negativo tanto de si – um cara mau – quanto às outras pessoas em relação a ele – os garotão não gostam de mim – justificando esse fato por conta de atitudes negativas cometidas por ele. No entanto quanto LU refere-se aos seus amigos – eu e os gurus – traz a ocorrência da palavra “só” por 2 vezes, reforçando a ideia de restrição quanto ao seu grupo de amizades.

Conforme a afirmação da jovem RA, que se define como:

[...] ai é difícil... bom vamos dizer que eu **sou amiga, esforçada**, eu gosto de passear, eu **adoro meus amigos, e minha família**, acho que é isso [...]. (Jovem RA, 15 anos, participante do CRAS Hidráulica – Entrevista individual. Grifos da autora)

Nesta afirmativa a jovem se autopercebe como amiga e esforçada e também demonstra a conceitos positivos em relação aos amigos e também pela família, corroborando com a fala, Santrock (c2003, p. 128) afirma que:

[...] os adolescentes vivem num mundo conectado com pais e pares, e não num mundo desconectado, mostrando que essas relações não necessariamente precisam ser opostas, podendo sim ser agregadoras.

Alguns adolescentes optam por estar sempre junto à família, talvez por timidez, dificuldade de relacionar-se com outras pessoas, ou mesmo por escolha própria, é o caso da jovem a seguir:

[...] sou muito **sentimental, tímida**, sou muito **familiar**, eu gosto de **tá sempre com a família**, e tô sempre procurando alguma coisa pra fazer, um curso, um serviço [...].(Jovem IS, 15 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Entrevista individual. Grifos da autora)

A timidez e a introspecção são sinônimas do ser adolescente, conforme dito por Coimbra; Bocco; Nascimento (2005, p. 5), estando presentes inclusive nas falas da maioria das jovens participantes.

[...] sou **tímida**, amiga e sincera [...]. (Jovem ME, 15 anos, participante do CRAS Hidráulica – Entrevista individual. Grifo da autora).

[...] Sou uma pessoa **quieta, tímida**, mas se mexerem comigo **eu viro bicho**, não gosto que debochem de mim, que fiquem me zoando [...]. (Jovem JU, 16 anos, participante do CRAS Hidráulica – Entrevista individual. Grifos da autora).

Outro aspecto muito mencionado ao se definir, é a relação direta entre adolescência e comportamento impulsivo, ainda que buscando ser atenuados com justificativas para tais comportamentos.

[...] um cara **legal**, um pouco **explosivo** [...]. (Jovem MA, 18 anos, participante do CRAS Hidráulica – Entrevista individual. Grifos meus).

[...] ah eu tenho **pavio curto**, não gosto que mexam comigo, não gosto que metam meus irmãos, ninguém, ninguém, se for briga com meus irmãos **eu tomo as dor**, eu sou assim, não sei, não consigo discutir muito [...] (Jovem PA, 15 anos, participante CRAS Hidráulica – Entrevista individual. Grifos meus).

Em algumas falas os jovens afirmam ter já superado um comportamento considerado por eles como errado, como na fala da jovem BR:

[...] a **BR** de antes era uma pessoa que só **fazia coisas erradas**. (Jovem BR, 16 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Entrevista individual. Grifos meus)

[...] hoje **eu não sou o mesmo de antes**, por causa que eu **faço muitas coisas diferentes**, outras atividades, eu vou pro campo jogar bola, as vezes eu fico em casa jogando vídeo game, quando tem aula eu vou pra capoeira, domingo eu gosto de ir pro bailezinho que tem lá [...].(Jovem LC , 16 anos, participante CRAS Hidráulica – Entrevista individual. Grifos meus)

Todo o atributo descrito pelos jovens para se definirem são características que constituem a própria identidade dos adolescentes, como ser tímido, ser explosivo e sentimental (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005, p. 5). As falas descrevem conceitos tanto positivos quando negativos sobre si mesmos e descrevem características da pessoa. Como afirma Bronfenbrenner (1989, p. 90) *apud* Koller; De Antoni (2004, p. 53) “as características da pessoa em dado momento de sua vida são uma função conjunta das características individuais e do ambiente ao longo do curso de sua vida **naquele dado momento**”. É possível afirmar então que a visão do jovem em relação a si mesmo e do mundo que o cerca, dependerá da percepção que ele possui tanto de si quanto de sua posição, dado seu contexto. Vale destacar também que esta percepção poderá mudar, pois os seres humanos estão em constante desenvolvimento e com o jovem isto se intensificará devido, também, às suas características biológicas.

Esses dados permitem compreender um pouco mais sobre quem são os jovens que participaram desse estudo, em especial aqueles que foram participantes das diferentes etapas de coleta de dados. Esse contato inicial já permite uma aproximação do mundo que existe em torno desses jovens e oferece informações iniciais sobre as relações estabelecidas com a violência.

6.3 O jovem e as suas relações com a violência

Para conhecer a percepção e o significado atribuído à violência e as relações estabelecidas com as suas mais diversas facetas várias questões foram formuladas a todos os 214 jovens pesquisados. Inicialmente, foi solicitado que os jovens apresentassem uma definição ou um conceito sobre violência. As suas respostas foram muito diversas e a partir da análise de conteúdo puderam ser agregadas nas seguintes categorias que estão apresentadas na TABELA 5:

TABELA 5 – CONCEITO DE VIOLÊNCIA

	PPV n(%)	NÃO PPV n(%)
Agressão (física ou verbal)	50 (38,7)	56 (37,8)
Associada a impunidade	2 (1,6)	1 (0,7)
Associada a um conceito negativo	17 (13,2)	15 (10,1)
Associada à violência sexual	2 (1,6)	5 (3,3)
Ato cometido por quem é covarde	0 (0,0)	1 (0,7)
Ato cometido por quem é ignorante	2 (1,6)	1 (0,7)
Ato cometido por quem não gosta dos outros	0 (0,0)	1 (0,7)
Ato cometido por quem não possui valores	0 (0,0)	1 (0,7)
Ato cometido por quem não tem amor próprio ou pelos outros	2 (1,6)	2 (1,4)
Ato cometido por quem não tem ética	0 (0,0)	1 (0,7)
Ato cometido por quem não tem limites	0 (0,0)	1 (0,7)
Ato cometido por quem não tem tolerância	1 (0,8)	0 (0,0)
Ato cometido por quem quer se sobressair	3 (2,3)	1 (0,7)
Ato cometido por quem se julga superior	1 (0,8)	0 (0,0)
Ato impensado	1 (0,8)	1 (0,7)
Ato inconsequente	1 (0,8)	1 (0,7)
Colocar medo em outra pessoa	2 (1,6)	0 (0,0)
Cometer delito(s)	4 (3,1)	5 (3,3)
Desrespeito com o outro	6 (4,6)	9 (6,0)
Fator gerador de violência	1 (0,8)	2 (1,3)
Fazer algo contra a vontade	6 (4,6)	9 (6,0)
Negligência ou abandono	0 (0,0)	1 (0,6)
Praticada por pessoas que foram vítimas	0 (0,0)	1 (0,6)
Prejudicar, discriminar ou maltratar outra(s) pessoa(s)	18 (13,9)	27 (18,2)
Resposta a um ato violento	0 (0,0)	1 (0,6)
Tragédia, morte ou caos	6 (4,6)	2 (1,3)
Uma maneira de fugir da realidade	0 (0,0)	1 (0,6)
Não sabe	1 (0,8)	0 (0,0)
Não corresponde ao que foi perguntado	3 (2,3)	2 (1,4)
TOTAL	129 (100,0)	148 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 86.

A TABELA 5 parte da questão aberta que indagava os jovens **o que era violência**. Como foi obtido um enorme número de respostas, a análise de conteúdo foi privilegiada. A partir da avaliação geral das respostas foram emergindo as categorias expostas na tabela acima, gerando um total de 129 respostas dos 96 participantes da área PPV que responderam à questão e 148 respostas na área NÃO PPV geradas a partir de 106 respondentes.

Como pode ser verificado na TABELA 5, percebe-se que os jovens de ambas as regiões trouxeram muitas definições relacionadas à agressão, seja física ou verbal. No que se refere à violência física, provavelmente seja pelo fato de ser uma

violação mais evidente e de fácil identificação, atingindo a integridade física do sujeito, podendo ser traduzida em agressão, homicídios, violações, e roubos a mão armada (CHESNAIS, 1981 *apud* MINAYO; SOUZA, 2003, p. 26). Muitas respostas estiveram também relacionadas à violência verbal, pois é provável que essa situação retrate a alta predominância dessa violência entre os jovens. Em estudo realizado em 2007, com cerca de 3.200 jovens, de 15 a 19 anos, 85% dos jovens relataram já terem sofrido violência verbal (MINAYO, 2011).

Aos jovens participantes dos CRAS, além da aplicação do diário íntimo, foi levantado, por meio de questionário, a sua definição de violência, onde serão apresentados no QUADRO 1:

QUADRO 1 – DEFINIÇÃO DE VIOLÊNCIA DOS JOVENS DOS CRAS

Participante (código)	Idade	CRAS	Vínculo com o CRAS	Relação com a violência	Definição de violência no diário	Definição de violência no questionário
BA	16	Cidade de Águeda	Projovem	Descobriu-se bissexual e afirma sofrer discriminação por parte de alguns amigos	Não preencheu	Para mim violência é agredir uma pessoa física ou psicológica
BR	16	Cidade de Águeda	Projovem	Afirma sofrer discriminação por parte dos vizinhos por ter sido usuária de drogas, além de ter vivenciado muitas situações violentas enquanto se drogava com amigos.	Não preencheu	Violência é um ato que as pessoas ruim fazem para até seus próprio familiares
IS	15	Cidade de Águeda	Projovem	Foi abusada sexualmente aos 9 anos de idade e sofre violência familiar da mãe	Não houve acesso ao diário	São coisas que fazemos á certas pessoas tanto fisicamente como verbalmente, que possam magoar alguém, ou violentar fisicamente.
LU	16	Cidade de Águeda	Medida Socioeducativa	Após ter vendido uma bicicleta roubada, foi cobrar o jovem, o mesmo não tendo dinheiro para pagar acabaram brigando e o irmão de LU deu uma facada no comprador.	Não preencheu	É brigas, drogas, etc
PA	17	Cidade de Águeda	Projovem	Afirma vivenciar a violência através do irmão que é usuário de drogas, e também com o namorado que é ciumento e às vezes tem atitudes violenta.	Não preencheu	Violência é quando xinga , quando botam apelido, etc

QUADRO 1 – DEFINIÇÃO DE VIOLÊNCIA DOS JOVENS DOS CRAS (CONTINUAÇÃO 1)

Participante (código)	Idade	CRAS	Vínculo com o CRAS	Relação com a violência	Definição de violência no diário	Definição de violência no questionário
JU	16	Hidráulica	Aluna do curso de culinária	Único envolvimento tido como violento se refere à briga entre a jovem e a professora de culinária.	Violência é algo muito cruel. Ninguém merece passar por ela. É uma coisa que deprime e afeta o bem-estar do ser humano. A violência é um pecado que jamais poderia ser criado. Ela é um pesadelo, seja verbal ou físico. Não a desejo para ninguém.	É qualquer forma que seja para humilhar o próximo e fazer vítimas
LC	16	Hidráulica	Medida Socioeducativa	Cumprida medida por porte ilegal de arma, afirma que sofre discriminação por conta dessa situação.	Não preencheu	Para mim violência é quando uma pessoa mata a outra pessoa por nada só para se divertir e brincar, mas essas brincadeiras não são legais.
MA	18	Hidráulica	Medida Socioeducativa	Cumprida medida por estar dirigindo sem habilitação, e segundo relato foi acusado de estar com sintomas de embriaguez. Afirmo nunca ter sofrido qualquer tipo de violência.	A violência envolve um conjunto de fatores. Muitas vezes a angústia e os problemas das pessoas fazem com que elas utilizem essa forma errônea de se expressar, porém penso de que outra forma liberar todos esses sentimentos aprisionados sem envolver os que nos cercam?	Uma válvula de escape.

QUADRO 1 – DEFINIÇÃO DE VIOLÊNCIA DOS JOVENS DOS CRAS (CONTINUAÇÃO 2)

Participante (código)	Idade	CRAS	Vínculo com o CRAS	Relação com a violência	Definição de violência no diário	Definição de violência no questionário
ME	15	Hidráulica	Aluna do curso de culinária	Foi abrigada por maus tratos da família.	Pais que batem em crianças e adolescentes, acima daqueles velhos beliscõezinhos e aqueles puxões de orelhas estão para mim praticando violência, mas esta é apenas física e pode acontecer com qualquer pessoa em qualquer lugar e ser praticada por qualquer pessoa. Existe também aqueles xingamentos que parecem comum, aquelas coisas comuns de brigas entre qualquer pessoa, mais esses xingamentos se tornam violência quando começam a se tornar baixo demais tendo motivos quaisquer que forem. Por isso para mim existe 2 tipos de violência a física e a verbal	Bater em crianças e adolescentes é violência para mim, ou ofender alguém com xingamentos é violência.
PA	15	Hidráulica	Medida Socioeducativa	Cumprindo medida por Briga de rua, afirma que, além disso, já se envolveu em brigas na escola.	Não preencheu	É você me falar ou agir de alguma maneira que eu não goste
RA	15	Hidráulica	Aluna do curso de culinária	Relatou não ter sofrido violência, porém afirmou saber de um fato preocupante, onde a mesma afirma: ficou sabendo que dentro de um abrigo para meninas em Rio Grande as meninas são abusadas sexualmente.	Bom eu não sou muito de escrever, nos primeiros dias eu não levei muito a sério, mas depois eu li o que eu escrevi e parei para pensar. É a vida agente se surpreende quando não acontece alguma violência no seu redor, é estranho. Todos os dias que eu vejo TV mostra alguma coisa ruim, isso é sempre a cada 10 notícias que são ruins.	Violência para mim é tanto agressão física quanto agressão verbal. Uma pessoa humilha a outra falando da sua deficiência, essa que foi humilhada não se sentiu agredida na sua carne, mas na sua mente e na sua alma.

Fontes: Diário íntimo; Entrevista; Questionário Juventude Brasileira – questão nº 86.

As informações contidas no item “relações com a violência” foram obtidas por meio das reuniões com a equipe dos CRAS, nestes itens é possível perceber que muitos dos jovens investigados possuem relação direta com a violência. No que se refere aos jovens que cumprem medida socioeducativa, alguns casos possuem maior gravidade, tal como se apresenta no caso dos jovens LU – envolvimento com roubo; LC – porte ilegal de arma; MA – dirigir sem habilitação e PA – brigas na rua e na escola.

Outros fatos relatados pelos participantes também merecem destaque, como o caso da jovem IS, onde a mesma afirma ter sofrido violência sexual aos 9 anos

[...] já sofri um atentado desse de já mexeu no meu corpo, que um amigo da minha mãe da família ele me levou pra casa dele e **começou a passar a mão em mim, isso eu tinha uns 9 anos** [...].
[...] a pouco tempo ele passou um dia na frente de casa, e tento me agarrar de manhã cedo, só que ai era de manhã não tinha ninguém na rua [...] bah eu nem sei explicar, estranho mesmo, acho que eu não aguentaria passar por tudo de novo, apanhar eu ainda apanho né, mas isso também não ia conseguir [...](sic) (Jovem IS, 15 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Entrevista individual. Grifos da autora).

Constata-se, a partir do relato da participante, que o abusador, foi alguém da confiança da família, que tinha uma convivência com a vítima, estando este relato em consonância com a maioria das pesquisas, nas quais destacam o agressor deste tipo de violência, como alguém que a criança ou adolescente tem confiança, tendo uma estreita convivência, podendo ser familiares ou alguém ligado a família e conhecidos (FALEIROS, 2003 *apud* SANTOS; DELL’AGLIO, 2010, p. 329). Ainda sobre o abuso sexual contra crianças e adolescentes, SANTOS (2004) afirma que:

ela tem origem nas relações desiguais de poder, dominação de gênero, classe social e faixa etária, sob o ponto de vista histórico e cultural, que contribuem para a manifestação de abusadores e exploradores. **A vulnerabilidade da criança, sua dificuldade de resistir aos ataques do abusador são condições que favorecem a ocorrência da violência sexual** (Grifos da autora).

No que se reporta a situação de vulnerabilidade enquanto fator de auxílio para a ocorrência do abuso sexual infantil, cabe destacar outro relato sobre o tema que foi expresso pela jovem RA, onde a mesma denuncia:

[...] Fiquei sabendo que aqui em Rio Grande tem 1 casa que é 1 abrigo para meninas e lá dentro não tem muito controle, abusam de meninas que não tem como se defender e é abuso sexual, quando eu fiquei sabendo me apavorei [...] (Jovem RA, 15 anos, participante CRAS Hidráulica – Diário íntimo).

Alguns relatos de relação com a violência estavam associados ao uso de drogas, tal como a jovem BR, onde a mesma afirma que já foi usuária:

[...] quando usava droga ninguém chegava perto de mim, e até hoje depois de 9 meses sem usar ainda me tem como drogada, os meus vizinhos não me aceitam e nem deixam os filhos andarem comigo, e isso me deixa muito triste né... ai o projovem me ajuda a fazer novos amigo e to voltando a me divertir [...] (Jovem BR, 16 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Entrevista individual).

Ainda sobre a relação entre a violência e o uso de drogas, a mesma jovem, em seu relato, percebe esta associação: “[...] meus amigos quando usavam droga pegavam um pedaço de pau e ficavam se batendo [...] **a droga ajuda muito na violência** [...]” (Jovem BR, 16 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Entrevista individual. Grifo da autora).

A jovem PA testemunhou o caso de seu irmão, que é usuário de drogas:

ele fumou pedra, ele roubou tudo da minha mãe [...]e disse que fumava maconha com pó [...]ai começou a fumar, só que ele mentia pra mim que era pó, **só que pó não fazia muita coisa né**, e não, era pedra com maconha, ai foi fumando, foi fumando, fumando, um dia ele seco assim de vez [...] (Jovem PA, 17 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Entrevista individual. Grifo da autora).

Nota-se neste relato que a ideia de gravidade no uso de droga é minimizada, onde a jovem PA considera a cocaína, denominada por ela como “pó”, um tipo de droga que não traria maiores consequências.

Outros aspectos negativos foram atribuídos à consequência ao uso de drogas, bem como sua dependência:

[...]ai sumiu a televisão e um DVD, ai minha mãe ficou tri triste assim, chorava, bah ela secou de vez, todo mundo sofria, da família né, ai quando vê ela descobriu que foi o [meu irmão] que roubou, ai depois de novo ela confiou nele e sumiu R\$ 100,00, ai foi sumindo R\$ 50,00, R\$ 50,00[...] (Jovem PA, 17 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Entrevista individual. Grifo da autora).

Ligada à violência está também a associação da discriminação sentida por quem a cometeu algum ato violento, como no caso do jovem LC, que afirma sofrer

discriminação por estar cumprindo medida sócio-educativa por porte de arma: “[...] meus colegas ficavam falando [...] ai meu vai lá limpa valeta, aproveita e já limpa a minha, ai eu dizia ôh meu eu não limpo valeta [...]”. Este tipo de medida é tomada pela Superintendência dos Serviços Penitenciários (SUSEPE) do Rio Grande do Sul, através do Protocolo de Ação Conjunta (PAC) onde as prefeituras utilizam a mão de obra prisional na limpeza urbana, em Rio Grande os detentos trabalham na limpeza de valetas (RIO GRANDE, 2012). Com isso os colegas de LC o igualam a um detento, ainda que, possivelmente, de forma irônica. A saber, a medida sócio-educativa tem como seu escopo:

proporcionar ao adolescente uma nova compreensão dos valores da vida em sociedade, substituindo as práticas assistencialistas e repressivas por uma proposta de intervenção sócio-educativa baseada em noções de cidadania, resgatando seus direitos humanos fundamentais (VERONESE; SILVEIRA, 2011, p. 250)

Com isso, verifica-se que a finalidade da medida tem cunho educativo e não exclusivamente punitivo, ainda que haja desconhecimento sobre esta faceta do ECA.

Outra relação com a violência encontrada entre os jovens foi discriminação em razão de sua orientação sexual, conforme a jovem BA relata:

[...] esse ano eu me descobri bissexual, dai eu tinha uma amiga desde a época do colégio, desde primeira série, que ela era minha melhor amiga né, dai esse ano ela não sabia de mim ainda, dai esse ano **ela me viu com outra guria**, dai sei lá **ela mudou completamente comigo, ela não fala mais comigo** é no máximo um “oi”, e sendo que a gente era a melhor amiga, então daí eu acho que isso foi bem, bem marcante pra mim [...] (Jovem BA, 16 anos, participante CRAS Cidade Águeda – Entrevista individual. Grifos da autora)

É visível, a partir do relato de BA que, a partir do momento que amiga a viu com outra menina ela passa a sofrer discriminação por conta de sua orientação sexual.

A partir do QUADRO 1 é possível afirmar que existe uma relação entre o conceito de violência e a vivência do jovem em relação a este fenômeno, ou seja, o jovem conceitua um ato violento àquilo que ele sofre ou comete, como na afirmação de LU, onde este fala de brigas, sendo que o mesmo está cumprindo medida socioeducativa por conta do envolvimento em uma briga. Outro exemplo pode ser verificado no relato de ME, que atribuí ao seu conceito de violência vários tipos de violência física, sendo que esta jovem sofreu de maus tratos na família.

Uma questão fechada também investigou o conceito de violência. Para isso, os exemplos de violência apresentados por Minayo (2006, p. 96-98) inspiraram a construção de uma questão fechada de múltipla escolha sobre violência que buscava perceber se os jovens reconheceriam quais das opções eram identificadas como violência. Foram encontradas as seguintes respostas (ver TABELA 6):

TABELA 6 – AÇÕES QUE CONSIDERA VIOLENTA

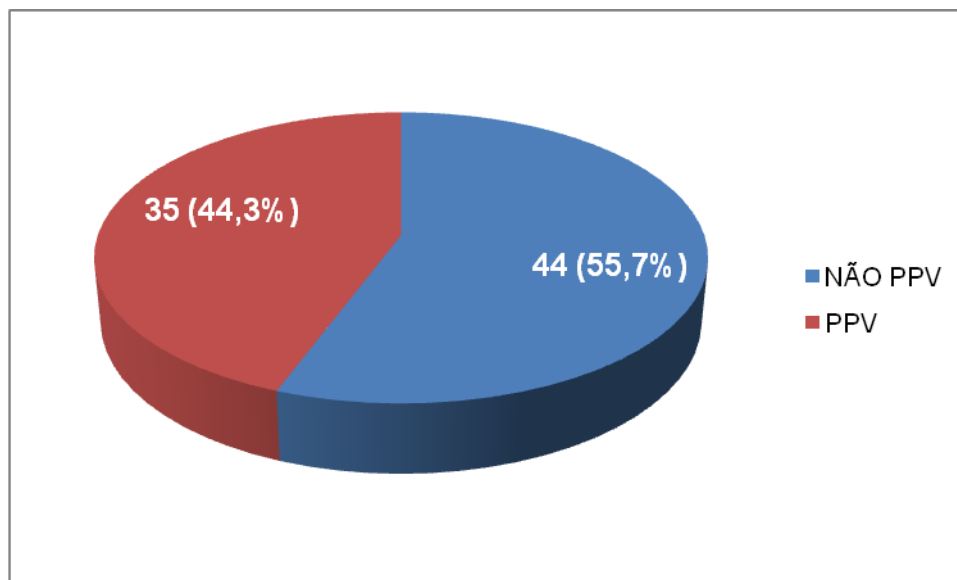
	PPV n(%)	NÃO PPV n(%)
Forçar alguém a ter relações sexuais	95 (13,2)	112 (13,5)
Andar a maior parte do tempo em grupos	9 (1,2)	3 (0,3)
Quebrar utensílios móveis	59 (8,1)	70 (8,3)
Usar linguagem que ofenda alguém	66 (9,0)	73 (8,8)
Ignorar, criticar ou ofender uma pessoa, por meio de ironias ou piadas.	49 (6,7)	54 (6,4)
Ser xingado com palavras ofensivas por pais ou responsáveis	48 (6,6)	60 (7,1)
Trancar alguém em casa	64 (8,8)	54 (6,4)
Esconder ou rasgar pertences e documentos seus ou de outras pessoas	41 (5,6)	52 (6,2)
Discriminar alguém por sua aparência	78 (10,8)	85 (10,2)
Agredir deixando marcas com hematomas e fraturas	83 (11,5)	105 (12,6)
Apanhar de pais ou responsáveis	51 (7,0)	68 (8,2)
Ameaçar de espancamento ou de morte	80 (11,0)	97 (11,7)
Namorar em praças ou nas vias públicas	4 (0,5)	3 (0,3)
TOTAL	727 (100,0)	836 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 38.

É possível verificar que quando são oferecidas categorias *a priori* os jovens tendem a identificar a violência quando existem atos que envolvem a violência física, uma vez que as respostas com maior frequência foram aquelas que relatam situações de agressão sexual e agressão física para ambos os grupos. Essas respostas se assemelham as respostas anteriores quando os jovens tiveram que construir os conceitos de violência (ver TABELA 5), reforçando que os jovens avaliam que a violência está prioritariamente relacionada a eventos físicos.

O envolvimento do jovem com as situações de violência também foi investigado revelando que a maior parte dos jovens já agiu de forma violenta em algum momento, sendo as seguintes respostas afirmativas foram identificadas.

GRÁFICO 1 – JÁ AGIU DE FORMA VIOLENTA



Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 42.

Observação: No GRÁFICO 1 foi pertinente a distribuição da porcentagem entre as áreas PPV e NÃO PPV, a critério de comparação.

TABELA 7 – JÁ AGIU DE FORMA VIOLENTA, SEGUNDO O SEXO

PPV n(%)		NÃO PPV n(%)	
Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
23 (65,7)	12 (34,3)	24 (54,5)	20 (45,5)
TOTAL: 35 (100,0)		TOTAL: 44 (100,0)	

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 42.

No GRÁFICO 1 é possível perceber a divisão entre as frequências nas áreas PPV e NÃO PPV no que se refere a agir de forma violenta. Já, na TABELA 7, é destacado que os homens, em ambas áreas, ainda são aqueles que admitem cometer mais atos de violência, ainda que esta ocorrência se desenvolva de forma não exclusiva. De fato a literatura tem afirmado que os homens são mais fisicamente agressivos que as mulheres, em diversas medidas de agressão (MENAHEM, CZOBOR, 2006).

Daquelas pessoas que agiram de forma violenta (PPV n=35 e NÃO PPV n=44), foi solicitado que comentassem o que havia acontecido. Tais relatos foram categorizados e estão apresentados na TABELA 8:

TABELA 8 – JÁ AGIU DE FORMA VIOLENTA, SEGUNDO O FATOR MOTIVADOR

	PPV n(%)	NÃO PPV n(%)
Defesa própria	0 (0,0)	2 (4,8)
Defesa a outra(s) pessoa(s)	3 (7,4)	1 (2,4)
Iniciativa própria	4 (13,7)	9 (21,4)
Reação ou resposta a provocação	18 (58,8)	16 (38,1)
Motivação não informada	6 (20,1)	14 (33,3)
TOTAL	31 (100,0)	42 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 42.

Observação: Na tabela 4 o número de respostas foi menor que o número de pessoas que afirmaram agir de forma violenta, pois 4 delas na área PPV e 2 da área NÃO PPV não informaram como aconteceu esse fato.

Para tabulação da questão que indagava sobre se o jovem havia agido de forma violenta (TABELA 8), foi delineado o fator motivador para ação deste comportamento. Dentre as respostas, as de maior ocorrência foram a “reação ou resposta a uma provocação”, tanto na área PPV, quanto na área NÃO PPV, seguido pela “motivação não informada” e também “iniciativa própria”. Uma questão que merece destaque é o fato de que a ação de um ato violento não ocorra em sua maioria como consequência de um ato de defesa, sendo que na área PPV, por exemplo, a “defesa própria” não teve nenhuma ocorrência. No que se refere ao fator motivador “reação ou resposta a provocação” pode-se dizer que:

os sujeitos violentos não carecem de senso moral, tampouco, legitimam, toda e qualquer forma de agressão, mas legitimam a **violência como estratégia de defesa a ofensas**, talvez o façam porque as figuras de autoridade de seu entorno pensem da mesma forma (ASTOR 1994 *apud* LA TAILLE, 2009, p.339. Grifos da autora).

Evidencia-se nesse caso, que de fato há uma tentativa de justificativa de atitudes violentas em razão de alguma provocação de os jovens receberam e que teriam feito com que eles agissem desse modo.

O questionário também permitiu a avaliação do envolvimento do jovem em situações ilegais em algum momento de sua vida. As respostas foram:

TABELA 9 – SITUAÇÕES ILEGAIS QUE JÁ SE ENVOLVEU

	PPV n(%)	NÃO PPV n(%)
Envolvimento em brigas com agressão física/violência contra pessoas	21(42,0)	23 (51,3)
Destruição de propriedade	6 (12,0)	2 (4,4)
Envolvimento em pichação	6 (12,0)	3 (6,6)
Assaltou alguém	3 (6,0)	0 (0,0)
Roubou algo	1 (2,0)	3 (6,6)
Vendeu drogas	3 (6,0)	2 (4,4)
Outro	10 (20,0)	12 (26,7)
TOTAL	50 (100,0)	45 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 36.

A situação ilegal que o jovem se envolveu em sua maioria encontra-se no envolvimento com brigas ou agressão a outra(s) pessoas, um pouco mais delineado na área NÃO PPV do que na PPV. Na categoria “outro”, da área PPV, aparecem: Comprei roubo; Por porte de arma; Já na área NÃO PPV: Andar de carro sem carteira e fugi de casa – neste último o jovem confunde uma situação ilegal em relação a uma postura tida como “incorreta”. Outro destaque se refere a 6 ocorrências de destruição de propriedade e envolvimento em pichação por parte de jovens da área PPV, representando 12% da área, número considerado alto. A venda de drogas também aparece, tanto na área PPV quanto na área NÃO PPV, ainda que com poucas ocorrências, é de fato uma situação preocupante.

Em relação às situações ilegais cometidas por jovens, alguns autores afirmam que quanto aos fatores, podem ter maior influência sobre esses atos a quebra de vínculos familiares e sociais, baixa autoestima, influência dos grupos, porém, com ênfase no papel da família, por ter uma função privilegiada na socialização, assegurando comportamentos normalizados por meio do afeto e da cultura (WERNER; BLOCK; COUTINHO, 1993); OETTING; DONNERMEYER, 1998; SCHENKER; MINAYO, 2003 *apud* FEIJÓ; ASSIS, 2004). Através dessa proposição, reafirma-se a importância do ambiente familiar no desenvolvimento do jovem, podendo esse microsistema ser benéfico ou não, como veremos a seguir.

Com intuito de observar de forma mais aprofundada as razões que levariam os jovens a cometer atos infracionais de violência, foi indagada a seguinte questão:

TABELA 10 – RAZÕES PARA COMETER ATOS INFRACIONAIS DE VIOLÊNCIA

	PPV n(%)	NÃO PPV n(%)
Problemas na família	72 (36,8)	78 (35,7)
Busca de identidade e respeito	27 (13,7)	41 (18,8)
Busca de proteção	17 (8,6)	12 (5,4)
Busca de pertencimento ao grupo	31 (15,9)	33 (15,0)
Busca de melhor condição financeira	37 (18,9)	39 (17,8)
Outro	12 (6,1)	16 (7,3)
TOTAL	196 (100,0)	219 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 37.

Na TABELA 10, há uma divisão nas respostas no que se referem as razões para cometer atos infracionais de violência: mais destaque para “problemas na família”. As relações familiares conflituosas, a dificuldade de entendimento ou de conversa entre pais e filhos, como exposto anteriormente, se constituem de elementos desencadeadores de comportamentos relacionados à violência e isto deve ser observado com cuidado para que isto não se torne prática comum.

Na área PPV, houveram ocorrências sobre a justificativa da “busca por melhor condição financeira”, quando na área NÃO PPV, a “busca por identidade e respeito” teve uma ocorrência considerável.

Dentre o “outro” da área PPV, aparecem: Falta de vergonha na cara; Algo impensado; Por diversão; Influência dos amigos; Ignorância, dentre outras razões. Já na área NÃO PPV: Insegurança; Exibição; Influência dos amigos; O vício em drogas; Falta de vergonha na cara; Ganhar respeito, dentre outras.

Ainda nessa direção, foram investigados através do diário íntimo, os relatos dos jovens sobre as situações e os eventos violentos vivenciados e/ou protagonizados no cotidiano, como apresentados na TABELA 11:

TABELA 11 – HOJE ACONTECEU ALGO QUE VOCÊ CONSIDEROU VIOLENTO? COMO FOI? (SEJA COMETIDO POR VOCÊ OU POR OUTROS)

Categoria Papel do jovem	PPV n(%)			NÃO PPV n(%)		
	Agressor	Vítima	Testemunha	Agressor	Vítima	Testemunha
Violência no trânsito	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (5,2)
Intenção de agressão	2 (25,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Discriminação ou preconceito	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (25,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (2,5)
Abuso de poder	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (12,5)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Assalto	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (12,5)	0 (0,0)	0 (0,0)	3 (7,7)
Agressão verbal	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (2,6)	3 (7,7)	4 (10,2)
Agressão física ou tentativa	0 (0,0)	1 (12,5)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (2,6)	13 (33,3)
Abuso sexual	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (5,2)
Assassinato ou tentativa	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	4 (10,2)
Violência cometida por ou contra animais	0 (0,0)	1 (12,5)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	5 (12,8)
TOTAL	8 (100,0)			39 (100,0)		

Fonte: Diário íntimo

Do total de 8 ocorrências (n=8,0%) na área PPV (N=99), os relatos no papel de testemunha tiveram ocorrência maior, sendo relacionadas a discriminação ou preconceito. Na área NÃO PPV (N=115, n=33,9%), a agressão física ou tentativa foi um tipo de violência com maior destaque, seguida da violência verbal. O papel de testemunha também foi o mais frequente, sendo boa parte na violência contra animais.

Com base nesses indicadores, a legislação brasileira atentou para esta problemática instituindo por meio do artigo 32 da Lei 9.605, de 1998, e no artigo 29 do Decreto 6514, que regulam os crimes ambientais, que ao “Praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos” o indivíduo será punido com multa de “R\$ 500,00 (quinhentos reais) a R\$ 3.000,00 (três mil reais) [...]”. (BRASIL, 2008b)

No entanto, a agressão física foi a principal ocorrência na área NÃO PPV. Vale destacar também que o número de jovens que responderam a questão foi maior na área NÃO PPV.

6.3.1 O jovem agindo de forma violenta

Alguns jovens estão cada vez mais, no seu cotidiano, naturalizando a violência. Este fato tem como complicador a indiferença frente aos acontecimentos que ultrapassam a esfera do privado ou do interesse individual, ou seja, volta-se tanto para os problemas pessoais cotidianos, que se termina aceitando como normal a violência, quando esta não afeta a si mesmo (COSTA; PIMENTA, 2006, p.5).

A dinâmica da violência tem se alastrado numa proporção muito grande dentro deste grupo, tornando-se por vezes, prática rotineira para resolver pequenos conflitos, estando relacionada a fatores que vão desde o “nível subjetivo, com problemas de socialização familiar e escolar, até a influência do ambiente comunitário e social violento ou de aprovação do crime”. Tudo isso, estando em conformidade com a teoria do desenvolvimento humano, que destaca a importância dos contextos no desenvolvimento, podendo esta influência ser favorável ou não para os indivíduos (MINAYO, 2011, p.40; BRONFENBRENNER, 1996).

Em relação à violência cometida pelos jovens, estes destacaram diferentes modos de externalização deste fenômeno, bem como distintas justificativas para estas atitudes. No que se refere a esta última questão destaca-se a passagem mencionada pela jovem de cód.165 exprimindo que “Eu sou muito impulsiva” (Estudante da Escola Juvenal Miller, 15 anos, moradora da área Não PPV - Questionário), a situação descrita pela jovem está entre os fatores que podem prognosticar a violência juvenil, sendo elencados além da impulsividade, hiperatividade, controle comportamental deficiente e problemas de atenção (OMS,

2002, p.33). Além destes elementos fazem parte também dos fatores predisponentes:

Famílias monoparentais, sobretudo chefiadas por mulheres, cuja administração gera sobrecarga de atividades e atribuição precoce de responsabilidades para o adolescente;
 Famílias em que há pouco diálogo e os jovens não encontram ambiente para expressão de seus conflitos;
 Pais distanciados da vida cotidiana de seus filhos e que se alienam em relação aos amigos deles, seus lugares de lazer, seus medos, seus sonhos e expectativas de futuro;
 Familiares comprometidos com problemas de alcoolismo ou uso de drogas;
 Familiares participantes de grupos criminosos e;
 Uso abusivo de drogas pelos próprios adolescentes (MINAYO, 2011, p.41).

Evidencia-se que diversos são os elementos que tem a possibilidade de desencadear o comportamento violento dos jovens, estando estes relacionados a diferentes fatores, como histórico, biológicos e pessoais, como destacados anteriormente (OMS, 2002, p.12).

Outra situação descrita por uma participante de cód.107, em relação à razão por cometer atos de violência é “Sempre ajo assim **quando algum colega** chato e insistente me irrita” (Estudante da Escola Tellechea, 15 anos, moradora da área Não PPV – Questionário. Grifos da autora). Nesta fala a jovem ressalta que sempre age assim, culpando os colegas pela sua atitude. Esta maneira de perceber a atitude violenta como prática comum é muito preocupante, pois fica difícil de haver uma reflexão sobre esse comportamento, e com isso diminui a possibilidade de mudança deste hábito.

Hallal (1996, p.216) faz uma comparação entre os argumentos para atitudes violentas e a mentira, afirmando que,

os argumentos usados por pessoas que agem de forma violenta são como aquelas mentiras que se contam com tanta convicção que acabam sendo aceitas como uma verdade pessoal

Isto fica evidente quando a jovem fundamenta sua postura, acreditando que ela é causada por conta das outras pessoas, como é possível perceber no relato da mesma.

No tocante às formas de manifestações da violência, algumas passagens mencionadas pelos participantes tiveram destaques, dentre elas a fala da jovem

cód.58 “Uma vez umas gurias mexeram comigo, ai **voltei lá depois com uma faca** e queria dar nelas” (Estudante da Escola Lorea Pinto, 17 anos, moradora da área PPV – Questionário. Grifos da autora). Esta reação antissocial da jovem diante da provocação é assustadora, uma vez que a mesma apanha uma faca para ferir as outras meninas.

Situação semelhante foi narrada pelo jovem de cód.17 onde o mesmo afirma que “Minha irmã não deixou eu ir a uma festa mas peguei e **dei com uma cadeira nas costas dela**” (*sic*) (Estudante da Escola Cipriano Porto Alegre, 16 anos, morador da área PPV – Questionário. Grifos da autora). Mais uma vez o comportamento do jovem frente a uma situação determinada é espantosa, sendo alegado por um motivo banal.

Diante destas narrativas, percebe-se a banalização da violência por parte dos jovens, sendo esta banalização caracterizada pela legitimação do uso da agressão (física ou simbólica) como forma de regulação/resolução de conflitos de interesses, seja entre pessoas ou grupos (GUIMARÃES; CAMPOS, 2007, p. 189), esta naturalização da violência é percebida também na fala do jovem de cód.140 “Um menino veio brigar comigo e eu dei um soco na garganta dele e ele ficou no chão” (Estudante da Escola Getúlio Vargas, 17 anos, morador da área Não PPV - Questionário). Ainda na narrativa da jovem cód.139, onde a mesma afirma que “Uma guria falava que eu era trouxa por ter traído meu namorado, eu fui lá xingar ela, me estressei demais e deu um soco na cara dela” (Estudante da Escola Getúlio Vargas, 15 anos, moradora da área Não PPV - Questionário), são passagens marcantes, que evidenciam a forma corriqueira das violências cometidas pelos jovens.

Outros relatos também evidenciaram esta vulgarização da violência, entretanto, sem quaisquer explicações, como a passagem mencionada pelo jovem de cód.93 afirmando que “Eu bati muitas vezes com a cara do garoto na mesa” (Estudante da Escola Lorea Pinto, 17 anos, morador da área PPV). Em relação a esta afirmação, percebe-se que o jovem nem mesmo preocupa-se em justificar esta atitude, descrevendo a situação com a maior naturalidade. Esta naturalização faz com que se expandam cada vez mais situações violentas em que o próprio jovem é o agressor, tornando-os cada vez mais apáticos diante de situações como estas este fato pode ser visto no relato da jovem de cód.404 onde a mesma diz “Sei lá foram tantas” (Participante do CRAS Hidráulica, moradora da área Não PPV, 15 anos). Esta situação descrita, demonstra o quanto os jovens tem de fato agido de forma

violenta, onde muitos não sabem ao menos descrever uma única situação, uma vez que já aconteceram tantas vezes que se torna difícil expor, uma vez que este acontecimento já se tornou trivial.

Todas estas situações violentas relatadas pelos jovens evidenciam que a violência tem estado presente na realidade deste grupo, fazendo parte das relações que estes estabelecem com seus pares, apresentando diferentes cenários para suas manifestações. Este fato acaba desassossegando a todos, principalmente ao perceber que este tipo de situação tem se tornado prática recorrente entre os jovens, perpetrando cada vez mais a violência. Isso tudo, ocasionando o desmantelamento do bem-estar social, deteriorando a vida das pessoas de diferentes maneiras, se opondo aos objetivos fundamentais da educação ambiental definidos no artigo 5º da lei nº 9.795/99, sendo um dos seus propósitos “a construção de uma sociedade ambientalmente equilibrada, fundada nos princípios da **liberdade**, igualdade, **solidariedade**, democracia, justiça social, responsabilidade e sustentabilidade” (BRASIL, 1999, p. 66).

Portanto, relatos como os que foram apresentados nesta seção, servem apenas como uma pequena demonstração do que vem acontecendo em âmbito mundial, no que se refere ao crescente número de violência entre os jovens, identificado em diversas pesquisas que abordam este tema.

6.4 Contextos

Como dito anteriormente, os jovens, ao mesmo tempo, modificam e são modificados pelo ambiente (GROPPO, 2000). Ambiente esse que tem estreitas relações, além das facetas naturais, com as questões sociais e culturais (REIGOTA, 2009, p. 36). Bronfenbrenner (1996) também afirma que as pessoas estão em constante interação e transição com outros contextos, dos quais muitas vezes sequer participa, mas que tem influência direta sobre o seu desenvolvimento. Portanto, compreender a relação que o jovem estabelece com os contextos onde circula e onde está inserido é fundamental.

Essa discussão remete a relação entre o conceito sobre meio ambiente e o contexto previsto na Educação Ambiental. Seguindo os preceitos dispostos na

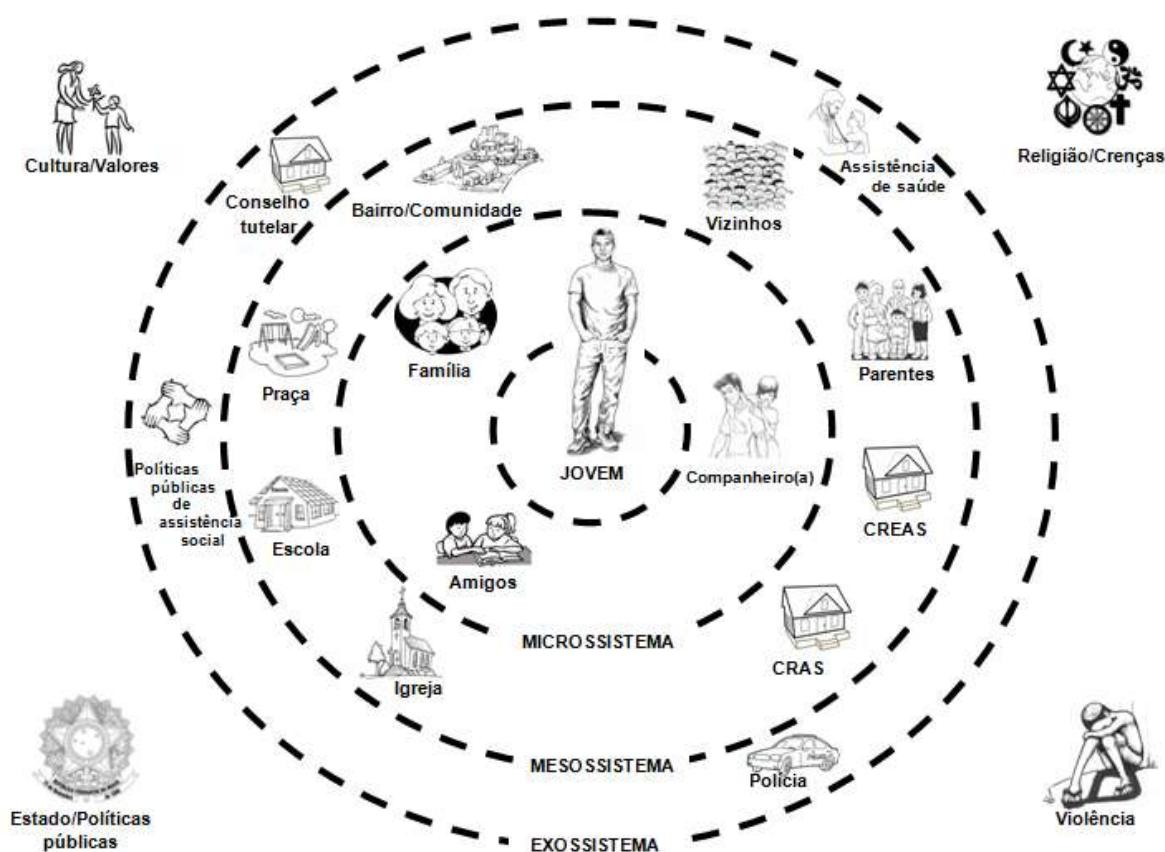
Política Nacional de Educação Ambiental, descritos em seu artigo 1º é possível identificar que:

comprometimento entre indivíduos e a coletividade [em prol] da construção de valores sociais [...] atitudes [...] voltadas para a conservação do meio ambiente, [...] essencial a sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

Tendo em vista esses conceitos é possível perceber as questões relacionadas aos contextos em que os jovens estão inseridos, sendo que esses permearão esse trabalho como forma de compreensão da essência desses fenômenos através das narrativas dos jovens. Pois, como ressaltam Berger e Luckmann (2003) é necessário compreender a “realidade subjetiva” dos jovens, ou seja, como eles interpretam o desenvolvimento desses fenômenos, num processo de significação particular, com tudo isso não assegura que seja realizada a interpretação mais adequada (BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 174).

Para identificar os contextos que permeiam a vida dos jovens entrevistados uma análise qualitativa das respostas oferecidas nos questionários foi priorizada:

FIGURA 2 – CONTEXTOS DO JOVEM



Fonte: A autora.

Observação: as imagens utilizadas nesta figura encontra-se em lista de referências próprias

O primeiro contexto, denominado microsistema, refere-se um ambiente específico onde a pessoa em interação com outras, de forma próxima, desenvolve atividades significativas, face-a-face, como por exemplo, o microsistema familiar, companheiro(a) e filho(s). O segundo nível envolve o mesossistema o qual é definido pela união de 2 ou mais microsistemas nas quais a pessoa transita de um para outro ambiente durante seu dia-a-dia, como a escola e a casa. O exossistema, identificado como o terceiro nível do contexto, diz respeito aos ambientes onde a pessoa não atua diretamente, porém pode ter o seu desenvolvimento afetado por ele, como as políticas públicas de assistência social. E, o quarto nível definido como macrossistema, consiste em um sistema maior que engloba todos os outros e afetando-os direta ou indiretamente, manifestados, por exemplo, por leis, crenças,

cultura, valores, dentre outros (BRONFENBRENNER, 1996; NARVAZ; KOLLER, 2004).

Para avaliar as relações estabelecidas entre os jovens e os contextos, é preciso atentar à sistemática envolvida nesses processos dentro de cada contexto (GOLDBERG; YUNES; FREITAS, 2005, p. 98). Por esse motivo, os diferentes contextos de desenvolvimento estão apresentados a seguir.

6.4.1 Casa/Família

“A família é caracterizada como o primeiro ambiente do qual a criança participa ativamente, interagindo através de relações face-a-face” (BRONFENBRENNER, 1996 *apud* CECCONELLO, DE ANTONI, KOLLER, 2003, p. 46), tendo importante papel na formação dos jovens, devendo ela assumir um papel protetivo, zelando e preservando o bem estar de seus componentes. No momento das entrevistas, a maioria dos participantes estava morando com seus familiares e 2 jovens se encontravam em situação de acolhimento institucional. Abaixo, na TABELA 12, estão apresentados alguns dados relacionados à situação de moradia dos jovens participantes:

TABELA 12 – PESSOA COM QUEM MORA

	PPV n (%)	NÃO PPV n (%)
Pai	51 (22,6)	68 (23,9)
Mãe	75 (33,2)	91 (32,0)
Padrasto	6 (2,6)	15 (5,2)
Madrasta	0 (0,0)	3 (1,0)
Irmãos	51 (22,6)	67 (23,6)
Avô	6 (2,6)	4 (1,4)
Avó	9 (4,0)	15 (5,2)
Tios	5 (2,2)	6 (2,1)
Pais adotivos	0 (0,0)	0 (0,0)
Filho(s)	6 (2,6)	4 (1,4)
Companheiro (a)	12 (5,4)	3 (1,0)
Mora com outra pessoa	5 (2,2)	9 (3,2)
TOTAL	226 (100,0)	285 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 6.

Nesta questão, 100% dos jovens a responderam, sendo a área PPV (N=99) e PPV (N=115).

Foi possível observar na TABELA 12 anterior que a figura feminina ainda predomina na configuração familiar, tanto na área PPV quanto na NÃO PPV. No entanto houveram diversas composições familiares, o que sugere um modelo de constituição familiar bastante variado.

O número de pessoas moradoras da mesma casa também foi levantado:

TABELA 13 – QUANTIDADE DE PESSOAS COM QUEM MORA INCLUINDO VOCÊ

	PPV n (%)	NÃO PPV n (%)
1 pessoa	1 (1,0)	0 (0)
2 pessoas	11 (11,1)	10 (8,7)
3 pessoas	28 (28,3)	23 (20,0)
4 pessoas	24 (24,2)	32 (27,8)
5 pessoas	17 (17,2)	29 (25,2)
6 pessoas	6 (6,1)	14 (12,2)
7 pessoas	4 (4,0)	3 (2,6)
8 pessoas	6 (6,1)	1 (0,9)
9 pessoas	1 (1,0)	1 (0,9)
10 pessoas	1 (1,0)	1 (0,9)
15 pessoas	0	1 (0,9)
TOTAL	99 (100,0)	115 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 7.

Em relação ao número de pessoas que moram na casa, incluindo o participante, a grande maioria da área PPV, mencionou morar com até 3 pessoas, um total de 28 participantes (28,3%) , o restante em sua maioria ficando distribuído entre 4, (24,2%) e 5 (17,2%) moradores, apenas 1 (1,0%) jovem afirmou morar com mais de 10 pessoas, é provável que seja o participante que se encontrava residindo em uma instituição de abrigo do município.

No entanto, na área NÃO PPV, a maior concentração foi residir com 4 pessoas, num total de 32 participantes (27,8%), o restante em sua maioria ficando distribuído entre 3 (20,0%) e 5 pessoas (25,2%) componentes familiares, neste caso também obteve-se 1 (0,87%) participante com afirmativa de morar com mais de 15 pessoas, se repetindo a mesma explicação anterior, pois esta pesquisa teve a participação de 2 jovens em situação de abrigo, um de cada área investigada.

Referente à idade dos moradores da casa, por ser uma questão de múltipla escolha o número de respostas geradas foi maior que o número de participantes

dessa área, sendo então considerado os 100% o total de respostas geradas, sendo apenas apresentadas as respostas que afirmaram possuir morador na faixa etária de idade descrita.

Quanto a idade dos membros da família, na TABELA 14, é apresentada da seguinte forma:

TABELA 14 – IDADE DOS MEMBROS DA FAMÍLIA

	PPV n (%)	NÃO PPV n (%)
Até 5 anos	16 (6,7)	18 (6,1)
Entre 6 e 14 anos	49 (20,6)	61 (20,8)
Entre 15 e 24 anos	85 (35,7)	105 (35,9)
Acima de 24 anos	88 (37,0)	109 (37,2)
TOTAL	238 (100,0)	293 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 7.

Pode-se perceber que não há muita diferença entre a idade familiar das duas áreas, uma vez que a grande maioria encontra-se com pessoas acima de 15 anos de idade, concentrando-se mais em adultos acima de 24 anos. Segundo Leone, Maia e Baltar (2010, p. 61) essa alteração é reflexo da queda da fecundidade e das mudanças nos arranjos familiares gerando um aumento na proporção de pessoas com mais idade na família.

TABELA 15 – PESSOAS QUE MAIS CONTRIBUEM PARA O SUSTENTO DA CASA

	PPV n (%)	NÃO PPV n (%)
Eu mesmo(a) e pai	1 (1,0)	0 (0,0)
Eu mesmo(a) e mãe	0 (0,0)	2 (1,8)
Eu mesmo(a), pai e mãe	3 (3,1)	2 (1,8)
Pai	16 (17,0)	29 (26,1)
Pai e mãe	28 (29,7)	29 (26,1)
Pai, mãe e irmã(os)	0 (0,0)	2 (1,8)
Pai, mãe e companheiro(a)/esposo(a)	0 (0,0)	1 (0,9)
Pai e irmã(os)	1 (1,0)	2 (1,8)
Pai e avô	0 (0,0)	1 (0,9)
Pai e avó	0 (0,0)	1 (0,9)
Pai e madrasta	0 (0,0)	1 (0,9)
Mãe	15 (15,9)	11 (10,0)
Mãe e padrasto	3 (3,1)	9 (8,1)
Mãe e irmã(o)(s)	2 (2,1)	2 (1,8)
Mãe, avô, avó e irmã(o)(s)	0 (0,0)	1 (0,9)
Mãe e avó	1 (1,0)	1 (0,9)
Mãe, avó e tio(a)(s)	1 (1,0)	0 (0,0)
Mãe e tio(a)(s)	0 (0,0)	1 (0,9)
Mãe e dinda	0 (0,0)	1 (0,9)
Padrasto	1 (1,0)	3 (2,7)
Madrasta	0 (0,0)	0 (0,0)
Irmã(os)	2 (2,1)	1 (0,9)
Irmã(o)(s) e cunhado(a) (s)	2 (2,1)	0 (0,0)
Avô	4 (4,2)	1 (0,9)
Avô e avó	0 (0,0)	1 (0,9)
Avó	1 (1,0)	2 (1,8)
Avó e tio(a)(s)	0 (0,0)	1 (0,9)
Avó, tio(a)(s) e irmã(o)(s)	0 (0,0)	1 (0,9)
Avó e companheiro(a)/esposo(a)	1 (1,0)	0 (0,0)
Tio(a)(s)	1 (1,0)	2 (1,8)
Tio(a)(s) e primo(a)(s)	1 (1,0)	0 (0,0)
Companheiro(a)/esposo(a)	9 (9,6)	1 (0,9)
Cunhado(a)	2 (2,1)	0 (0,0)
Prefeitura municipal	0 (0,0)	2 (1,8)
TOTAL	95 (100,0)	111(100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 8.

Nesta questão, na área PPV, do total de jovens (N=99), 98 jovens responderam a esta questão (n=98, 98,9%), sendo que nenhum deles informou ser somente ele mesmo o responsável pelo sustento da casa. Das respostas válidas, pôde-se identificar, em sua maioria, como responsáveis pelo sustento, o pai e a mãe juntos, 28 (29,7%) ocorrências; somente o pai 16 (17,0%) situações, somente mãe como responsável pela alimentação da família, 15 (15,9%) casos, 9 (9,6%)

ocorrências para somente o(a) companheiro(a)/esposo(a) e o restante ficou distribuído nas demais figuras familiares, incluindo, em algumas vezes o próprio jovem, em 4 ocorrências.

Já na área NÃO PPV (N=115), 4 (3,5%) dos participantes afirmaram contribuir com a alimentação da casa, no relaciona-se ao responsável pelo sustento do lar. Do restante, n=111 (96,5%) afirmaram ser “outros” os responsáveis pelo sustento. Nesta área obteve-se a maioria das respostas na figura do pai e da mãe como principais responsáveis pelo sustento 29 ocorrências (26,1%), esta mesma ocorrência teve na resposta somente do pai como principal responsável pelo sustento – 29 (26,1%), já imagem da mãe como única responsável foi descrita em 11 (10,0%) passagens. As 2 ocorrências (1,8%) em que foram colocadas a prefeitura municipal como principal responsável pelo seu sustento, provavelmente refere-se aos jovens que vivem em situação de abrigo.

Em ambas as áreas, mesmo que ainda, num percentual menor, percebe-se que a mulher tem um papel importante no cuidado do lar, sendo responsável também, pela busca do sustento de sua família. Como já identificado na TABELA 12, o número de jovens com a presença materna em casa é superior ao número de pais.

Ainda que o pai tenha aparecido como a figura que mais contribui no sustento da casa, a mulher possui bastante destaque como responsável pelo sustento dos filhos, ela ainda mantém-se nas atividades domésticas, sendo a educação o cuidado com os filhos, tarefas desempenhadas principalmente por elas. Na TABELA 12, constata-se que o número de jovens com a presença materna em casa é superior ao número de pais (GRZYBOWSKI, 2000; DATAFOLHA, 1998).

Segundo o IBGE (2010), em 1995 o número de mulheres no mercado de trabalho formal¹ era de 41,50% e no informal era de 58,50%, dez anos após esses números sofreram uma mudança acentuada, chegando á 48,80% das mulheres atuam no trabalho formal e no informal 51,20%. Ainda de acordo com os dados do IBGE (2010), a crescente presença feminina no mercado de trabalho no período de 1995 a 2005 refletiu na diminuição da fecundidade, ou seja, a diminuição no número de membros familiares. Nesta pesquisa percebe-se essa diminuição na TABELA 14,

¹ Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), entende-se por trabalho formal: empregado com carteira de trabalho assinada, ou trabalhador que contribuam para a previdência social. (OIT, 2010)

onde a idade dos membros da família se concentra a maioria acima dos 15 anos de idade, estando em parcela menor os membros com idade inferior.

TABELA 16 – MÉDIA DE RENDIMENTO MENSAL²

	PPV n (%)	NÃO PPV n (%)
Até 1 salário mínimo	7 (23,3)	8 (19,5)
Mais de 1 até 2 salários mínimos	14 (46,8)	16 (39,1)
Mais de 2 até 3 salários mínimos	2 (6,6)	8 (19,5)
Mais de 3 até 5 salários mínimos	7 (23,3)	8 (19,5)
Acima de 6 salários mínimos	0 (0,0)	1 (2,4)
TOTAL	30 (100,0)	41 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 9.

Não souberam responder, na área PPV 69 (69,6%) jovens e NÃO PPV 74 (64,3%) jovens. Das respostas válidas, na área PPV, a maioria dos jovens: 21 (70,0%) possui renda mensal de 2 salários mínimos ou menos e nenhuma acima de 6 salários mínimos. Na área NÃO PPV apenas 41 (35,7%) souberam essa informação e dentre aqueles que souberam dizer, 24 (20,8%) participantes afirmaram possuir renda familiar de no máximo 2 salários mínimos, sendo apenas 1 jovem possuía renda acima de 6 salários mínimos.

TABELA 17 – ITENS QUE POSSUI EM CASA

	PPV n (%)		NÃO PPV n (%)	
	Possui	Não Possui	Possui	Não Possui
Banheiro	98 (98,9)	1 (1,1)	115 (100,0)	0 (0,0)
Quartos	98 (98,9)	1 (1,1)	115 (100,0)	0 (0,0)
Aparelho de vídeo cassete ou DVD	85 (85,9)	14 (14,1)	108 (93,9)	7 (6,1)
TV a cores	97 (98,0)	2 (2,0)	115 (100,0)	0 (0,0)
Rádio/aparelho de som	91 (91,9)	7 (8,1)	98 (85,2)	17 (14,8)
Máquina de lavar roupa	94 (95,0)	5 (5,0)	103 (89,6)	12 (10,4)
Geladeira	95 (96,0)	4 (4,0)	115 (100,0)	0 (0,0)
Computador	74 (74,8)	26 (25,2)	90 (78,3)	25 (21,7)
Aspirador de pó	38 (38,4)	61 (61,6)	49 (42,6)	66 (57,4)
Empregada doméstica	2 (2,0)	97 (98,0)	7 (6,1)	108 (93,9)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 10.

² Esta tabela tem como base de salário mínimo o valor de R\$ 622,00 (decretado em 23/12/2011)

No que se refere à situação domiciliar, se faz necessário atentar para uma pequena diferença existente entre as duas áreas. Ao analisar a TABELA 17, fica visível a inexistência das condições mínimas adequadas de uma residência. Em um caso da área PPV, 1 jovem participante afirmou não possuir banheiro e nem quarto em seu lar, segundo Instituto Nacional de Estadística y Censos (INDEC) , na Argentina (2001) *apud* Alves, Cavenaghi (2006) a ausência de pelo menos um banheiro em casa faz com que esse domicílio seja considerado como “domicílio com necessidade básica insatisfeita” (INDEC).

O IBGE (2003) divide os tipos de domicílios em três categorias sendo elas:

Adequados: têm rede geral de abastecimento de água, rede de esgoto ou fossa séptica, coleta de lixo direta ou indireta e até dois moradores por dormitório;

Semi-adequados: há somente de uma a três dessas características;

e

Não adequados: não há nenhuma das condições de adequação.

Mesmo sendo um número menor de participante que relatou conviver com essa situação, é preciso repensar que ainda há pessoas vivendo em condições mínimas de sobrevivência, segundo dados do ultimo censo, no município do Rio Grande, existem 456 domicílios sem banheiro e nem sanitários (IBGE, 2010).

A renda média da população no município do Rio Grande é de 2 a 5 salários mínimos, que corresponde à R\$ 1.244,00 a R\$ 3.110,00, um total de 25.320 domicílios do município, então se pode afirmar que 48,78% dos jovens da área não PPV e 40,00% dos jovens da área PPV se enquadram nesta estatística. Entretanto, 2 participantes das áreas PPV e não PPV respectivamente, afirmaram receber a quantia de R\$ 120,00, e R\$150, 00, mensais, estando entre os 1.032 domicílios que afirmaram receber até ½ salário mínimo (IBGE, 2010).

As situações de vulnerabilidade social muitas vezes ultrapassam as dificuldades socioeconômicas. Embora a família tenha e deva zelar pelo bem-estar dos seus filhos, por vezes, isso não é o que acontece. Nem sempre essa díade – pais-filhos transcorre de maneira satisfatória. Essas relações, se tomadas em sua complexidade, podem ser tratadas como um cenário marcado por permanentes conflitos e negociações e isso poderá agravar na adolescência (CICHELLI, 2001 *apud* STENGEL 2011, p. 219). Informações sobre as relações entre os jovens e as

famílias foram identificadas nos diários íntimos aplicados com aqueles que frequentavam o CRAS.

No que se refere a essa relação a jovem BR afirma que:

[...] **meu pai** de verdade, **não valia nada**, ele vivia dizendo que nós [ela e o irmão], não devíamos ter nascido [...]. (Jovem BR, 16 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Encontros semanais. Grifos da autora)

Essa afirmativa foi feita após a pesquisadora perguntar “qual momento marcante que teriam para destacar?”, a jovem então relatou que morte de seu “verdadeiro” pai deveria ter sido marcante, contudo não foi. Percebe-se então a pouca ligação afetiva que a jovem teria com o pai.

Em relação à figura materna, a jovem se refere com muita afeição, como destacado na seguinte passagem:

[...] **minha mãe nunca desistiu de mim**, sempre teve comigo [...] quando eu fugia pra usar droga, ela sempre saia na cidade pra me procurar, e quando ela me encontrava eu tava suja que nem uma mendiga, fedendo, **ela é tudo pra mim** [...].(Jovem BR, 16 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Encontros semanais. Grifos da autora)

Mesmo em uma situação extrema, onde a mãe teve de tomar medidas drásticas, a jovem destaca sua presença enquanto uma figura protetiva:

[...] **minha mãe queria me interna** numa clínica de drogados, ai o médico não deixou por que eu era muito nova, disse que eu tinha que me trata em casa, toma remédio durante 6 anos[...], **minha mãe me deixou** presa num quarto bem mais bem pequeno mesmo, **trancada a cadeado**, eu só saia de lá pra comer e tomar banho [...], eu me sentia como pássaro em uma gaiola sem poder voar [...] hoje faz 3 meses que eu já não to mais trancada [...] (Jovem BR, 16 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Encontros semanais. Grifos da autora)

A jovem BR relata outra passagem em que a mãe poderia ter sido interpretada como uma presença nociva, mas, segundo sua interpretação, não foi:

[...] **minha mãe me agarrou uma vez pelo pescoço**, mas me agarrou, pô...me agarrou aqui assim óh... [a jovem mostrou para o grupo onde a mãe havia agarrado próximo a garganta] ai eu disse: **vai mãe me mata...pô eu senti** [...].(Jovem BR, 16 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Encontros semanais. Grifos meus)

A participante entende a atitude da mãe como uma forma de cuidado, para que ela não retorne a usar drogas, afirmando que já esta ultrapassando esse momento difícil, entendendo esse processo como uma forma de “resiliência” definido como a “superação” de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações. (YUNES; SZYMANSKI, 2001; YUNES, 2001; TAVARES, 2001, *apud* YUNES, 2003, p. 76), podendo ser identificado na afirmativa:

[...] a BR de hoje é uma pessoa que pensa no futuro, que não quer mais fazer “burrada” ela quer ter um espaço dela, mas saber ter o espaço e saber dar o espaço para os outros [...].(Jovem BR, 16 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Encontros semanais).

No que se reporta a percepção de si mesmo, as relações familiares possuem função extremamente significativa, segundo Fontaine; Campos; Musitu (1992, p.69-70), “Os estilos educativos familiares (apoiente, autoritário, exigente, negligente) podem desempenhar uma importante função mediadora neste processo”, vindo a ter uma contribuição tanto positivo quanto negativamente, sendo que o impacto dessa relação pais-filhos, no desenvolvimento desse conceito, dependerá da percepção dessa interação.

Quanto a figura materna em particular,, Silverberg e Steinberg (1987 *apud* Small; Eastman; Cornelius, 1988, p. 96) afirmam que elas têm relações mais íntimas com as filhas do que com os filhos, tendendo a se identificar mais com elas.

No entanto, o relato da jovem BA aparece contrapondo com essa afirmação:

[...] hoje tive discussões com a **bruxa** da minha mãe [...], não tive que **aturá-la** muito [...], **eu não quero ser que nem ela nunca**, ela faz tudo que ele [pai] manda [...].(Jovem BA, 16 anos, participante CRAS Cidade Águeda – Diário Íntimo. Grifos da autora)

Estabelece-se aí a disfuncionalidade nas relações, onde esta é conceituada por Prati (2009, p. 30) como “resultados das cristalizações das interações, construção de bode espiatório, comunicação com críticas, acusações, silêncios e duplas mensagens, papéis estruturais mal definidos[...]”

A mãe, por ser a figura mais presente durante a infância poderia fazer com que acontecesse uma maior identificação por parte dos filhos, sendo que a filha se conduziria para uma reprodução mais fiel da conduta da genitora (CHODOROW, 1990 *APUD* NEGREIROS, FERES-CARNEIRO, 2004, p. 37). Entretanto, através da fala da jovem BA, fica evidente que essa afirmativa não é regra, uma vez que é

relatado o distanciamento existente entre mãe e filha. Estabelece-se nesse caso, uma relação conflituosa onde a figura materna se torna odiosa, imagem de tudo que a jovem não deseja seguir.

Outra relação complexa envolvendo mãe e filha pode ser percebida na fala da jovem IS, onde a mesma traz relatos gravíssimos em relação a figura materna:

[...] Bah, é muito difícil, agente não se entende muito, alguma coisa na agente não se encaixa [...], bah eu fico de cara com ela, ela começa a me **chamar de puta, vagabunda**, de tudo [...], a minha mãe quando agente briga o que ela tiver pela frente ela **joga em qualquer um**, tanto em mim quanto nos meus irmão, às vezes sem motivo [...] ai ela dá nos meus irmão eu me meto, tem uma guria [irmã] de 05 anos ela faz alguma coisa de errado, ela já **dá de soco nos pulmão** dela, ah, ai eu não deixo [...]. (Jovem **IS**, 15 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Entrevista individual. Grifos da autora)

A forma violenta com que a mãe trata a participante e os irmãos, entendida como uma atitude abusiva contraria a proposição a teoria dos sistemas ecológicos, na qual a família deveria ser primordialmente, um sistema no qual as relações são recíprocas e com equilíbrio de poder (CECCONELLO, DE ANTONI, KOLLER, 2003, p. 46). Esse acontecimento faz com que a jovem perceba essa relação como difícil, uma vez que eles são expostos a diferentes tipos de violência como – violência **psicológica** – ocorre quando o adulto deprecia a criança, bloqueia seus esforços de autoaceitação, causando-lhe sofrimento emocional (AZEVEDO; GUERRA, 2007 p. 41). Esse tipo de violência pode se assumir duas formas básicas sendo elas definidas como:

A **negligência afetiva** consiste numa falta de responsabilidade, de calor humano, de interesse com as necessidades e manifestações da criança. A **rejeição afetiva** caracteriza-se por manifestação de depreciação e agressividade para com a criança. AZEVEDO; GUERRA, 2007, p. 41 (Grifos da autora)

Além da violência psicológica, a jovem sofre também violência **física** doméstica, que pode ser entendida como:

[...] dano físico não acidental provocado pelos atos de omissões dos pais ou responsáveis que quebram os padrões de cuidados com a criança, determinados pela comunidade. (SOUZA; FLORIO; KAWAMOTO, 2001, p.17).

Percebem-se a partir da fala da participante, que o tipo de violência sofrida não é excludente, ou seja, a mesma jovem sofre os 2 tipos de agressão, ambos cometidos pela própria mãe (GOMES *et al.*, 2006, p. 529), essa exposição à

violência coloca a jovem em situação de risco, entendendo risco como fator que predispõe a resultados negativos, uma vez que a presença de pelo menos um fator de risco já é o bastante para prever consequências indesejáveis. (COWAN, P.; COWAN, C.; SCHULZ, M, 1996 *apud* PALUDO, KOLLER, 2005, p. 187).

Na fala a seguir a jovem PL deixa evidente que sofria violência física praticada pela figura materna, deixando claro em seu relato que nem sempre essa relação mãe e filha são simples de se lidar:

[...] às vezes agente fica brigando por bobagem, mas **agora** ela não me bate mais. [...] (Jovem PL, 15 anos, participante CRAS Hidráulica – Entrevista individual. Grifos da autora).

O apoio da família na formação do caráter do jovem é muito importante, é nela que geralmente, é buscada a proteção, o amparo necessário nos momentos mais difíceis, e a orientação diante das incertezas, porém, há casos em que a próprio contexto familiar passa a diminuir e a desvalorizar o indivíduo como evidência o jovem LU:

[...] minha relação com minha mãe não é muito boa. [...], [...] minha **mãe** vive dizendo que **eu** não presto que eu não tenho mais jeito. [...] (Jovem LU, 16 anos, participante do CRAS Cidade de Águeda – Entrevista individual. Grifos da autora)

Ao invés da mãe encorajar o filho, incentivá-lo, acaba agindo de forma contrária, vindo a gerar um distanciamento do filho em relação a ela, onde o mesmo denomina essa relação como “não muito boa”, nesse contexto a relação que deveria ser saudável, permeada de amor, carinho e reciprocidade (BRONFENBRENNER, 1996, *apud* DE ANTONI, KOLLER, 2010, p. 23), acaba se tornando um problema, como relata o jovem. Segundo Adorno (1997 *apud* Feijó, Assis, 2004), as mães de jovens infratores, percebem sempre seus filhos como bons, carinhosos, reagindo com surpresa frente ao comportamento deste em sociedade, contrariando a situação manifestada pelo jovem LU, onde a mãe o deprecia, descrê no potencial de mudança do filho como na passagem “**mãe** vive dizendo que **eu** não presto que eu não tenho mais jeito.”.

Lamentavelmente esse não é o único tipo de problema relatado entre mãe e filho, a agressão física também foi mencionada, segundo a jovem ME:

[...] **minha mãe me batia**, às vezes ela chegava em casa e já vinha me bater do nada começava a me chamar de tudo, sabe né? [...], [...] eu tinha medo dela, **ela me dava soco**, e me batia com o que tivesse na frente. [...] (Jovem ME, 15 anos, participante do CRAS Hidráulica – Entrevista individual. Grifo da autora).

Diante do relato da jovem, nota-se que a vitimização de ME, era causada por parte da própria mãe, o papel da mãe enquanto agressora foi constatado também em estudo recente com 55 famílias acompanhadas pelo Centro Regional de Atenção aos Maus-Tratos na Infância (CRAMI-Rio Preto) identificou que a mãe é a própria agressora dos filhos em 49% dos casos analisados, e os pais em 40% (BRITO *et al.* 2004, p.146). Em alguns casos os próprios filhos justificam atitude violenta da mãe, culpando-se por algo que consideram “errado” ter cometido, como é o caso da jovem JU:

[...] nunca sofri nenhuma violência na minha família, só **brigas normais**, assim... minha mãe uma vez **me bateu** por que eu cheguei tarde em casa e **não avisei nada né**, depois só discussão, **coisa normal** [...].(Jovem JU, 16 anos, participante do CRAS Hidráulica – Diário Íntimo. Grifos da autora)

Um fato preocupante é a naturalização de atitudes violentas, uma vez que são vistas por alguns jovens como situações naturais, como afirma JU, “depois só discussão, **coisa normal**”, é angustiante pensar que fatos como esses sejam tomados numa proporção menor ou até mesmo como banais, sendo que esta não foi à única jovem que definiu essas situações dessa maneira, a participante RA informou que:

[...] nunca passei por isso [violência], na minha casa **só tem brigas**, mas de rotina sabe... ? mais na rua tem muita, as pessoas não tem mais amor uns pelos outros, ai ficam brigando por nada [...].(Jovem RA, 15 anos, participante do CRAS Hidráulica – Diário Íntimo. Grifos da autora)

Afirmção das jovens JU e RA corroboram com a certeza de que a violência apresenta diversas facetas, tomando dimensões por vezes vazia e banal (COSTA; PIMENTA, 2006, p. 96). Talvez por ser causada na maioria das vezes pela mãe, e justificada pela necessidade de educar, de punir contra algo que foi realizado e que foi considerado inadequado (MINAYO, 2002, p. 102; SILVA *et al.*, 2002, p. 27).

Em relação a essa afirmação Sacramento, Rezende (2006, p. 97) expõe que:

as agressões físicas e psicológicas são remanescentes de uma cultura que compreende os castigos ou punições corporais e a desqualificação moral ou a humilhação da pessoa como recursos de socialização e práticas educativas.

Percebe-se então que essa recorrente prática encontra embasamento na cultura onde ela está inserida, no entanto é preciso que esse tipo de “educação” seja alterado, por ser uma maneira retrógrada de ensinamento, mas principalmente pela possibilidade causar sérios danos ao indivíduo representando:

um importante fator de impedimento para o adequado desenvolvimento e integração social de crianças e adolescentes, em consequência dos traumas físicos e psicológicos, durante a trajetória de vida. (COSTA *et al*, 2007, p. 1130)

Com base nessa afirmativa, é necessário que o uso da violência seja evitado ao máximo, independente do contexto, é importante que se priorize o diálogo entre os familiares, estabelecendo uma relação de respeito mútuo, primando sempre pelo bem estar e pelo desenvolvimento de relações saudáveis, oportunizando resultado positivo para todos envolvidos.

No entanto nem sempre é possível que se estabeleçam relações benéficas nesse contexto, uma vez que situações de violência, por vezes, acabam permeando as relações familiares, tomando formas distintas, como apresentado na TABELA 16.

No geral, a violência está tão presente na sociedade atual, que por vezes ela acaba sendo tratada como fenômeno natural, ela faz parte do dia a dia, nos telejornais, nas ruas, na escola, no bairro e até no contexto familiar. Ela tornou-se parte do cotidiano, e no geral todos estão vulneráveis a ela, isso faz com que esta seja concebida enquanto situação habitual. Esse fato é identificado na passagem das 2 falas das participantes (JU e RA). É preocupante que se dê esse tipo de denominação a um fenômeno tão prejudicial, que fere e vitimiza muitas pessoas, além de fazer com que estas a vejam de maneira simplista, podendo vir a agir dessa forma, uma vez que a transformaram em acontecimento normal.

É possível, portanto, que nas relações familiares venham permear aspectos violentos, como veremos a seguir:

TABELA 18 – O QUE ACONTECEU DE RUIM NA FAMÍLIA

Categoria	Papel do jovem	PPV n (%)			NÃO PPV n (%)		
		Agressor	Vítima	Testemunha	Agressor	Vítima	Testemunha
Briga ou discussão (sem especificação)		1 (8,3)	2 (16,8)	0 (0,0)	1 (2,9)	1 (2,9)	0 (0,0)
Briga ou discussão com a mãe		1 (8,3)	1 (8,3)	0 (0,0)	6 (17,7)	7 (20,6)	1 (2,9)
Briga ou discussão com o pai		0 (0,0)	1 (8,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Briga ou discussão com o(a) irmão(ã)		1 (8,3)	2 (16,8)	0 (0,0)	4 (11,8)	4 (11,8)	0 (0,0)
Briga ou discussão com o(a) avô(ó)		0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (5,9)	2 (5,9)	0 (0,0)
Briga ou discussão com o(a) namorado(a)		0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (2,9)	1 (2,9)	0 (0,0)
Briga ou discussão entre pai e mãe		0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (2,9)
Briga ou discussão entre parentes		0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	3 (8,9)
Agressão física entre parentes		0 (0,0)	0 (0,0)	1 (8,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Intenção de agressão física		1 (8,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Envolvimento com drogas		0 (0,0)	0 (0,0)	1 (8,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
TOTAL		12 (100,0)			34 (100,0)		

Fonte: Diário íntimo

Na área PPV as brigas com irmãos possuem maior ocorrência, tendo o jovem desempenhado, tanto o papel de agressor quanto de vítima, na área NÃO PPV a briga com irmãos também apresenta grande ocorrência, no entanto “briga ou discussão com a mãe” é o evento com maior destaque nesta área, tendo o jovem percebido seu papel de vítima quanto de agressor. Uma diferença destacada entre as áreas refere-se a briga com o pai, enquanto na área PPV há 1 ocorrência, na área NÃO PPV não há sequer 1 resposta neste item. Briga com avós foi outra diferença entre as áreas, na PPV não há ocorrência deste item, enquanto na área NÃO PPV há 2 ocorrências (5,9%). No papel de testemunha, os jovens investigados referem-se a briga ou agressão entre parentes. Foi investigado de que forma determinados eventos se manifestam na família, onde serão apresentados na TABELA 19:

TABELA 19 – AMEAÇA OU HUMILHAÇÃO NA FAMÍLIA

	PPV n(%)	NÃO PPV n(%)
<i>Frequência</i>		
Nunca	0 (0,0)	2 (7,6)
Quase nunca	13 (46,5)	11 (42,4)
Às vezes	12 (42,8)	11 (42,4)
Quase sempre	3 (10,7)	1 (3,8)
Sempre	0 (0,0)	1 (3,8)
TOTAL	28 (100,0)	26 (100,0)
<i>Impacto</i>		
Nada ruim	3 (11,1)	1 (3,8)
Um pouco ruim	6 (22,2)	7 (27,0)
Mais ou menos ruim	5 (18,5)	3 (11,5)
Muito ruim	6 (22,2)	6 (23,0)
Horrível	7 (26,0)	9 (34,7)
TOTAL	27 (100,0)	26 (100,0)
<i>Quem fez</i>		
Mãe	5 (18,5)	7 (28,0)
Madrasta	0 (0,0)	1 (4,0)
Pai	6 (22,2)	5 (20,0)
Padrasto	1 (3,7)	2 (8,0)
Irmão	2 (7,4)	2 (8,0)
Avós	1 (3,7)	2 (8,0)
Outros	12 (44,5)	6 (24,0)
TOTAL	27 (100,0)	25 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 31.

Nesta questão, na área PPV (N=99), 28 jovens a responderam, totalizando n=28,2%. Na área NÃO PPV, ao ser questionado sobre sofrimento de soco ou surra na família, dos 115 (N) jovens investigados, 27 jovens (n=23,4%) responderam sofrer este tipo de violência, no entanto 1 deles não especificou a frequência, impacto ou quem fez esta ação.

O pai e a mãe foram os componentes familiares que agiram de forma ameaçadora ou humilhante, na área PPV o pai foi a figura familiar quem mais cometeu estes atos, enquanto na NÃO PPV foi a mãe que mais agiu deste modo. As figuras de madrasta e padrasto tiveram pouca ocorrência em ambas as áreas, bem como os outros componentes familiares. Em “outros”, na área PPV tiveram 2 (7,4%) ocorrências para tia e 2 (7,4%) ocorrência para primos, nas restantes e também na área NÃO PPV não houveram respostas condizentes com a pergunta ou então não

foram declaradas quem são essas pessoas que ameaçaram ou humilharam com contexto familiar.

Em relação à violência sofrida por outras pessoas, destaca-se na área PPV as figuras da tia, primos, primas, vizinhas, pessoa da rua, e na área Não PPV as figuras de colegas, estranhos e vizinha. A frequência do sofrimento destas ações foram divididas entre quase nunca e às vezes e o impacto foi considerado “horrrível” em ambas as áreas.

TABELA 20 – SOCO OU SURRA NA FAMÍLIA

	PPV n(%)	NÃO PPV n(%)
<i>Frequência</i>		
Nunca	0 (0,0)	1 (3,1)
Quase nunca	5 (41,6)	21 (65,7)
Às vezes	6 (50,1)	9 (28,1)
Quase sempre	1 (8,3)	1 (3,1)
Sempre	0 (0,0)	0 (0,0)
TOTAL	12 (100,0)	32 (100,0)
<i>Impacto</i>		
Nada ruim	2 (15,4)	3 (9,4)
Um pouco ruim	4 (30,8)	11 (34,5)
Mais ou menos ruim	1 (7,6)	6 (18,7)
Muito ruim	5 (38,6)	6 (18,7)
Horrrível	1 (7,6)	6 (18,7)
TOTAL	13 (100,0)	32 (100,0)
<i>Quem fez</i>		
Mãe	5 (55,6)	15 (48,4)
Madrasta	0 (0,0)	0 (0,0)
Pai	2 (22,2)	11 (35,5)
Padrasto	0 (0,0)	0 (0,0)
Irmão	2 (22,2)	4 (12,9)
Avós	0 (0,0)	0 (0,0)
Outros	0 (0,0)	1 (3,2)
TOTAL	9 (100,0)	31 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 31.

Na área PPV (N=99) 14 jovens responderam à questão, totalizando n=14,1%. Esta questão – soco ou surra na família teve como frequência, em sua maioria, dividido entre “às vezes” e “quase nunca”, respectivamente, já na área NÃO PPV (N=115), tendo 31 respondentes (n=26,9%) o “quase nunca” teve maior frequência entre as respostas. Este ato foi considerado “muito ruim” pela maioria dos jovens da

área PPV enquanto na área NÃO PPV, considerado em sua maioria, “um pouco ruim”.

Questionado quem fez este ato, os jovens, de ambas áreas, afirmaram que a mãe comete em sua maioria, na área PPV o pai e irmão teve a mesma ocorrência nesta resposta, enquanto na área NÃO PPV o pai foi a segunda maior frequência, seguido do irmão. Em “outros”, o jovem não declarou quem fez a ação.

TABELA 21 – AGRESSÃO COM OBJETO (MADEIRA, CINTO, FIO, CIGARRO, ETC...) NA FAMÍLIA

	PPV n(%)	NÃO PPV n(%)
<i>Frequência</i>		
Nunca	1 (6,2)	3 (10,0)
Quase nunca	7 (43,8)	20 (66,7)
Às vezes	6 (37,6)	6 (20,0)
Quase sempre	1 (6,2)	1 (3,3)
Sempre	1 (6,2)	0 (0,0)
TOTAL	16 (100,0)	30 (100,0)
<i>Impacto</i>		
Nada ruim	3 (18,7)	2 (6,6)
Um pouco ruim	7 (43,8)	12 (40,2)
Mais ou menos ruim	0 (0,0)	2 (6,6)
Muito ruim	4 (25,0)	7 (23,3)
Horrível	2 (12,5)	7 (23,3)
TOTAL	16 (100,0)	30 (100,0)
<i>Quem fez</i>		
Mãe	8 (57,2)	12 (42,9)
Madrasta	0 (0,0)	0 (0,0)
Pai	5 (35,7)	14 (50,1)
Padrasto	0 (0,0)	0 (0,0)
Irmão	0 (0,0)	1 (3,5)
Avós	0 (0,0)	1 (3,5)
Outros	1 (7,1)	0 (0,0)
TOTAL	14 (100,0)	28 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 31.

Os principais agressores com objetos na família são pai e mãe, enquanto na área PPV (N= 99, n=16, correspondente a 16,1% do total) a mãe possui maior ocorrência, na área NÃO PPV (N=115, n= 31, correspondente 26,9% do total) é o pai quem comete este ato. Na área PPV, em “outros”, houve ocorrência da tia. A

frequência tem a sua indicação na área PPV encontra-se entre “quase nunca” e “às vezes” e na área NÃO PPV o “quase nunca” também é o elemento mais frequente. O impacto com maior ocorrência é o “um pouco ruim”, em ambas áreas.

TABELA 22 – MEXEU NO CORPO CONTRA A VONTADE NA FAMÍLIA

	PPV n(%)	NÃO PPV n(%)
<i>Frequência</i>		
Nunca	0 (0,0)	0 (0,0)
Quase nunca	2 (50,0)	2 (100,0)
Às vezes	0 (0,0)	0 (0,0)
Quase sempre	2 (50,0)	0 (0,0)
Sempre	0 (0,0)	0 (0,0)
TOTAL	4 (100,0)	2 (100,0)
<i>Impacto</i>		
Nada ruim	0 (0,0)	0 (0,0)
Um pouco ruim	1 (25,0)	1 (50,0)
Mais ou menos ruim	1 (0,0)	0 (0,0)
Muito ruim	1 (25,0)	0 (0,0)
Horrível	1 (25,0)	1 (50,0)
TOTAL	4 (100,0)	2 (100,0)
<i>Quem fez</i>		
Mãe	1 (25,0)	0 (0,0)
Madrasta	0 (0,0)	0 (0,0)
Pai	0 (0,0)	1 (50,0)
Padrasto	0 (0,0)	0 (0,0)
Irmão	0 (0,0)	0 (0,0)
Avós	0 (0,0)	0 (0,0)
Outros	3 (75,5)	1 (50,0)
TOTAL	4 (100,0)	2 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 31.

Quando questionados sobre se alguma vez haviam mexido em seu corpo contra a vontade, no âmbito familiar, na área PPV (N=99), 4 pessoas responderam de forma afirmativa, correspondendo a 3,0% do total e dentre as suas respostas “quase nunca” foi a maior frequência, tendo como impacto divididos entre “um pouco ruim”, “mais ou menos ruim”, “muito ruim” e “horrível”, dentre os que praticaram este ato, outras pessoas foram apontadas com maior frequência, sendo 1 não identificado e outro o tio, em seguida, aparece a mãe, com 1 ocorrência. Na área NÃO PPV (N=115) houveram 2 (n) ocorrências, totalizando 1,7% das respostas,

tendo como frequência “quase nunca”, o impacto foi dividido em “um pouco ruim” e “muito ruim”, tendo como o “pai” e “outros”, como aqueles que praticaram este ato, sendo este outro, o primo.

TABELA 23 – RELAÇÃO SEXUAL FORÇADA NA FAMÍLIA

	PPV n(%)	NÃO PPV n(%)
<i>Frequência</i>		
Nunca	0 (0,0)	0 (0,0)
Quase nunca	0 (0,0)	1 (100,0)
Às vezes	1 (100,0)	0 (0,0)
Quase sempre	0 (0,0)	0 (0,0)
Sempre	0 (0,0)	0 (0,0)
TOTAL	1 (100,0)	1 (100,0)
<i>Impacto</i>		
Nada ruim	0 (0,0)	0 (0,0)
Um pouco ruim	0 (0,0)	0 (0,0)
Mais ou menos ruim	1 (100,0)	0 (0,0)
Muito ruim	0 (0,0)	0 (0,0)
Horrível	0 (0,0)	1 (100,0)
TOTAL	1 (100,0)	1 (100,0)
<i>Quem fez</i>		
Mãe	0 (0,0)	0 (0,0)
Madrasta	1 (50,0)	0 (0,0)
Pai	0 (0,0)	0 (0,0)
Padrasto	0 (0,0)	0 (0,0)
Irmão	0 (0,0)	0 (0,0)
Avós	0 (0,0)	0 (0,0)
Outros	1 (50,0)	1 (100,0)
TOTAL	2 (100,0)	1 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 31.

Do total de jovens investigados na área PPV (N=95), 2 (n) deles (2,0% do total) responderam ter realizado violência sexual forçada na família, onde teve como frequência “quase nunca” como ocorrência única, o impacto foi “mais ou menos ruim” tendo a madrasta e “outros” como praticantes deste ato, sendo este o namorado. Na área NÃO PPV (N=115) houve apenas 1 (n) ocorrência deste fato, sendo essa pessoa o primo, representando 0,8% do total da área. Segundo o jovem, este fato ocorre “quase nunca”, considerado “horrível”, tendo como pessoa quem fez “outros”.

TABELA 24 – SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA QUE JÁ VIU OU SOFREU NA FAMÍLIA

Categoria	PPV n(%)			NÃO PPV n(%)		
	Agressor	Vítima	Testemunha	Agressor	Vítima	Testemunha
Papel do jovem						
Violência no geral	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Discriminação ou preconceito	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (2,7)	0 (0,0)	1 (1,8)	0 (0,0)
Vandalismo	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Agressão verbal, humilhação ou maus tratos	0 (0,0)	0 (0,0)	15 (40,6)	0 (0,0)	1 (1,8)	7 (11,9)
Agressão física, ameaça ou tentativa	1 (2,7)	8 (21,6)	9 (24,3)	7 (11,9)	18 (31,3)	15 (26,7)
Envolvimento com drogas	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (2,7)	0 (0,0)	1 (1,8)	3 (5,5)
Assalto, roubo ou furto	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Violência sexual ou tentativa	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (1,8)
Violência cometida por ou contra animais	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Assassinato, ameaça ou tentativa	0 (0,0)	1 (2,7)	1 (2,7)	0 (0,0)	0 (0,0)	3 (5,5)
TOTAL		37 (100,0)			54 (100,0)	

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 41.

Nesta questão, na área PPV (N=99), um total de n=78 pessoas responderam, totalizando 78,7% dos respondentes, enquanto na área NÃO PPV (N=115), foram n=87 respondentes, totalizando 75,6%.

Ao jovem, quando questionado sobre alguma violência vivida na família, houve distinção entre as maiores ocorrências, na área PPV a “Agressão física, ameaça ou tentativa”, distribuída entre os papéis de testemunha, em seguida, de vítima; “Agressão verbal, humilhação ou maus tratos” teve a segunda maior ocorrência, sendo que em todas estas situações, o jovem afirma ter exercido o papel de testemunha.

Na área NÃO PPV o item “Agressão física, ameaça ou tentativa” também teve maior ocorrência, no entanto o papel mais vezes exercido pelo jovem foi o de vítima, seguido pelo de testemunha. Um dado bastante preocupante refere-se ao item “Assassinato, ameaça ou tentativa” onde houveram ocorrências no papel de vítima na área PPV e na área NÃO PPV o jovem afirma em 3 (5,5%) ocorrências ter exercido o papel de testemunha.

É importante que se perceba a violência como um problema de saúde pública, e não meramente como questão de segurança pública, estando presente nos mais diversos contextos. Referente ao contexto familiar ela tem alcançado proporções surpreendentes, podendo gerar problemas sociais, emocionais, psicológicos e cognitivos durante toda a vida (BRASIL, 2008b, p. 8).

Em relação aos envolvidos nesse fenômeno, são 3 os papéis que têm sido identificados nos atos violentos sendo eles:

Vitima: é, em geral, claramente identificável [...], os resultados de abuso sexual, abuso físico, abuso psicológico, negligência, exploração sexual, podem ser evidentes, especialmente pelas consequências que produzem;

Ator: expressa sua violência pela transgressão de normas de convivência na sociedade, ou pelo rompimento com uma regra moral que protege o patrimônio e a vida; e

Testemunha: envolve-se ao presenciar os atos emitidos pelo agente violento em direção à vítima potencial (KOLLER, DE ANTONI, 2004, p. 302).

Em conformidade com o que as autoras afirmaram, os participantes desta pesquisa assumiram diferentes papéis, diante de distintas situações de violência vivenciadas pelos mesmos, como se verifica no relato do jovem de cód.22: “Já vi meu tio batendo na minha tia.” (Estudante da Escola Lorea Pinto, 17 anos, morador da área PPV - Questionário), mesmo com a Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, na qual em seu artigo 1º destaca-se:

Esta Lei cria mecanismos para **coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher**, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher [...] e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar (BRASIL, 2006, Grifos da autora).

Ainda assim a violência contra mulher é um acontecimento muito comum, sendo considerado um fenômeno complexo, com raízes profundas nas relações de poder baseadas no gênero, na sexualidade (HEISE; PITANGUY; GERMAIN, 1994).

No que se refere ao agressor, Soares, L.; Soares, B.; Carneiro (1996) observaram que 30,3% dos 521 casos analisados declararam que o agressor era alcoólatra ou estava embriagado no momento da agressão. Corroborando com essa afirmativa a jovem de cód. 144 relata que: “Meu pai quando bebia ele me batia muito” (Estudante da Escola Estadual Getúlio Vargas, 16 anos, moradora da área Não PPV - Questionário).

Em relação ao alcoolismo pode-se dizer que

está associado a acidentes, mortes no trânsito, delinquência, **violência**, ruptura e desorganização das relações interpessoais, além de **desentendimentos familiares e afetivos** (ELSEN; MARCON; SILVA, 2002, p.129 – Grifo da autora),

Nota-se, com isso, uma forte associação entre o uso de bebida alcoólica e atitudes violentas, evidenciando que o álcool acaba servindo como “encorajador” para desenvolvimento da violência (ZILBERMAN, BLUME, 2005, p. 52).

Entretanto, outras formas de violência sem a indicação do uso de bebida alcoólica foram indicadas, porém, ainda em relação aos familiares, como apresenta a jovem cód.32: “na minha família a minha tia foi morta pelo marido.” (Estudante da Escola Roberto Bastos Tellechea, 17 anos, moradora da área PPV - Questionário).

A violência contra a mulher impede, prejudica ou anula o desfrute por parte dela dos direitos humanos e das liberdades fundamentais, dentre os direitos fundamentais assegurados à pessoa, estão o direito à vida, à integridade física, segundo afirma a jovem, esses direitos foram drasticamente violados (ONU, 1996; BRASIL, 1988).

Outra situação exposta foi da jovem cód.199, onde afirma que: “Uma vez um namorado da minha vó esfaqueou ela.” (Estudante da Escola Getúlio Vargas, 18 anos, moradora da área Não PPV - Questionário), e ainda como afirma o jovem de cód.111, onde o mesmo assegura que: “Vi meu pai espancar minha mãe varias vezes” (Estudante da Escola Cipriano Porto Alegre, 17 anos, moradora da área Não PPV - Questionário). Esses são apenas alguns dos diversos relatos sobre violência contra mulher, onde a mesma foi vítima do próprio companheiro.

A violência intrafamiliar por vezes é difícil de ser descoberta, principalmente por ser realizada em um ambiente reservado, onde nem sempre se tem acesso. Essa afirmativa fica evidente no relato da jovem de cód. 74:

A madastra da minha prima obrigava a mesma a fazer todos serviços domésticos, caso contrário, **deixava ela sem comer**. Mas isso foi descoberto, ainda bem”(sic) (Estudante da Escola Getúlio Vargas, 18 anos, moradora da área PPV – Questionário, Grifo da autora).

A exposição diária ou frequente a violência pode fazer com que se desenvolva uma dessensibilização em relação a atos violentos (FOWLER *et al.*, 2009 *apud* SÁ *et al.*, 2009). Sobre esse aspecto, tem-se o relato da jovem cód. 192 onde a mesma afirma que “Violência na minha família jamais vi. A não ser discussões normais de família” (Estudante da Escola Getúlio Vargas, 18 anos, moradora da área Não PPV – Questionário), e também do jovem de cód.197 afirmando que: “Desentendimento de uma família normal” (Estudante da Escola Getúlio Vargas, 17 anos, morador da área Não PPV – Questionário).

Outras situações de violência foram relatadas pelos jovens, enquanto testemunhas destes fatos como afirma a jovem cód. 120: “Meu tio que foi morto por policiais por estar bêbado em uma valeta” (Estudante da *Escola Estadual Getúlio Vargas*, 18 anos, moradora da *área Não PPV - Questionário*). A declaração feita pela participante é no mínimo preocupante, uma vez que esses deveriam assegurar o bem estar, e a preservação da vida dos indivíduos, através do controle da criminalidade.

Em relação a esse tipo de atitude por parte dos policiais a Lei 4898/65, artigo 5º “trata do abuso de autoridade por parte de agentes públicos, no artigo citado, entende-se por autoridade qualquer pessoa que exerça cargo, emprego ou função pública, de natureza civil ou militar ainda que transitoriamente” (BRASIL, 1965). Ainda sobre esse fato, a Lei 9455/97, está relacionada a crimes de torturas, em seu artigo 1º esclarecendo que uma das situações que constitui-se como tortura,

submeter alguém, sob sua guarda, poder ou autoridade, com emprego de **violência** ou grave ameaça, a **intenso sofrimento físico ou mental**, como forma de aplicar **castigo pessoal** ou medida de caráter preventivo (BRASIL, 1997, Grifos da autora).

No que se reporta a esse tipo de postura por parte de alguns policiais pode fazer com que o jovem se sinta vulnerável esses eventos negativos, ficando descrente na segurança pública, neste caso representado na figura policial.

Essas percepções e vivências dos jovens em relação à violência no âmbito familiar pode acabar servindo como “modelo para o aprendizado de padrões comportamentais e sociais que se utilizam da violência, prejudicando o convívio social e muitas vezes levando a um quadro de delinquência” (MARGOLIN, 2005, p. 78).

Considerando os relatos realizados pelos jovens referentes à família, ficam evidentes os diferentes tipos de violência a que eles estão expostos, como agressões físicas, psicológicas e até abuso sexual, os mesmos estando representados tanto na figura de testemunhas, atores, ou vítimas, essa condição entre outros fatores, diminui a qualidade de vida dos envolvidos.

É importante que haja uma reflexão e posteriormente uma conscientização sobre o fenômeno da violência enquanto problema que atinge a ordem social, estando ela relacionada à “crise civilizatória”, que o país atravessa atualmente, é necessário que haja uma mudança na conduta das pessoas, para que se tenha um ambiente adequado ao desenvolvimento dos sujeitos. Com isso percebe-se a importância de se proporcionar um ambiente equilibrado, sadio, que sirva como potencializador, estabelecendo relações de confiança e de segurança, para que o jovem tenha um desenvolvimento pleno (GUIMARÃES, [s.d.]).

6.4.2 Amigos/colegas

É inegável a importância do papel que os amigos exercem na vida dos jovens, na maioria das vezes, são com eles que é iniciada a vida social. Uma das características da amizade é a liberdade de escolha, ou seja, o jovem tem a possibilidade de optar com quem ele irá se relacionar (HINDE, 1997; O’CONNOR, 1998; KRAPPMANN, 1996 apud SOUZA; GARCIA, 2008, p. 240). Geralmente, se aproximam por afinidade ou estilo e de uma maneira geral, acabam tendo as mesmas condutas e terminam por gostarem das mesmas músicas, usam roupas do mesmo tipo, preferindo as mesmas atividades de lazer (BERNDT, 1982 apud SANTROCK, c2003, p.137).

Em relação à amizade, para esse grupo, pode-se afirmar que servem a 6 funções:

Companheirismo: a amizade proporciona um parceiro familiar, alguém que está disposto a passar tempo com ele e acompanhá-lo em atividades colaborativas;
 Estimulação: proporciona informações interessantes, excitação e divertimento;
 Apoio físico: proporciona tempo, recurso e assistência;
 Apoio do ego: proporciona a expectativa de apoio, encorajamento e *feedback*, ajudando-os a manterem uma impressão de si mesmos como pessoas competentes, atraentes e meritórias;
 Comparação social: proporciona informações sobre a posição dos mesmos em relação aos outros, e se eles estão se saindo bem; e
 Intimidade/afeição: proporciona um relacionamento afetuoso e confiante com outra pessoa, um relacionamento que envolve a autorrevelação (GOTTMAN; PARKER, 1987 *apud* SANTROCK, c2003, p.135).

Com isso, percebe-se o quanto as relações de amizade são necessárias para os jovens, pois é a partir delas que eles desenvolvem a sua capacidade de lidar com as diferenças, além da importante aceitação social. Além disso, o companheirismo divertido, vindo a sentirem-se ainda mais valorizados enquanto pessoa; É com os amigos que os jovens encontram apoio, manifestando suas inseguranças e medos uns aos outros, numa descoberta do ser “normal”, sendo importantes confidentes e conselheiros. Corroborando com esta assertiva, pode-se destacar a narrativa da jovem RA onde a mesma relata que: “um monte de amigos sem combinar vieram na minha casa, **eu fiquei muito feliz, e nos divertirmos bastante**” (Jovem RA, 15 anos, participante do CRAS Hidráulica – Diário Íntimo. Grifos da autora).

No entanto, caso isso seja castrado de alguma forma na vida destes sujeitos, poderão tornar-se pessoas entediadas e depressivas causando problemas de âmbito psicológico, que irão refletir-se nas relações sociais e familiares (SULLIVAN, 1953; BERNDT, 1996; BERNDT; HAWKINS; JIAO, 1999; HARTUP; COLLINS, 2000 *apud* SANTROCK, c2003, p.135). Em relação a este fato a jovem JU declara que “não tenho muitos amigos e **eles parecem não dar bola p/ mim**” (Jovem JU, 16 anos, participante do CRAS Hidráulica – Diário Íntimo. Grifos da autora), nesta passagem a percepção da jovem é de que os amigos não se importam com ela, ficando evidente seu descontentamento em relação ao acontecimento, o que comprova a afirmativa dos autores, sobre as possíveis consequências da ausência dos amigos na vida dos jovens.

Compreendendo as relações de amizades enquanto potencial atividade promotora para o desenvolvimento das habilidades entre os sujeitos, podendo gerar

resultados tanto positivos quanto negativos. Destaca-se a passagem relatada pela jovem BR assegurando que:

[...] quando eu fui estudar no colégio do centro, eu conheci um grupo de amigos e eles usavam né droga, ai eles me ofereciam e eu dizia que não, ai quando eu comecei namorar com um deles, ai eu comecei a sair com eles todo final de semana eles **me ofereciam maconha e pó também**, e foi assim que eu comecei a usar droga [...] (Jovem BR, 16 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Entrevista individual. Grifos da autora)

A partir do relato da jovem, pode-se perceber o quanto foi negativo o papel destes amigos na vida dela, e o quanto foi levado em consideração o “fazer parte”, principalmente depois de ela estar namorando, com um dos membros do grupo, que também fazia uso desse tipo de substância. Alguns autores afirmam que o envolvimento com drogas podem estar associados a alguns fatores como: curiosidade **influência do grupo**, pressão social, **estrutura familiar**, busca por prazer e a baixa autoestima. No geral, estes fatores estão divididos em fatores internos e externos, e as probabilidades se intensificam, principalmente por estarem em um período em que as influências dos amigos são muito fortes, e na situação da jovem em destaque, além dos amigos, tem o problema com a figura paterna, mencionado em capítulo anterior (GIUSTI, 2004; SCIVOLETTO; MORIHISA, 2001, p. 31 Grifos da autora). No que se refere aos grupos, esse envolvimento tem sido notado como um dos maiores prognósticos de uso de substâncias, sendo apresentado como um fator de risco quando os pares revelam tolerância, aprovação ou até mesmo consomem drogas, neste caso, foi o que aconteceu com a jovem BR (SCHENKER; MINAYO, 2005, p. 710).

Ainda em relação aos amigos a jovem destaca uma passagem em que:

Bah...**fiquei com um traficante** professora... isso foi a pior coisa que eu fiz, ai **consegui a droga** pros guri, ai nunca mais... droga pra mim e pros guris... **tive que ficar uma semana com o cara**, aham [...] Bah nunca mais e depois os guri conseguiam droga assim... tinha uns amigo deles que se dava bem com um [traficante] ai eles conseguiam, **ele vendia assim pro cara e conseguia umas pro lado assim pra nós tudo**, foi assim que consegui todo esse tempo, infelizmente[...] (Jovem BR, 16 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Entrevista individual. Grifos da autora)

Nesta passagem pode-se evidenciar a relação entre o uso e o tráfico de drogas, onde os amigos da jovem vendiam droga para poder consegui-la ao restante do grupo. Essa dificuldade de separação entre usuário e traficante, está coberta

pelos efeitos que o vício proporciona, uma vez que as necessidades de uso destas substâncias fazem com que eles utilizem quaisquer meios para adquiri-la, inclusive comercializar, e conforme afirmado por BA, ter “ficado por uma semana com traficante para conseguir drogas” (ZALUAR, 2004). Através do relato da jovem BR, fica evidente a interação negativa da jovem com seus amigos novamente, fazendo com que ela tivesse seu primeiro contato com as drogas, vindo posteriormente a tornar-se um vício, o que possivelmente ocasionará num desequilíbrio familiar e emocional para os que participam de alguma maneira da vida deste jovem, refletindo nas relações comunitárias que o jovem mantém, o que de acordo com o que a própria jovem, já havia relatado em outros momentos.

Retomando as relações estabelecidas com os jovens e seus amigos, uma situação preocupante nesta associação diz respeito ao relato do participante LU onde o mesmo destaca a passagem em que:

um dia eu tava deitado e um amigo meu foi lá em casa de manhã, tava ele e meu irmão, [contou que] o guri foi lá e pego o dinheiro dele [amigo], tá eu fui lá ver, né, e o guri ainda fico lavando, **eu fui dei nele, peguei o dinheiro e peguei a carrocinha que era dele**, ai os guris foram embora (Jovem LU, 16 anos, participante do CRAS Cidade de Águeda – Entrevista individual. Grifos da autora)

Essa situação demonstra a atitude agressiva do participante diante deste fato, uma vez que ele, além de bater no outro menino, ainda tomou para si a carrocinha dele, percebendo esta atitude como justificada, uma vez que o outro envolvido havia apanhado o dinheiro de seu amigo. A conduta agressiva é definida como “aquela que inflige dano físico ou psicológico ao outro; e/ou perda dano de propriedade, podendo ou não constituir uma infração às leis vigentes.” (COIE & DODGE, 1998 *apud* MARTINS, 2005, p. 94).

Essa atitude do participante demonstra o quanto ele está em descompasso com a sociedade, agindo de maneira inadequada e violenta. Em geral, os jovens que se comportam desta maneira tendem a se unirem, formando os grupos, onde serão partilhadas atitudes agressivas a outros jovens, reforçando ainda mais a proliferação da violência na sociedade (LISBOA, 2005, p. 26). Recorrendo aos grupos, para reforçar sua própria identidade, onde:

[...] o adolescente desloca o sentimento de dependência dos pais para o grupo de companheiros, onde **todos se identificam com cada um**. [...], mesmo que os modelos de identidade sejam figuras negativas, mas reais, os jovens se identificam com eles [...], ele quer

afirmar sua independência, [...] (FERREIRA, 1978; FERREIRA; RIES., 2003, p. 24)

Percebe-se então a forte influência que o grupo possui nesta etapa da vida, podendo por vezes gerar consequências negativas, tanto para eles quanto para as outras pessoas que fazem parte do cotidiano destes jovens, como a violência praticada, descrita pelo jovem LU onde o mesmo afirma que:

[...] se eu tô na esquina com meus amigos e chega um gay ou alguém que tenha na família um gay, agente começa a tremer até a pessoa sai fora, **ninguém dos meus amigo gosta de gay... nem eu gosto de gay**, sei lá... eles não vivem no mesmo mundo que nós (Jovem LU, 16 anos, participante do CRAS Cidade de Águeda – Encontro em grupo. Grifos da autora)

E ainda:

[...] uma vez teve um que fico se encarnando ai **eu dei uma voadora nele**, e ele saiu correndo (Jovem LU, 16 anos, participante do CRAS Cidade de Águeda – Encontro em grupo. Grifos da autora).

A pesquisadora então questiona ao jovem se ele percebe essa atitude, enquanto uma prática de violência, e o mesmo responde que:

[...] sei lá, acho que não, **é só eles ficarem longe de mim**, no canto deles. (Jovem LU, 16 anos, participante do CRAS Cidade de Águeda – Encontro em grupo. Grifos da autora)

Fica evidente a atitude violenta e homofóbica que o jovem e seu grupo agem, tratando com desrespeito e aversão qualquer pessoa que seja ou mantenha algum contato com um “gay” conforme ele denomina.

No que se refere a violência associada à homofobia realizada pelos jovens mencionados, esta é definida como “o pavor de estar perto de homossexuais ou, no caso dos próprios homossexuais, uma autorrepugnância” (WEINBERG, 1972 *apud* PEREIRA, 2001, p.23), corroborando com conceito, foram inclusos “os sentimentos de ansiedade, nojo, aversão, raiva, desconforto e medo que alguns heterossexuais sentem quando está na presença de algum homossexual” (HUDSON & RICKETTS, 1990 *apud* PEREIRA, 2001, p.23).

A partir destas definições, vislumbram-se que as atitudes deste grupo em específico são típicas de pessoas homofóbicas que terminam descarregando toda intolerância sentida, um sentimento que termina em violência disparada contra as outras pessoas, que algumas vezes mal sabem o motivo. Em relação às atitudes

homofóbicas, algumas razões são apresentadas para esta manifestação, sendo elas:

Pode funcionar como um revigorante da autoestima da pessoa que discrimina à custa da opressão ao outro grupo; sendo um simples reforço da identidade, atacando a dos outros;

Para dar sentido a um mundo contraditório e confusional, é comum colocarem-se as pessoas em categorias, estereotipando-as; e

Para resolver conflitos ou situações pessoais inadequadas, por exemplo, alguns heterossexuais descarregam nos gays, lésbicas e bissexuais os seus medos ou sentimentos de inferioridade (HEREK, 1991 *apud* PEREIRA, 2001 p.24).

Nota-se então que a violência causada por pessoas que discriminam os homossexuais são muito mais de natureza psicológica, do que de fato algo contra o outro. Ainda não há uma lei específica na Constituição Federal brasileira protegendo esta parcela da população, entretanto, foi criado o Programa “Brasil sem Homofobia”, sendo uma parceria entre sociedade civil e Governo Federal, tendo como objetivo central a “educação e a mudança de comportamento por parte dos gestores públicos, para que sejam implementados novos parâmetros para definição de políticas públicas para estes grupos” (BRASIL, 2004, p. 7), com vistas a assegurar-lhes o principal direito do ser humano, o direito à vida, uma vez que segundo estatísticas divulgadas, a cada um dia e meio, um brasileiro é assassinado por conta de sua orientação sexual (homossexual ou bissexual), ou identidade de gênero (travesti ou transexuais), a saber o País é o primeiro no *ranking* mundial deste tipo de violência (GGB, 2012).

Sendo então reconhecida a urgência de atitudes mais consistentes, capazes de fazer com que esses índices de violência deixem de ser uma constante, objetivando um reconhecimento maior por parte da população, que ainda os desconhece enquanto pessoas com direitos e deveres como quaisquer cidadãos brasileiros.

Em relação ao jovem que destacou cometer estes atos, o mesmo não se percebe cometendo uma atitude violenta, junto a esta situação, destacam-se outras manifestações, como a briga que o levou a cumprir medida socioeducativa e também relação conflituosa com a figura materna. Sendo estas apenas mais uma manifestação de violências reproduzidas pelo jovem, estando desta vez, apoiado pelo grupo de amigos, que como ele, age desta maneira, disseminando estes tipos de violências, causando danos as suas vítimas.

Após estes relatos, fica o questionamento, até que ponto a figura dos amigos é favorável para o desenvolvimento e socialização dos jovens? Muitos ancoram-se entre si, tendo atitudes inadequadas para os padrões da sociedade atual, como é o caso do uso da violência, porém, é preciso estabelecer que estes casos destacados não são regras, e que muitas vezes os grupos formam uma rede de apoio para os jovens, fazendo com que sejam desenvolvidas atitudes positivas, que serão mantidas ao longo do curso de vida.

TABELA 25 – O QUE ACONTECEU DE RUIM COM AMIGOS

Categoria	Papel do jovem	PPV n(%)			NÃO PPV n(%)		
		Agressor	Vítima	Testemunha	Agressor	Vítima	Testemunha
Privação de liberdade		0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (12,5)
Ignorar alguém		0 (0,0)	2 (20,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (12,5)	0 (0,0)
Agressão verbal, humilhação ou maus tratos		4 (40,0)	3 (30,0)	0 (0,0)	3 (37,5)	2 (25,0)	1 (12,5)
Agressão física		0 (0,0)	1 (10,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
TOTAL		10 (100,0)			8 (100,0)		

Fonte: Diário íntimo.

Quando ao fato do jovem presenciar alguma situação de violência ocorrida com amigos “Agressão verbal, humilhação ou maus tratos” foi o dado mais destacado em ambas as áreas. O item “ignorar alguém” ocorre em ambas as áreas, tendo o jovem exercido o papel de vítima. Outra curiosidade é o item “privação de liberdade”, onde um jovem pertencente da área NÃO PPV afirma ter testemunhado.

6.4.3 Escola

Um outro contexto de extrema importância na vida do jovem é a escola. Por esse motivo, as relações com esse contexto também foram investigadas. Inicialmente, foi possível identificar que todos os jovens investigados estudam em escola pública e a escolaridade varia entre 4º série do estudo fundamental e 3º ano do ensino médio (ver TABELA 26).

TABELA 26 – SÉRIE/ETAPA ESCOLAR QUE SE ENCONTRA

	PPV n(%)	NÃO PPV n(%)
Ensino Fundamental (4ª ano)	1 (1,0)	1 (0,9)
Ensino Fundamental (5ª ano)	6 (6,1)	5 (4,4)
Ensino Fundamental (6ª ano)	3 (3,1)	6 (5,3)
Ensino Fundamental (7ª ano)	17 (17,3)	5 (4,4)
Ensino Fundamental (8ª ano)	18 (18,4)	12 (10,5)
Ensino Fundamental (9ª ano)	1 (1,0)	2 (1,8)
Ensino Médio (1º ano)	17 (17,3)	31 (27,2)
Ensino Médio (2º ano)	22 (22,4)	6 (5,3)
Ensino Médio (3º ano)	13 (13,3)	46 (40,4)
TOTAL n(%)	98 (100,0)	114 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 14.

Nesta tabela, cruzando os dados de idade, é possível fazer uma relação com a série/etapa escolar. Do total de participantes que responderam a questão “série/etapa escolar que se encontra”, 44 jovens com 15 anos estavam cursando o ensino fundamental, e apenas 12 já se encontravam cursando o ensino médio, o que segundo o INEP se constitui em uma “defasagem escolar”, uma vez que a idade mais adequada para essas etapas segundo INEP são: “para ingressar na 1ª série é 7 anos e para concluir a 8ª série, 14 anos. Para ingressar no ensino médio, a idade ideal é 15 anos e para conclusão, 17 anos”. Com isso uma vez esta pesquisa sendo aplicada em escolas do ensino fundamental e ensino médio, com jovens de 15 a 24 anos de idade, pôde-se perceber que apenas uma pequena porcentagem dos jovens investigados está de acordo com a indicação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP).

Muitas famílias encontram-se em situação de vulnerabilidade social, o que muitas vezes acaba por diminuir as possibilidades de evolução. Segundo Madeira (2011), “a escolaridade dos pais é importante em várias dimensões, não só porque

eles conhecem o conteúdo e podem tirar dúvidas dos filhos mas também pelo incentivo aos estudos”. Legitimamente, a educação se apresenta como uma possibilidade de saída desta problemática, no entanto um entrave se encontra na baixa escolaridade dos pais, onde foi possível verificar na TABELA 27:

TABELA 27 – ESCOLARIDADE DOS PAIS

PPV n (%)		
	Pai	Mãe
Analfabeto	3 (3,2)	4 (4,0)
Sabe ler, mas não foi a escola	4 (4,3)	3 (3,0)
Fundamental Incompleto (1º Grau)	39 (41,8)	41 (41,9)
Fundamental Completo (1º Grau)	9 (9,6)	9 (9,2)
Médio Incompleto (2º Grau)	6 (6,4)	6 (6,2)
Médio Completo (2º Grau)	10 (10,9)	19 (19,4)
Superior Incompleto (Universitário)	1 (1,1)	0 (0,0)
Superior Completo (Universitário)	0 (0,0)	1 (1,0)
Pós-Graduação	1 (1,1)	2 (2,0)
Não sei	21 (21,6)	13 (13,3)
TOTAL	94 (100,0)	98 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 12.

Na área PPV, quase 50% dos pais dos jovens investigados sequer possuem ensino fundamental completo. Entre as mães dos jovens, 19,4% ainda possuem ensino médio completo, já os pais, quase a metade em relação às mães, 10,9%. Destaca-se também a grande ocorrência do desconhecimento da escolaridade dos pais, com maior ênfase maior no pai, onde 21,6% não sabe a sua escolaridade. Apesar de poucas ocorrências, é importante destacar a ocorrência de uma mãe (1,0%) possuindo ensino superior completo e 2 possuindo pós-graduação, bem como um pai também possuindo pós-graduação (1,1%). No entanto um dado preocupante são as ocorrências de analfabetismo 3,2% dos pais e 4,0% das mães dos jovens investigados.

Sobre a mesma questão, na área NÃO PPV:

TABELA 28 – ESCOLARIDADE DOS PAIS

NÃO PPV n (%)		
	Pai	Mãe
Analfabeto	2 (1,7)	1 (0,8)
Sabe ler, mas não foi a escola	2 (1,7)	4 (3,4)
Fundamental Incompleto (1º Grau)	36 (31,4)	49 (42,8)
Fundamental Completo (1º Grau)	14 (12,2)	7 (6,0)
Médio Incompleto (2º Grau)	14 (12,2)	15 (13,2)
Médio Completo (2º Grau)	24 (20,9)	21 (18,4)
Superior Incompleto (Universitário)	4 (3,4)	3 (2,6)
Superior Completo (Universitário)	3 (2,6)	4 (3,4)
Pós-Graduação	2 (1,7)	3 (2,6)
Não sei	9 (7,9)	7 (6,0)
TOTAL	110 (100,0)	114 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 12.

Quanto ao índice de escolaridade dos pais dos jovens da área NÃO PPV possui sensível diferença em relação á área PPV, estando concentradas as maiores ocorrências.

As relações estabelecidas com o contexto escolar também foram investigadas. Através do questionário foi possível identificar situações de violência vivenciadas dentro desse contexto e o papel assumido pelos jovens (ver TABELA 29).

TABELA 29 – SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA QUE JÁ VIU OU SOFREU NA ESCOLA

Categoria	PPV n (%)			NÃO PPV n (%)		
	Agressor	Vítima	Testemunha	Agressor	Vítima	Testemunha
Violência no geral	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Discriminação ou preconceito	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (2,9)	0 (0,0)	1 (1,2)	0 (0,0)
Vandalismo	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (1,4)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Agressão verbal, humilhação ou maus tratos	0 (0,0)	5 (7,6)	14 (21,0)	0 (0,0)	5 (6,2)	14 (17,6)
Agressão física, ameaça ou tentativa	2 (2,9)	4 (6,1)	36 (53,9)	3 (3,7)	6 (7,6)	49 (61,3)
Envolvimento com drogas	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Assalto, roubo ou furto	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (1,2)	0 (0,0)
Violência sexual ou tentativa	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (1,4)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Violência cometida por ou contra animais	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Assassinato, ameaça ou tentativa	0 (0,0)	1 (1,4)	1 (1,4)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (1,2)
TOTAL		67 (100,0)			80 (100,0)	

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 40.

Neste caso, a agressão física aparece com maior frequência em ambas as áreas, sendo que o jovem se insere enquanto testemunha em sua maioria, seguido pela violência verbal, humilhação ou maus tratos, também no papel de testemunha. Ainda que com ocorrências menores, na área PPV o vandalismo é mencionado e assalto, roubo e furto na área NÃO PPV. Outro dado preocupante é a ocorrência, em ambas as áreas, o item “assassinato, ameaça ou tentativa”, sendo que na área PPV, 1 jovem afirma ter sido vítima deste tipo de violência.

TABELA 30 – O QUE ACONTECEU DE RUIM NA ESCOLA

Categoria	PPV n (%)			NÃO PPV n (%)		
	Agressor	Vítima	Testemunha	Agressor	Vítima	Testemunha
Papel do jovem						
Ignorar ou maltratar alguém	0 (0,0)	1 (14,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Intenção de agressão	2 (28,7)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Discriminação ou preconceito	0 (0,0)	2 (28,7)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Agressão verbal	1 (14,2)	1 (14,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (100,0)	0 (0,0)
TOTAL		7 (100,0)			1 (100,0)	

Fonte: Diário íntimo

Nesta questão, as ocorrências de fatos ruins na escola, na área PPV, no papel de vítima, o jovem afirma ter sido ignorados ou maltratados, além de discriminação ou preconceito, no papel de agressor, o jovem afirma ter intenção de agressão. Já na área NÃO PPV, apenas 1 ocorrência foi apontada, referente a agressão verbal.

Os contextos escolar e familiar têm sido historicamente, a base da educação de crianças, jovens e adolescentes, onde ambas contribuem para formação e desenvolvimento do sujeito, sendo corresponsáveis pela inserção social deste grupo. (NJAINÉ, MINAYO, 2003, p. 132; BRONFENBRENNER 1996 *apud* YUNES, MIRANDA, CUELLO, 2004, p. 3; REGO, 2003, p. 235).

Libâneo (2006, p. 8) destaca a tendência tradicional do papel da escola, onde consiste na “preparação intelectual e moral dos alunos para assumir sua posição na sociedade”, falando ainda que o compromisso da escola encontra-se na cultura e nos problemas sociais, preparando os jovens para lidarem com as dificuldades do dia a dia.

A escola é um ambiente em que os alunos têm passado um tempo cada vez maior, portanto, é necessário que se proporcione um espaço protetivo, que oportunize seu crescimento tanto intelectual como pessoal, evitando ao máximo o desenvolvimento de condutas inadequadas dentro desse espaço e impulsionando o debate sobre temas relevantes para que o aluno possa refletir sobre suas práticas e reverta a situação atual em que alguns estão envolvidos. No contexto atual a escola tem seu papel questionado, uma vez que diante de tantas transformações sociais, é necessário que ela se adapte e uma das mudanças sugeridas são as atitudes, o comportamento e, sobretudo, no trabalho docente (OLIVEIRA, 2005, p.31).

Uma das transformações negativas no espaço escolar é a crescente manifestação de violência, se tornando cada vez mais frequente, tornando-se em um dos temas mais veiculados na mídia televisiva. No que se relaciona a nossa realidade local, o cenário não é diferente, neste capítulo serão apresentados relatos de alguns jovens em relação à exposição desse fato. Abramovay e Rua (2002, p. 300) afirmam que:

as situações de violência comprometem o que deveria ser a identidade da escola – lugar de sociabilidade positiva, de aprendizado de valores éticos e de formação de espíritos críticos pautados no diálogo e no reconhecimento da diversidade.

Com isso vai se desconstruindo o conceito de escola enquanto espaço normativo, de desenvolvimento social dos alunos, promotora de uma interação saudável entre seus membros, uma vez que nesse espaço acontecem diferentes manifestações de violência. Antes de qualquer conceituação é preciso distinguir os 3 tipos de violência relacionados ao contexto escolar como:

Violência na escola: é aquela que se produz dentro do espaço escolar, **nem todos** seus atores estão ligados diretamente às atividades da instituição, podem ser membros da comunidade, e a escola serve apenas como um espaço onde se desenvolve a violência;

Violência à escola: está ligada diretamente a natureza e as atividades da instituição, onde **todos seus atores são membros** da comunidade escolar, sendo promovida pelos alunos e as vítimas o corpo docente, equipe de trabalho da escola, e até mesmo o espaço físico escolar; e

Violência da escola: é uma violência institucional que os próprios **jovens suportam** através da maneira pela qual seus **professores e agentes os tratam** (CHARLOT, 2002, p. 435, Grifos da autora).

A partir das conceituações do autor verifica-se que é preciso distinguir cada uma delas para que se possa identificá-las e enquadrá-las nas diferentes manifestações apresentadas. Segundo relatos dos participantes da pesquisa as formas mais apresentadas se reportam a: agressão, *bullying* e violência verbal, como afirma a jovem cód. 068 “Na escola já vi muito violência física, verbal, preconceito como, por exemplo, pessoas sofrendo bullying” (*sic*), (Estudante da Escola Juvenal Miller – 16 anos, moradora da área PPV - Questionário).

Percebe-se então que aquele ideal que se tem da escola: promotora de relações de amizade, companheirismo, respeito aos colegas, integração entre alunos e professores esta cada vez mais extinta, alguns espaços escolares estão se tornando verdadeiras “arenas de lutas de poder”, entre os alunos, e também entre alunos e professores, como demonstram os relatos.

A concepção do papel do professor enquanto reflexo dos valores e padrões da sociedade não parece se reproduzir nestes relatos em específicos (ABREU, MASSETO, 1990, p. 115), Segundo a jovem cód.105, a mesma afirma ter presenciado o seguinte fato: “Professor agredir aluno. Aluno agredir professor” (Estudante da escola Sant’Ana – 15 anos, moradora da área Não PPV - Questionário), e também como relata a jovem de cód.303 que presenciou “Violência verbal em plena sala de aula por professora” (Estudante da escola Juvenal Miller – 15 anos, moradora da área PPV - Questionário), com isso nota-se que tem havido uma distorção do verdadeiro papel do professor.

A escola não pode nem deve ser vista como um espaço de conflitos, mas sim um ambiente para se problematizar fenômenos como esses que fogem da esfera individual e atinge o social, instigando a reflexão crítica dos alunos e o debate, como alternativa para mudança do cenário atual em que vivem centenas de jovens que

assumem algum papel diante da violência, essa desordem neste ambiente, esta colocando em risco a função social da escola que é a socialização das novas gerações (CHARLOT, OHSAKO *apud* SANTOS, 2001, p.107).

Porém, nem todas as práticas de violência entre professores e alunos são fáceis de serem percebidas, principalmente por se apresentar na forma de “brincadeiras”, com isso, uma das formas de violência não física destacada pelos jovens é a prática do assédio moral, reconhecida enquanto *bullying* como evidenciou o jovem cód.77 “Já sofri bulynng por parte de numa professora” (*sic*) (Estudante da escola Juvenal Miller – 18 anos, morador da área PPV- Questionário).

É provável que alguns professores tenham condutas abusivas contra seus alunos, sendo um dos motivos a dificuldade de receberem consequências negativas pelos seus atos até por ser complicado de ser descoberto, e mesmo que venham a descobrir eles, (os professores agressores), vão na maioria da vezes, justificar-se alegando provocação por parte da vítima (McEVOY, 2005 *apud* SILVA, 2011). Reafirmando essa declaração, em pesquisa realizada pela UNESCO, sobre violência na escola, no capítulo referente a “*alunos agredidos*”, um participante relata que presenciou agressão física entre aluno e professora e finaliza seu depoimento afirmando “Depois, os dois [o aluno e a professora] foram para a secretaria [...], e [...] Não aconteceu nada. Ela voltou a dar aula normalmente para gente depois” (ABRAMOVAY, 2006, p. 201).

Essas condutas violentas podem gerar desvalorização da escola por parte do jovem, e ainda o desmantelamento da figura de respeito que o professor busca exercer na sala de aula, fazendo com que se manifeste ainda mais a violência escolar que:

diz respeito a todos os comportamentos agressivos e anti-sociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, etc. Muitas dessas situações dependem de fatores externos, cujas intervenções podem estar além da competência e capacidade das entidades de ensino e de seus funcionários. Porém, para um sem número delas, a **solução possível pode ser obtida no próprio ambiente escolar** (NETO, SAAVEDRA, 2004, p. 19. Grifos da autora)

Para que isso aconteça, é preciso que a relação aluno-professor seja permeada por sentimentos como reciprocidade, respeito e valorização, pois ambos compõem o espaço escolar, mesmo ocupando posições diferentes, mas nunca em lados opostos, e que o contexto escolar seja um ambiente saudável e que

desempenhe sua função principal, construindo e mantendo os valores éticos e morais, auxiliando na formação de cidadãos capazes de relacionar-se em sociedade.

Entretanto, as violências vivenciadas neste espaço não param por aí, há relatos de violência física sofrida dentro deste meio, sendo um evento que se repetiu bastante entre os relatos dos participantes, como reproduz a jovem cód.150 “Levei socos na cabeça.” (Estudante da escola Lorea Pinto – 15 anos, moradora da área Não PPV- Questionário).

A exposição dos jovens a essas situações negativas no contexto escolar termina gerando problemas para o seu desenvolvimento como afirmam Lisboa & Koller (2001, p. 61):

a escola é um exemplo de microsistema ecológico no qual a agressividade prejudica o desempenho acadêmico e o estabelecimento de relações saudáveis e próximas.

Complementando a afirmação das autoras Abramovay (2006, p. 323-324, declara que:

A exposição dos jovens ao impacto da violência gera consequências físicas, psicológicas não apenas para as **vítimas**, mas também para as **testemunhas** e para aqueles que, de alguma forma, compartilham o ambiente, locus de casos de violências, mesmo que essas muitas vezes sejam consideradas como eventos corriqueiros (Grifos da autora).

Neste contexto percebe-se que independente do papel que o jovem ocupe diante da violência, ele será sempre prejudicado, principalmente se esta exposição se der diariamente como é o caso da escola, um ambiente onde o aluno participa cotidianamente.

Alguns comportamentos agressivos dos jovens contra seus pares, geralmente podem estar associadas a outras condutas como rejeição entre colegas ou pares ou então adoção de padrões sociais vivenciados no contexto familiar (KUPERSMIDT, COIE, 1990 *apud* SISTO, 2005; PARKE *et al.* 1992 *apud* SISTO, 2005). E este fato termina eclodindo no contexto escolar, ambiente que os alunos mantêm relações face a face, durante determinados períodos de tempo. Como demonstra a jovem PL:

[...] tinha batido do intervalo, ai eu pedi com licença pra entra na sala, e ela começou a discutir comigo, ai ela começou a me chamar de um monte de coisa até de vagabunda, ai ela veio meter minha mãe em assuntos que não devia, dai ela pegou veio me falar coisas, meter minha mãe, e eu peguei e briguei com ela, inclusive até quebrei o braço brigando [...] (Jovem PL, 15 anos, participante CRAS Hidráulica – Entrevista individual).

Reações como a da jovem PL, são mais comuns do que se pode imaginar, uma vez que não foi à única jovem que relatou ter usado a violência em resposta a uma atitude de outra colega como afirma o jovem cód.133 “Já briguei porque vieram bater sem motivo.” (Estudante da Escola Estadual Getúlio Vargas - 17 anos, morador da área Não PPV- Questionário).

Um fato preocupante foi exposto por uma participante foi em relação à tentativa de violência sexual no âmbito escolar, como declara a jovem de cód.036, “Tentaram estupra uma menina na sala de aula.” (Estudante da Escola Estadual Roberto Bastos Tellechea - 18 anos, moradora da área PPV - Questionário), é sem dúvida um absurdo, e inimaginável que um fato como esse aconteça no contexto escolar e dentro de uma sala de aula, uma vez que os jovens encontram-se na presença do professor e de colegas. O artigo 205 da Constituição Federal indica que “a educação é um direito de todos [...] visando o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania” (BRASIL, 1988). Diante desse exposto fica o questionamento: até que ponto a escola é de fato um espaço protetivo?

As afirmações realizadas pelos jovens demonstraram que a escola, bem como seus integrantes, estão cada vez mais expostos a esse problema ambiental denominado violência, comprometendo o desenvolvimento de processos proximais que são definidos como as interação recíprocas e progressiva do jovem, com as pessoas de seu ambiente imediato (LEITE, TAGLIAFERRO, 2005 *apud* AMPARO *et al.*, 2008, p. 72). É preciso que se reflita sobre a necessidade de uma intervenção, resultando em um maior comprometimento por parte do grupo escolar – assistente pedagógico, psicólogo escolar, professores, direção, vice direção, em articulação com os alunos, suas respectivas famílias, e a comunidade do entorno escolar, reconhecendo a dimensão social desse ambiente, objetivando o fortalecimento dos vínculos existentes, bem como da instituição (LAYRARGUES; LOUREIRO, 2000, p. 6).

6.4.4 Comunidade/Bairro

Outro contexto investigado foi a comunidade ou bairro em que os jovens estão inseridos. A comunidade foi compreendida como um importante sistema onde o jovem circula e estabelecem relações. Em relação a este espaço e as relações nela existentes, Mayol, Giard e Certeau (1996) afirmam que:

as relações existentes são criadas no cotidiano, pois nesse ambiente social, o bairro constitui para o seu usuário uma parcela do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido

Segundo a OMS (2000), a comunidade pode ser compreendida “como um grupo de pessoas que possui certa identidade devido ao fato de compartilhar interesses comuns ou proximidade geográfica”. Além disso, pode ser identificada como “um grupo de pessoas que compartilham um conjunto de valores, interesses [...] comuns”. De forma mais simplificada, pode-se dizer que comunidade consiste em um “conjunto das populações que habitam determinada região” (EMAPÉDIA, 2004). Em termos sócio ambientais, Santos (1985), afirma que o espaço pode ser definido como a “soma dos componentes da natureza mais a sociedade, em que cada fração da natureza abriga outra fração da sociedade”.

A violência é um dos mais graves problemas ambientais, pois ela afeta a integridade dos sujeitos, podendo causar danos irreparáveis para a manutenção da vida humana. Partindo dessa proposição, foi importante trabalhar a concepção de violência enquanto problema ambiental com os jovens, para que a partir da reflexão sobre seu cotidiano, eles pudessem encontrar o significado desses acontecimentos e se perceberem enquanto agentes ativos desse meio. Principalmente em relação à comunidade/bairro em que esses jovens estão inseridos, uma vez que esta se apresenta, na maioria das vezes, como um espaço de interação onde os jovens transitam, relacionando-se com seus grupos e vizinhos, diariamente.

Diferentes autores definem o que de fato caracteriza-se um bairro, cada um com seus diferentes enfoques, um apresentando uma visão mais geral como definido por Ximenes “Cada uma das grandes divisões de uma cidade” (2000, p. 112), outro apresentando um conceito mais abrangente, relatando um olhar mais social do significado de um bairro visto como:

[...] além de determinado território, o bairro se caracteriza por um segundo elemento, o **sentimento de localidade** existente nos seus moradores, e cuja formação depende não apenas da posição geográfica, mas também do **intercâmbio entre as famílias e as pessoas**, vestindo por assim dizer o esqueleto topográfico. [...] O que é bairro? - perguntei certa vez a um velho caipira, cuja resposta pronta exprime numa frase o que se vem expondo aqui: - Bairro é uma naçãozinha. - Entenda-se: a porção de terra a que os moradores têm consciência de pertencer, formando uma certa unidade diferente das outras. (SOUSA, 1987 p. 57-65, Grifos da autora).

A partir dessa definição apresentada por Sousa, evidenciam-se as relações que são desenvolvidas nesse contexto, sobretudo o sentimento de pertencimento por parte de seus integrantes. No entanto, em algumas situações, esse espaço acaba sendo permeado por diferentes manifestações de violências, gerada tanto por seus componentes, como por outros que de alguma forma utilizam esse contexto apenas como um cenário para o desenrolar dessas reproduções. Essa afirmação fica evidenciada na descrição da jovem de cód.115, onde a mesma afirma que “Já vi assaltos, polícia batendo em ladrão, gente vendendo drogas.” (Estudante da Escola Lorea Pinto, 18 anos, morador da área Não PPV – bairro Profilurb II - Questionário), e ainda complementando este relato, o jovem de cód.94 diz que “Brigas assaltos isso tudo aconteceu na minha comunidade” (Estudante da Escola França Pinto, 18 anos, morador da área PPV – bairro Santa Rita de Cássia - Questionário).

Mesmo entendendo que a exposição à violência não é restrito somente aos grupos de jovens, e que ela afeta de uma maneira geral toda população, ainda assim eles são as principais vítimas e protagonistas da violência (WAISELFISZ, 2011a). Essa afirmativa evidencia-se nos relatos dos jovens em relação a esses acontecimentos, onde o mesmo surge assumindo diferentes papéis diante da violência. A jovem RA, por exemplo, apresenta um relato afirmando que:

[...] 1 mulher e sua filha foram assaltadas quando chegaram em casa, e são agredidas, os assaltantes eram 01 casal, ela tinha uma faca e ele uma arma. A **filha tem 11 anos e levou uma facada** no abdômen. [...] (Jovem RA, 15 anos, participante do CRAS Hidráulica, moradora da área Não PPV, bairro Buchholz – Diário íntimo. Grifos da autora).

Essa vivência da jovem RA, com a violência, mesmo que na figura de testemunha, podendo gerar sensação de insegurança e até mesmo refletindo-se na perspectiva negativa de um futuro. Este não foi o único caso de testemunha a atitudes violentas vivenciadas no bairro, a jovem de cód.110, relatando que “Eu já vi

minha vizinha apanhar **várias vezes** do marido dela, até a filha dela de **tanto apanhar fugiu** de casa.” (Estudante da Escola Cipriano Porto Alegre, 22 anos, moradora da área Não PPV – bairro Bosque – Questionário. Grifos da autora). Neste caso, merece destaque as consequências da vitimização da violência, nesta situação, se manifestando a longo prazo, ocasionando a fuga da filha de casa, como cita a jovem (MARGOLIN; GORDIS, 2004 *apud* BENETTI *et al.*, 2006).

Outro fato presenciado por um dos participantes da pesquisa diz respeito à descrição da jovem de cód.61 onde a mesma narra que “Já vi esfaqueamento” (Estudante da Escola Lorea Pinto, 16 anos, moradora da área PPV – bairro Castelo Branco I - Questionário), e também, da jovem de cód. 58, destacando que “Já vi matarem um vizinho meu com tiros” (Estudante da Escola Lorea Pinto, 17 anos, moradora da área PPV – bairro Cidade de Águeda - Questionário).

Essa situação vulnerável a que os jovens estão submetidos podem provocar consequências psicológicas, e no âmbito interpessoal, a percepção e concepção da moral e da justiça, deturpados, principalmente quando os mesmos vivenciam situações específicas relacionadas a figuras que deveriam assegurar o bem estar da própria comunidade (BENETTI *et al.* 2006, p. 280). Essa ocorrência pode ser percebida no relato do jovem cód.114, onde é afirmado que “Já vi **policiais** abusarem de sua autoridade.” (Estudante da Escola Lorea Pinto, 20 anos, morador da área Não PPV – bairro Santa Rosa – Questionário. Grifo da autora), e também da jovem de cód.203 declarando que “Ví **policiais** agredirem meu vizinho para defender seu filho” (Estudante da Escola Getúlio Vargas, 15 anos, morador da área Não PPV – bairro Lagoa – Questionário. Grifo da autora). Sobre esse fato pode-se dizer que está havendo falta de controle por parte do comando da polícia, o que favorece a intolerância e os abusos por parte dos mesmos em relação à população atendida por eles, provocando diferentes formas de vitimização e favorecendo o sentimento cada vez menor de confiança em seu papel. Corroborando com essa afirmação, diz-se que “a violência policial, principalmente quando os responsáveis não são identificados e punidos, é percebida como um sintoma de problemas graves de organização e funcionamento das polícias” (MESQUITA NETO, 1999, p.131).

Um fato inquietante, diz respeito à conduta arbitrária por parte de alguns policiais militares, que abusam de sua autoridade para agirem de forma violenta, sendo que estes deveriam ser responsáveis por garantir a integridade física dos cidadãos, manter a ordem pública, além de conter a criminalização, no entanto,

houve muitos casos de acusação de conduta inadequada por parte destes agentes da lei, fazendo com que seja rompido aquele ideal de compromisso com a segurança pública e de preservação dos direitos humanos que deveria ser a principal norma da polícia militar (ROLIM, 2006, p. 28).

Em relação este tipo de acontecimento, pode-se destacar a fala do jovem de cód.001 onde o mesmo afirma ter presenciado “Agressão a um menor pela polícia.” (Estudante da Escola Tellechea, 15 anos, morador da área PPV, bairro Castelo Branco II - Questionário), e ainda em relação à imagem dos policiais, o jovem de cód.160, alega que “Um carro policial parou eu e um grupo de amigos, e mesmo sem ter nada errado **eles agiram de forma agressiva.**” (Estudante da Escola Lorea Pinto, 19 anos, morador da área Não PPV – bairro COHAB IV – Questionário. Grifos da autora), esta definido na Constituição Federal de 1988 artigo 144, inciso 5º delegando aos policiais militares a preservação da segurança e da ordem pública, porém, em alguns casos acontecem violações e atitudes abusivas, manifestados na forma violência como o exemplo mencionado pelo jovem.

A Secretaria de Direitos Humanos afirma que existem 4 conceitos em relação a violência policial sendo eles:

- O uso da força física contra outra pessoa de forma ilegal, não relacionada ao cumprimento do dever legal ou de forma proibida por lei;
- o uso desnecessário ou excessivo da força para resolver pequenos conflitos ou para prender um criminoso de forma ilegítima;
- os usos irregulares, anormais, escandalosos ou chocantes da força física contra outras pessoas; e
- o uso de mais força física do que um policial altamente competente consideraria necessário em uma determinada situação (BRASIL, 2009).

É necessário que se crie mecanismos para minimizar estes comportamentos violentos causados por policiais, bem como, encontrar maneiras para conter estas atitudes abusivas. Mesquita Neto (1999, p. 147) indica que se proporcionem aos policiais a capacitação profissional necessária para o desempenho de suas funções com o uso mínimo da força física. Entretanto, nem sempre a imagem de policiais esta relacionada a situações negativas, como fica evidente na fala do jovem LU:

[...] que nem aquele vez aqui teve festinha no campo, tinha um cara de carro, ai falaram que o cara botava as guriuzinhas dentro do carro, ta nós tudo cuidando, nós era um monte né, quando vê o cara paro o carro assim com as guriuzinha ai o cara saiu assim, foi pra lá, **quando vê paremo o cara lá, enchemo de tijolasso e atiremo o carro dentro da valeta**, a mulher do cara era até professora, ai a mulher disse esse tarado pegando as guriuzinhas a mulher dele me falou, tu vai ir preso, ele era advogado a mulher falo, ai o cara pego e saiu, mas também **quase matemo ele**, os guris roubaram o rádio dele, roubaram tudo, os guris levaram o radio, o telefone, tudo, um levou a step, tiraram tudo, quebraram, tiveram que chamar a policia, se os guris iam matar o cara, diz que foram até a casa dele, quebraram os vidros da casa, os caras ah tu qué estuprar crianças então tu vais ver agora, a **botemo o carro de pata pro ar na valeta**[...]até da mulher o carro era, ela disse pra que fazer isso com meu carro, ai disse não sabia que o carro era teu [...] **tiveram que chamar** o guincho para tirar o carro da valeta, e a **policia** senão os caras, as mulher, mãe das crianças, se revoltaram, pegaram pau, pedra, olha meu **iam matar ele** [...] foi bem ali na esquina, na saída da Águeda para Cohab (*sic*) (Jovem LU, 16 anos, participante do CRAS Cidade de Águeda – Entrevista individual. Grifos meus).

Neste relato, o jovem refere-se à imagem da polícia, como proteção, mantenedora da ordem, aonde a mesma chega para evitar que ocorra algo ainda pior do que a agressão ao suposto abusador, segundo informado. Ainda no que se refere a esta fala do jovem LU, outro aspecto precisa ser evidenciado, é justamente a questão da realização da “justiça com as próprias mãos”, como garantia de punição ao “culpado”, provavelmente pela ausência de credibilidade no que tange a penalização por parte da justiça. Isso se deve possivelmente por muitas vítimas “imaginarem que a polícia não irá produzir qualquer resultado” (ROLIM, 2006, p.40-41).

Em relação à exposição à violência no contexto comunitário, Rosenthal; Wilson (2003); McFarland *et al.* (2003) *apud* Benetti *et al.* (2006, p. 280), afirmam que:

Crianças e adolescentes vítimas diretas e indiretas da violência comunitária manifestam primeiramente distúrbios do comportamento, agressividade, distúrbios do humor, e sintomas de Estresse Pós – Traumático, como pesadelos, *flashbacks*, problemas clínicos de saúde e dificuldades escolares relacionadas ao desempenho cognitivo.

A partir dessa afirmação entende-se a importância de um espaço sadio, como elemento colaborador para um crescimento saudável, capaz de promover o desenvolvimento de características positivas, que serão mantidas durante toda vida.

Entretanto, sabe-se que nem sempre é possível garantir aos jovens espaços como os idealizados anteriormente, e com isso muitas vezes estes acabam por sofrerem as consequências da *co-vitimização*, ou seja, testemunhar atitudes relacionadas à violência (KUTHER; WALLACE, 2003; OSOFSKY, SCHEERINGA, 1997; OSOFSKY, 1995 *apud* BENETTI, *et al.* 2006, p. 280). Como é o caso do relato da jovem PA:

[...] meu irmão, ele roubou uma moto da vizinha, só que aí a minha mãe não sabia né, aí a minha mãe foi falar com as vizinhas ali do lado de casa, aí começaram a provocar minha mãe e ela achou estranho né. Aí meu irmão cara de pau disse pra minha mãe, aí mãe vai ali ver o que aconteceu com a vizinha que eles tão nervoso, aí quando vê no outro dia de madrugada ligaram da polícia, dizendo ah o seu filho tá aqui, aí quando vê minha mãe saiu e **eles queriam linchar minha mãe, aí eles disseram vou te cagar a pau**, é por que tu sabia que teu filho tinha roubado a moto, aí minha mãe disse eu não tô sabendo de nada [...], e, [...] queriam linchar meu irmão, aí **agente ficou mal um bom tempo, até hoje agente sofre com isso**, aí minha mãe pegou e levou meu irmão pra minha tia na [...], aí eles pegaram e disseram que iam **tirar os buchos do meu irmão, que iam matar meu irmão a facada** [...] (*sic*) (Jovem PA, 17 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Entrevista Individual. Grifos da autora).

Neste caso, em específico, observa-se que a jovem sofre as consequências deste fato, uma vez que ela, além de testemunhar toda agressão verbal por parte de seus vizinhos, ainda tem a ameaça de morte em relação ao irmão, principalmente pela forma violenta e agressiva com que a fizeram “tirar os buchos do meu irmão”. Estes incidentes ruins acabam fomentando uma carga emocional negativa, aumentando a probabilidade de deixar “marcas” para as vítimas, onde a mesma salienta “agente ficou mal um bom tempo, até hoje agente sofre com isso” (RICHTERS; MARTINEZ, 1993 *apud* CARDIA, [s.d.], p.7).

No tocante a sofrer violência na própria comunidade, a jovem IS, narra uma passagem onde a mesma confessa ter sido vítima de agressão física:

[...] teve uma vez que umas crianças entraram no pátio e pegaram os brinquedos dos meus irmãos, aí eu tive que sair na rua na venda e quando eu voltei, a irmã mais velha pegou e me caçou dos cabelos, invadiu o pátio da minha tia, **me arrastou pelos cabelos, com as costas em cima das pedras, tinha tudo assim em frente, cascote assim, apanhei uma surra né, dela, das irmãs dela também, dela me agarrar e deixar os outros me bater**, e era só eu né, pra defender os meus irmãos [...]eu tenho medo né de sair, porque elas disseram que iam me pegar se eu passar ali.[...].(Jovem IS, 15 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Entrevista individual. Grifos da autora)

Essa circunstância violenta que a jovem IS suportou, poderá acarretar em sérias consequências psicológicas e emocionais, além de fazer com que a menina sinta medo e insegurança até mesmo para sair de casa e circular na sua própria comunidade, principalmente por esse ato ter sido cometido por alguém próximo, que neste caso são as vizinhas. Relativo a esta afirmação, Balandier (1997, p. 207-212) declara que, a violência pode tomar a forma de uma desordem contagiosa, dificilmente controlável, de uma doença da sociedade que **aprisiona o indivíduo** [...] num estado de **insegurança que gera o medo** (Grifos da autora). Esse tipo de circunstância acaba diminuindo a qualidade de vida do jovem, entendendo qualidade de vida como:

[...] uma noção eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000, p.8).

Contribuindo com esse entendimento das autoras, a OMS através da criação do Grupo de qualidade de vida – The WHOQOL Group (1995) *apud* Minayo; Hartz; Buss (2000, p.13) , definiu o termo como:

a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e **preocupações** (Grifo da autora)

A partir destas definições, compreendendo o medo e a insegurança como uma das composições negativas da qualidade de vida, que neste acontecimento, gerou-se pela violência sofrida, fazendo com que o bem estar desta jovem fique comprometida, uma vez que o grau de satisfação com a vida social encontra-se afetado, principalmente por conta deste ambiente danoso que compromete o progresso benéfico. Contrapondo, com isso, o artigo 225 da Constituição Brasileira de 1988 assegurando que “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e **essencial à sadia qualidade de vida**” (BRASIL, 1988. Grifos da autora).

Com isso, evidencia-se a relação direta entre sujeitos e o contexto que ele faz parte, e o quanto este espaço pode ser desfavorável para o desenvolvimento dos jovens, estando em consonância com o modelo bioecológico do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner, onde são estudadas e priorizadas as inter-relações

contidas entre as pessoas e os contextos em que estão inseridas (GOLDBERG; YUNES; FREITAS, 2005, p. 100).

Ainda sobre o contexto comunitário, e a atuação do jovem enquanto testemunha de situações violentas, o relato da participante BR, é inquietante, onde a mesma afirma que “ali na Santa Rosa tem gente que abusa de guria, só que eu não falo nada, **vai que depois sobra pra mim**, eu conheço vários, mais **eu fico quieta**” (*sic*) (Jovem BR, 16 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Encontro em grupo. Grifos da autora), o medo de sofrer algum tipo de violência, faz com que a jovem tenha uma atitude omissa diante desse fato que ela mesma considera “grave”, a ponto de deixar evidente que se ela denunciar poderá sofrer algum tipo de coação.

A ausência de denúncia às autoridades competentes faz com que casos semelhantes a estes continuem ocorrendo, mesmo entendendo que as testemunhas, por vezes, não se envolvem por medo de represálias, contudo, esta omissão diminui a possibilidade do conhecimento destes atos, comprometendo seu desfecho, ficando por vezes impossível de ser solucionado (POLANCZYK *et al.*, 2003).

Além disso, o receio de sofrer algum tipo de repressão, por denunciar alguma situação de violência, foi relatado pela mesma jovem anteriormente citada, que:

[...] pai dele teve que voltar a morar ali, por que o guri voltou a usar droga, bebe, fuma, tudo, e eu bah, que horror [...] tudo assim, ele ficava bem loco, ele tava com 18 ou 19 anos, e ele ainda tem problema mental, e eu fiquei olhando... isso é doente mental, o pai bebia cachaça caia nas valetas e mãe também, já é da família, a única que diz que a filha é boa ali, é a filha “crente”, por que a outra apanha do marido todos os dias, sai com uns roxão no olho assim...as vezes ela ta com uns roxão **eu vejo mas fico bem quieta se não depois eu apanho** [...] a filha que apanha tem uns 22 ou 23, e a outra [crente] tem uns 40. (Jovem BR, 16 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Encontro com o grupo. Grifos da autora).

Mais uma vez a jovem BR, narra situações de violência que ela presencia, mas a mesma sempre deixa evidente que não se envolve de nenhuma forma por temer algum tipo de consequência, essas situações acabam tornando-se comuns para a jovem, uma vez que a mesma relata várias passagens de situações como as que foram descritas neste capítulo, acredita-se que possa estar relacionada à ausência da jovem na escola, pois a mesma estaria mais propensa a esse tipo de acontecimento.

Prosseguindo em relação à violência na comunidade, o relato da jovem de cód.004 é surpreendente, a mesma afirma ter presenciado que “mataram meu amigo a paulada esse ano [2011]” (Estudante da Escola Tellechea, 16 anos, área não identificada - Questionário), e ainda o relato da jovem de cód.121 descrevendo que presenciou “Esfaqueamento de um vizinho.” (Estudante da Escola Getúlio Vargas, 17 anos, moradora da área Não PPV, bairro Lagoa - Questionário). Estas vivências de violência mesmo que na condição de testemunha, produzem um temor nas mesmas por receio de serem as próximas vítimas, mesmo que não tenham sido diretamente atingidas, acabam sendo afetadas por presenciar atos violentos, podendo influenciar negativamente sua capacidade de progredir socialmente (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003).

As comunidades por serem espaços onde os jovens lidam cotidianamente, acabam se tornando por vezes, os ambientes onde eles mais presenciam o fenômeno da violência, conforme relato da jovem de cód.24 alegando que assistiu “Mataram uma pessoa com madeira sendo que eram 9 contra 1.” (Estudante da Escola Tellechea, 16 anos, moradora da área PPV, bairro Cidade de Águeda - Questionário), a descrição da jovem de cód.13 onde a mesma relata ter visto “um homem ser morto a chutes.” (Estudante da Escola Cipriano Porto Alegre, 16 anos, moradora da área PPV, bairro Castelo Branco I - Questionário), e também a afirmação do jovem de cód.107 que presenciou “A morte do meu vizinho, ele foi defender o irmão que estava envolvido com drogas e traficantes e acabou sendo assassinado com mais ou menos sete tiros” (Estudante da Escola Tellechea, 15 anos, moradora da área Não PPV, bairro Parque Marinha - Questionário), são situações descritas pelos jovens e reconhecidas pelos mesmos enquanto violência, que a partir do questionamento feito, proporcionou a reflexão sobre quais situações violentas haviam presenciado e/ou sofrido na comunidade.

Sobre a vivência em relação à violência pode-se dizer que:

A vitimização indireta ou o testemunho de atos violentos também reforça esta situação de vulnerabilidade, principalmente ao se identificarem, como situações cotidianas da comunidade, a presença maciça e disponibilidade de armas, drogas e ocorrências de disparos no ambiente imediato [...] (BENETTI *et al.*, 2006, p. 285)

A vulnerabilidade apontada pelos autores torna-se visível quando são descritos os relatos dos jovens, onde se percebe a intensidade de situações que eles estão expostos, uma delas é descrita pelo jovem cód.71 “Já vi uma mulher que

apanhou por causa de dívida de droga, apanhou na rua” (Estudante da Escola França Pinto, 24 anos, morador da área PPV, bairro Castelo Branco I - Questionário), e também o relato do jovem de cód.405 assegurando que “Eu já vi gente apanhando por causa que roubaram ou se não pegava droga fiada a não pagava”(sic) (Participante do CRAS Hidráulica, 16 anos, morador da área PPV, bairro Castelo Branco II - Questionário).

O aumento no comércio e consumo de drogas, faz com que a violência seja frequentemente adotada para resolução de divergências e expansão deste “negócio”, mesmo com tantas medidas repressivas, essa situação ainda tem crescido (MARÍN-LEÓN *et al.*, 2007, p. 1090), no que tange a relação existente entre drogas e a violência pode-se dizer que :

Las formas más importantes que muestran la relación entre el alcohol y otras drogas con la violencia son las siguientes: en primer lugar, los valores egocéntricos, impulsivos y hedonistas (DUPONT, 1999, p. 27).

A relação entre estas características constituem elementos propulsores para que se propague a violência nestes espaços que há algum tipo de envolvimento com as drogas, ocasionando consequências prejudiciais para as relações sociais mantidas nestes contextos.

Antecedendo a reflexão sobre o fenômeno da violência, se faz necessário compreender tudo que de algum modo favoreça sua disseminação, sendo que esta acaba se manifestando de diferentes formas, e com distintas justificativas.

São situações inquietantes, principalmente quando descritas de forma tão intensa, como é o caso do relato da jovem de cód.118 “Eu já vi a minha mãe apanhar muito e eu **nunca mais vou deixar ninguém bater nela.**” (Estudante da Escola Lorea Pinto, 17 anos, área não identificada – Questionário. Grifos da autora), neste caso fica evidente o quanto testemunhar essas situações de violência abalou essa jovem, em relação a violência pode-se afirmar que:

estas situações podem ultrapassar o limiar de tolerância de uma pessoa em relação ao que ela experienciou. Assim, para algumas pessoas, a experiência de violência pode ser vivida como traumática, o que significa que a pessoa vive uma intensa reação de estresse na situação, sendo que a reação não se desfaz e a pessoa não retorna ao seu estado psicológico habitual (SCARPATO, 2004, p. 10).

A partir da afirmação do autor, percebe-se o quanto esses eventos negativos, podem produzir consequências danosas a suas vítimas, tornando-as por vezes vinculadas a um sofrimento que não será sanado até que seja tratado.

No tocante as comunidades que promovem maiores riscos, a Organização Pan-Americana da Saúde alega que:

Las investigaciones sobre otros factores comunitarios y sociales demuestran que los jóvenes que viven en barrios y comunidades con altas tasas de delincuencia y pobreza corren mayor riesgo de verse involucrados en actos violentos. (OPS, 2002, p. 17)

Esse envolvimento acaba se dando de maneiras distintas, tendo este jovem assumido os papéis de vítima, testemunha e agressor, como mencionado anteriormente (WAISELFISZ, 2011a). Na condição de agressor referente à comunidade, poucos foram os relatos dos participantes, merecendo destaque os fatos mencionados pelos jovens, a de cód.46 “Já briguei e já vi brigas” (Estudante da Escola Sant’ana, 15 anos, moradora da área PPV, bairro Castelo Branco II - Questionário), e a jovem de cód.139 afirmando que “Briguei com uma guria porque ela estava falando mal de mim.” (Estudante da Escola Getúlio Vargas, 15 anos, moradora da área Não PPV, bairro COHAB II - Questionário), e da jovem de cód.404 “Briga, por exemplo, eu briguei com uma garota e estou aqui no CRAS por causa disso” (Participante do CRAS Hidráulica, 15 anos, moradora da área Não PPV, bairro Leônidas - Questionário).

Estas atitudes, cada vez mais violentas dos jovens, traz à tona a questão da banalização da violência, onde a mesma deixa de ser um acontecimento excepcional para tornar-se algo corriqueiro ou comum, uma violência gratuita, por razões questionáveis, tomando como verdade a ideia de que os problemas somente serão resolvidos se tratados de uma forma violenta, ou ainda que agindo por impulsividade. Essa postura vem assumindo, cada vez mais, lugares específicos no dia a dia de alguns jovens, estudos evidenciam que as consequências geradas pela exposição à violência são caracterizadas desde a infância de acordo com o gênero, proporcionando o desenvolvimento da agressividade nos meninos e nas meninas a depressão (ATTAR; GUERRA; TOLAN, 1994 *apud* GUERRA; DIERKHISING, c2011, p. 2).

Corroborando com o que foi dito, menciona-se um estudo realizado com 809 jovens do Distrito Federal, pertencentes a gangues e grupos, no que diz respeito ao

fenômeno da violência, ela é entendida por parte destes jovens de uma forma distorcida, sendo exposta enquanto “comum e naturalizada, como uma fatalidade que acontece porque tem que acontecer” (ABRAMOVAY *et al.*, 2004, p. 174), esse tipo de visão faz com que se espalhe cada vez mais a violência entre os jovens.

Quanto ao envolvimento do jovem com a violência, pode-se mencionar seu papel enquanto vítima deste fenômeno, onde o participante de cód.127 afirma que: “Já apanhei de mais de um” (Estudante da Escola Getúlio Vargas, 17 anos, morador da área Não PPV, bairro Municipal - Questionário), o jovem de cód.130 declara que: “Já fui assaltado diversas vezes.” (Estudante da Escola Getúlio Vargas, 19 anos, morador da área Não PPV, bairro Buchholz - Questionário), e ainda a manifestação da jovem de cód.165 “Eu já apanhei de uma guria que eu não conhecia e que me bateu porque ela achou que eu estava dando em cima do namorado dela.” (Estudante da Escola Juvenal Miller, 15 anos, moradora da área Não PPV, bairro Miguel de Castro Moreira - Questionário). Esta vitimização dos jovens faz com que aumente ainda mais o sentimento de instabilidade, fazendo com que se estabeleça uma relação de causa-efeito, ou seja, os jovens que sofrem algum tipo de violência terminam reproduzindo estas em diferentes contextos.

Relativo aos efeitos que a violência produz diz-se que:

a pior consequência que a violência pode trazer é a morte, especialmente pelos crimes cometidos no trânsito e pelos assassinatos, estes últimos ceifando, sobretudo jovens brasileiros (MINAYO; SOUZA, 1993, p.65)

Mais uma vez, são destacados os jovens enquanto as maiores vítimas destes acontecimentos, enquanto consequência. Essas taxas de mortalidade entre os jovens não pode ser considerada mera fatalidade, ou até mesmo como consequência de seus estilos de vida. É necessário observar as razões que fazem com que esses jovens passam a ser os principais alvos deste tipo de violência, talvez uma das explicações para isto, se encontra na postura impulsiva, agressiva, dentre outras características típicas da fase, para tanto, é preciso atenção mais direcionada, uma vez que nesta fase as pessoas se mostram mais vulneráveis. Esse tipo de ação teria de ser constituída no contexto onde esses jovens se encontram – em sua comunidade, com isso efetivando a relação a ser estabelecida entre a pessoa, o espaço e o comportamento.

Essas comunidades/bairros que compõem em seus espaços, situações de violência, acabam por tornar vulneráveis todos que ali se encontram, e, é nessa relação do homem com o meio que se processa uma forma bastante desequilibrada e dominadora. Na Educação Ambiental esta questão se constitui de uma lacuna ainda pouco explorada, fazendo com que haja uma reflexão sobre o papel de cada indivíduo dentro deste contexto, propiciando seu comprometimento com a qualidade de vida não só de si próprio, mas também de seus pares. A violência entra neste âmbito como impeditiva para o desenvolvimento de atitudes saudáveis, onde, “o contrário da violência não é a não-violência, é a cidadania e a valorização da vida humana em geral e de cada indivíduo no contexto de seu grupo” (GUIMARÃES, 2001, p. 31; MINAYO, SOUZA, 1998, p. 528).

Como esse estudo, priorizou identificar as situações de violência ocorridas nas diferentes comunidades (PPV e NÃO PPV), várias questões buscaram analisar as ocorrências mais comuns em cada área.

TABELA 31 – AMEAÇA OU HUMILHAÇÃO NA COMUNIDADE

	PPV n(%)	NÃO PPV n(%)
<i>Frequência</i>		
Nunca	1 (5,3)	0 (0,0)
Quase nunca	9 (47,3)	14 (87,5)
Às vezes	8 (42,1)	2 (12,5)
Quase sempre	1 (5,3)	0 (0,0)
Sempre	0 (0,0)	0 (0,0)
TOTAL	19 (100,0)	16 (100,0)
<i>Impacto</i>		
Nada ruim	2 (10,5)	3 (20,0)
Um pouco ruim	6 (31,6)	4 (26,7)
Mais ou menos ruim	5 (26,3)	3 (20,0)
Muito ruim	3 (15,8)	5 (33,3)
Horrível	3 (15,8)	0 (0,0)
TOTAL	19 (100,0)	15 (100,0)
<i>Quem fez</i>		
Amigos	3 (17,6)	2 (12,5)
Colegas de escola	0 (0,0)	0 (0,0)
Vizinhos	6 (35,4)	6 (37,5)
Professores	0 (0,0)	0 (0,0)
Policiais	0 (0,0)	0 (0,0)
Desconhecidos	7 (41,1)	7 (43,7)
Outros	1 (5,9)	1 (6,3)
TOTAL	17 (100,0)	16 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 33.

A esta questão, na área PPV, 19 jovens responderam (19,1% do total da área, N=99) do seguinte modo: as ameaças ou humilhações ocorridas na comunidade permearam, em sua maioria, nas frequências, “quase nunca” (47,3%) e “às vezes” (42,1%), com impacto “um pouco ruim” (31,6%) e “mais ou menos ruim” (26,3%), sendo praticado na maioria das vezes por desconhecidos (35,4%) e vizinhos (35,4%). Já na área NÃO PPV, 16 jovens responderam a esta questão, correspondendo a 13,9% da área (N=115), tendo como resposta, em relação as as ameaças ou humilhações ocorridas na comunidade, assim como na área PPV, também tiveram como maiores frequências as respostas “quase nunca” (87,5%) e “às vezes” (12,5%), respectivamente, ainda que na primeira tenha tido mais ênfase; Quanto ao impacto, o mais indicado foi “um pouco ruim” (26,7%), seguidos por “nada ruim” e “mais ou menos ruim”, ambos com 20%. No que se refere à quem fez, assim

como na área PPV, os “desconhecidos”, com 43,7% é a maior ocorrência, seguidos pelos “vizinhos” (37,5%).

TABELA 32 – SOCO OU SURRA NA COMUNIDADE

	PPV n(%)	NÃO PPV n(%)
<i>Frequência</i>		
Nunca	0 (0,0)	0 (0,0)
Quase nunca	8 (66,7)	6 (75,0)
Às vezes	3 (25,0)	2 (25,0)
Quase sempre	1 (8,3)	0 (0,0)
Sempre	0 (0,0)	0 (0,0)
TOTAL	12 (100,0)	8 (100,0)
<i>Impacto</i>		
Nada ruim	1 (8,3)	1 (12,5)
Um pouco ruim	3 (25,0)	2 (25,0)
Mais ou menos ruim	2 (16,7)	1 (12,5)
Muito ruim	4 (33,3)	3 (37,5)
Horrível	2 (16,7)	1 (12,5)
TOTAL	12 (100,0)	8 (100,0)
<i>Quem fez</i>		
Amigos	3 (30,0)	2 (25,0)
Colegas de escola	0 (0,0)	1 (12,5)
Vizinhos	3 (30,0)	2 (25,0)
Professores	0 (0,0)	0 (0,0)
Policiais	1 (10,0)	0 (0,0)
Desconhecidos	3 (30,0)	3 (37,5)
Outros	0 (0,0)	0 (0,0)
TOTAL	10 (100,0)	8 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 33.

Nesta questão, 12 jovens da área PPV (N= 99) a responderam, correspondendo a 12,1% (n) e na NÃO PPV (N= 115), correspondendo a 8 (n= 6,9%). Houve diferença, portanto, de ocorrências desta situação nas áreas, sendo que na PPV possui quase o dobro em relação à NÃO PPV.

“Muito ruim” foi o impacto com maior ocorrência entre as áreas, sendo esta, cometidas em sua maioria, por amigos, vizinhos e desconhecidos. Quanto ao impacto do soco ou surra, foi considerado “muito ruim” em ambas as áreas.

TABELA 33 – AGRESSÃO COM OBJETO (MADEIRA, CINTO, FIO, CIGARRO, ETC...) NA COMUNIDADE

	PPV n(%)	NÃO PPV n(%)
<i>Frequência</i>		
Nunca	0 (0,0)	0 (0,0)
Quase nunca	0 (0,0)	1 (100,0)
Às vezes	3 (100,0)	0 (0,0)
Quase sempre	0 (0,0)	0 (0,0)
Sempre	0 (0,0)	0 (0,0)
TOTAL	3 (100,0)	1 (100,0)
<i>Impacto</i>		
Nada ruim	0 (0,0)	0 (0,0)
Um pouco ruim	2 (75,0)	0 (0,0)
Mais ou menos ruim	0 (0,0)	1 (100,0)
Muito ruim	1 (25,0)	0 (0,0)
Horrível	0 (0,0)	0 (0,0)
TOTAL	3 (100,0)	1 (100,0)
<i>Quem fez</i>		
Amigos	1 (50,0)	1 (100,0)
Colegas de escola	0 (0,0)	0 (0,0)
Vizinhos	0 (0,0)	0 (0,0)
Professores	0 (0,0)	0 (0,0)
Policiais	0 (0,0)	0 (0,0)
Desconhecidos	1 (50,0)	0 (0,0)
Outros	0 (0,0)	0 (0,0)
TOTAL	2 (100,0)	1 (100,0)

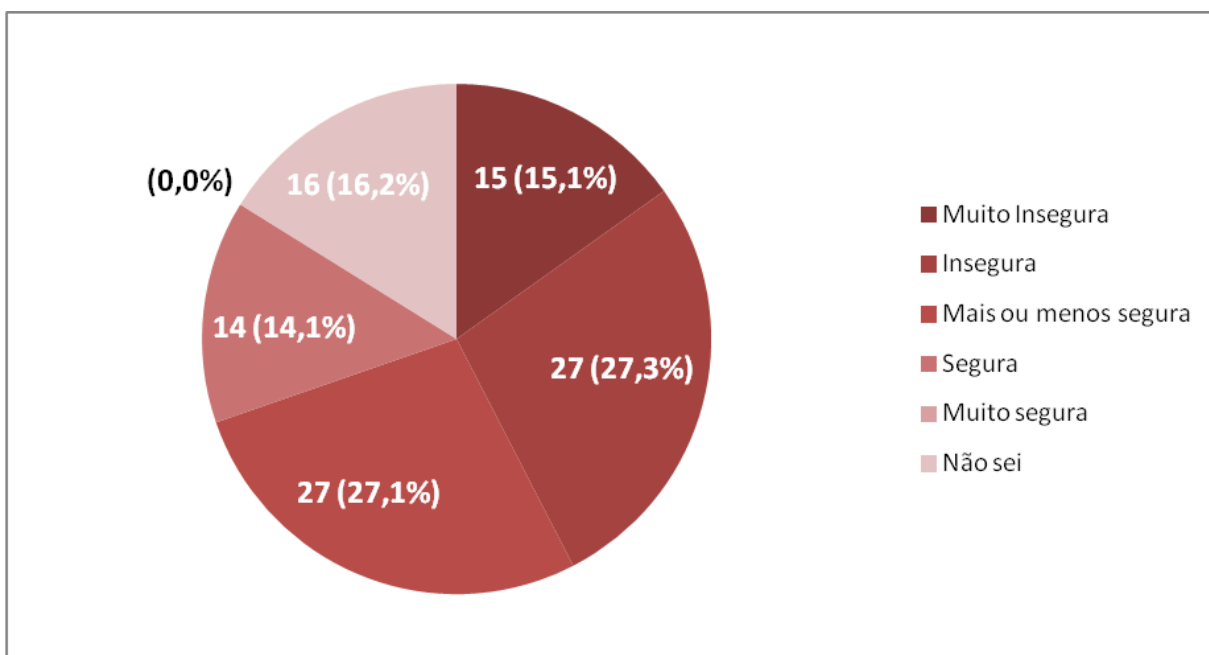
Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 33.

A agressão sofrida com objetos teve pouca ocorrência, sendo na área PPV (N=99), 3 ocorrências, correspondendo a 3,0% (n) e na área NÃO PPV apenas 1 ocorrência (n=0,8%). Amigos e desconhecidos foram as pessoas que tiveram maior ocorrência, sendo considerado um pouco ruim, na área PPV e “mais ou menos ruim” na NÃO PPV. A frequência destes fatos foram na área PPV, “às vezes” e na NÃO PPV, “quase nunca” foi a resposta.

Nas questões “Mexeu no meu corpo contra a minha vontade, na comunidade” e “Relação sexual forçada na comunidade” não houve nenhuma ocorrência em nenhuma das áreas estudadas.

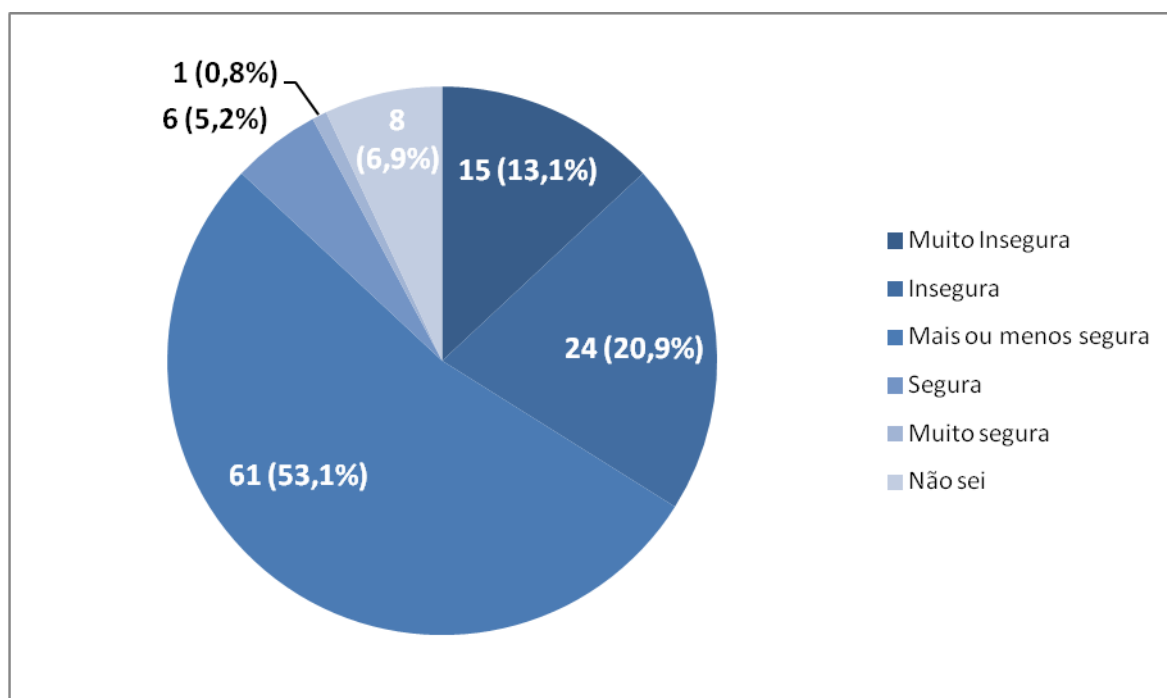
Ainda sobre a comunidade, o estudo visou conhecer a percepção dos jovens sobre a segurança no seu local de moradia.

GRÁFICO 2 – SEGURANÇA NA COMUNIDADE (PPV)



Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 34.

GRÁFICO 3 – SEGURANÇA NA COMUNIDADE (NÃO PPV)



Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 34.

A percepção dos jovens investigados em relação à segurança na comunidade onde vivem é distinta, sendo na área PPV com distribuição entre “mais ou menos

segura” e “segura”, na área NÃO PPV a maior ocorrência foi “mais ou menos segura”. Em relação às considerações extremas: “muito insegura” e “muito segura”, em ambas as áreas, houve porcentagem similar no que se refere à avaliação, sendo a muito segura com apenas 1 ocorrência na área NÃO PPV e nenhuma na área PPV. Com isso, é possível afirmar que os jovens de ambas as áreas tem percebido suas comunidades enquanto locais ainda que não lhes oferece segurança.

Além disso, foi investigado se haviam situações e eventos de risco na comunidade. Ao questionar aos jovens sobre as ocorrências comuns foram obtidas as seguintes respostas:

TABELA 34 – SITUAÇÕES ENCONTRADAS/VIVENCIADAS NA COMUNIDADE

	PPV n (%)	NÃO PPV n (%)
Tráfico de drogas	59 (30,5)	52 (29,4)
Batidas policiais	30 (15,5)	21 (11,8)
Assaltos, roubos	51 (26,3)	61 (34,5)
Tiroteios	29 (14,9)	17 (9,6)
Nenhuma das anteriores	25 (12,8)	26 (14,7)
TOTAL	194 (100,0)	177 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 35.

A análise dos dados da TABELA 33 tal revela que as situações de violência são semelhantes quando comparadas as áreas PPV e NÃO PPV, sendo que na área PPV o percentual em destaque é oferecido ao tráfico de drogas (30,5%) enquanto na área NÃO PPV parecem ser uma preocupação maior para os jovens entrevistados, os assaltos e roubos (34,5%).

TABELA 35 – O QUE ACONTECEU DE RUIM NO BAIRRO

Categoria	PPV n (%)			NÃO PPV n (%)		
	Agressor	Vítima	Testemunha	Agressor	Vítima	Testemunha
Papel do jovem						
Acusação injusta	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (14,2)	0 (0,0)
Agressão verbal, humilhação ou maus tratos	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	5 (71,6)
Agressão física	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (14,2)
Tragédia, morte, assassinato ou tentativa	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (100,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
TOTAL		2 (100,0)			7 (100,0)	

Fonte: Diário íntimo

Aos jovens foi questionado se haviam sofrido alguma forma de violência na comunidade, tendo como resultado 2 ocorrências, de tragédia, morte, assassinato ou tentativa, na área PPV, enquanto testemunha e na área NÃO PPV, 7 ocorrências, sendo a maioria quanto testemunha de agressão verbal, humilhação ou maus tratos.

Também foi questionada a situação de violência que os jovens viram ou sofreram na comunidade, sendo possível verificá-las na tabela a seguir:

TABELA 36 – SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA QUE JÁ VIU OU SOFREU NA COMUNIDADE

Categoria	PPV n (%)			NÃO PPV n (%)		
	Agressor	Vítima	Testemunha	Agressor	Vítima	Testemunha
Papel do jovem						
Violência no geral	0 (0,0)	1 (1,1)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (1,0)
Discriminação ou preconceito	0 (0,0)	0 (0,0)	3 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (1,0)
Vandalismo	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (1,0)
Agressão verbal, humilhação ou maus tratos	0 (0,0)	2 (2,2)	7 (7,9)	0 (0,0)	3 (3,0)	5 (5,2)
Agressão física, ameaça ou tentativa	2 (2,2)	4 (4,5)	43 (48,4)	3 (3,0)	8 (8,3)	43 (44,5)
Envolvimento com drogas	0 (0,0)	0 (0,0)	5 (5,7)	0 (0,0)	0 (0,0)	5 (5,2)
Assalto, roubo ou furto	0 (0,0)	2 (2,2)	5 (5,7)	0 (0,0)	3 (3,0)	11 (11,4)
Violência sexual ou tentativa	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (2,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (1,0)
Violência cometida por ou contra animais	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (1,1)	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (2,0)
Assassinato, ameaça ou tentativa	0 (0,0)	0 (0,0)	12 (13,5)	0 (0,0)	0 (0,0)	10 (10,4)
TOTAL		89 (100,0)			97 (100,0)	

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 39.

Em relação a situação de violência já vista ou sofrida na comunidade pelos jovens, a “Agressão física, ameaça ou tentativa” teve mais de 50% das ocorrências em ambas as áreas, sendo o papel de testemunha com maior ocorrência. O “Assassinato, ameaça ou tentativa” foi a segunda maior ocorrência, na área PPV, sendo o jovem desempenhando papel de testemunha exclusivamente; Na área NÃO PPV, “Assalto, roubo ou furto” foi a segunda resposta mais relacionada.

6.4.5 Estado/Políticas públicas

Bronfenbrenner (1974) *apud* Yunes; Juliano (2010) ressaltou a importância das políticas públicas para o bem-estar e desenvolvimento dos seres humanos. Dessa forma, é possível compreender que o governo, seja no âmbito Federal, Estadual e/ou Municipal, exerce influência direta na pessoa a medida que interfere nas interações de todos os níveis ambientais.

Nesse estudo essa relação fica evidenciada através da inserção de muitos jovens em programas governamentais que visam o repasse de renda e o apoio através de bolsas. Tais políticas públicas foram criadas para atender parte da população que vive em situação de extrema pobreza. A bolsa família, por exemplo, criada no ano de 2003 tem como mote diminuir o índice de pobreza dessas famílias. Já a bolsa de estudos busca cooperar financeiramente com os gastos referente aos estudos da população. Uma outra importante bolsa denominada bolsa Projovem, que é destinada aos jovens, tem como objetivo a formação integral³ desse sujeito. O Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) destina-se a crianças e adolescentes, onde um dos seus objetivos é retirá-las do trabalho perigoso, penoso, insalubre e degradante (BRASIL, 2004b). Nos programas PETI e Projovem, além do auxílio financeiro para as famílias, o governo fornece a possibilidade de capacitação, exigindo a frequência escolar dos participantes.

Em vias gerais esses programas são indicados às famílias em situação de pobreza e extrema pobreza, subsidiando o acesso aos serviços de saúde, assistência social e educação, e também o combate a fome, como é o caso do Programa Bolsa Família. Nesse estudo, buscou-se identificar a participação dos jovens nessas políticas.

TABELA 37 – TIPO DE BOLSA RECEBIDA

	PPV n (%)	NÃO PPV n (%)
Bolsa Família	39 (88,8)	26 (81,3)
Bolsa Estudos	2 (4,5)	1 (3,1)
Pró jovem	2 (4,5)	1 (3,1)
PETI	0 (0,0)	1 (3,1)
Outra	1 (2,2)	3 (9,4)
TOTAL	44 (100,0)	32 (100,0)

³ Formação escolar, qualificação profissional e desenvolvimento de ação comunitária somando 1.200 horas presenciais.

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 11.

Dos jovens participantes do estudo, foi constatado que na área PPV (N=99), 44 (n=44,4%) famílias recebem pelo menos um dos auxílios mencionados acima e na região NÃO PPV (N=115) 29 (25,2%) famílias recebem bolsas, sendo que a maioria das respostas esteve relacionada ao auxílio Bolsa Família o que de acordo com as regras de inclusão no programa, configura famílias em condições financeiras desfavoráveis.

Em geral essas bolsas oferecidas pelo Governo Federal, viabilizam a melhora no que se refere a situação socioeconômica das famílias de baixa renda. Um dos aspectos positivos mensuráveis do Programa Bolsa Família, foi a redução de 4,7% na desigualdade social no período de 1994 a 2005 (KERSTENETZKY, 2009, p.57).

No entanto há ocorrências de mau uso desse auxílio, como o caso que foi noticiado em abril de 2012, onde um casal utilizou o cartão do bolsa família para pagar dívida de droga. (A GAZETA, 2012)

Soares e Satyr (2009) alertam sobre as “portas de saída” que o Bolsa Família oferece, para esses autores, nesse sentido, o programa pode surtir efeito negativo uma vez que as pessoas se acostumariam a viver de caridade do Estado o que pode ocorrer, no futuro um agravamento da pobreza no País. Como forma de saída para as problemáticas apresentadas é o programa Chile Solidário, onde este é concentrado na prestação de apoio psicossocial às famílias, prestando acessória à mão de obra, formação profissional, dentre outras (SOARES; SATYR, 2009).

6.4.6 Outros contextos

De um modo geral, a violência se faz presente em todos os setores da sociedade, atingindo a todos que de algum modo compõem estes contextos. Esta “se apresenta como um fenômeno pulverizado, atingindo a vida privada e a vida pública em todos seus aspectos, os mais visíveis e os mais secretos” (CHESNAIS, 1981 *apud* MINAYO, 2006, p.13), com base nesta assertiva, pode-se assegurar, mesmo que a violência no âmbito particular deixe os agressores mais a vontade para praticarem estes atos, uma vez que é mais difícil de ser descoberta, pois nem

sempre fica evidente, ela não deixa de ser perpetrada nos espaços públicos, atingindo diferentes formas.

No que se refere à violência praticada em espaços públicos, a jovem PA, relata, uma situação vivenciada:

[...] meu namorado é muito ciumento, nas festas então, não consigo mais ir com ele, fomos no **show no Cassino** agora, ele se embolou, ele deixou eu dançar com umas amigas minhas só que ele tava assim com os amigos dele parou uns guris atrás de nós e começou a olhar, quando vê ele atravessou na frente dos guris e me deu um beijo, quando vê ele olhou assim pro magrão e disse ah minha namorada, quando ele passou pegou o guri **e deu um monte de soco**, não soltava o guri, e **eu levei até com uma cerveja na cara**, ai quando vê **uma amiga minha me puxou pelos cabelos, ai jurei que era uma desconhecida, já ia me embola** não conseguia separar, ai veio um amigo dele e conseguiu separar, **eu disse pra ele bah não pode brigar, por que ele é maior, e se o guri é menor ai deu torra.** (*sic*) (Jovem PA, 17 anos, participante CRAS Cidade de Águeda – Entrevista Individual. Grifos da autora).

O relato que da jovem PA traz várias passagens importantes, que merecem serem destacadas, num primeiro instante cabe evidenciar a atitude do namorado, por conta de ciúmes mesmo entendendo este sentimento como “uma emoção extremamente comum”, que pode estar dividido em normal, tem sua origem em diversos mecanismos inconscientes, os quais visam proteger a pessoa de um sentimento maior de angustia, ou patológico – é a tentativa de domínio total do companheiro (a), seja na questão sentimental ou comportamental. A questão esta exatamente na forma como as pessoas lidam, e as consequências que podem trazer a outras pessoas (KINGHAM; GORDON, 2004 *apud* ALMEIDA; CENTEVILLE, 2008, p.170; SANTOS, 1996), embora havendo múltiplas definições de ciúme, estas possuem 3 elementos em comum sendo eles:

Ser uma reação frente a uma **ameaça** percebida;
 Haver um ritual real ou imaginário e;
 A reação visa eliminar os riscos da perda do objeto amado (SANTOS 1996. Grifo da autora)

No caso do namorado da participante, ele teve um comportamento agressivo diante deste fato, em que se viu ameaçado, tendo medo de perder a namorada ou a exclusividade sobre ela (SANTOS 1996). Segundo Albano; Montero, (1982, p.111), este tipo de reação esta relacionado ao sentimento de masculinidade que geralmente é arquitetada “em torno de valores tais como a agressividade, a livre

iniciativa, a satisfação imediata do desejo”, diante deste episódio, a violência foi à forma mais rápida deste jovem defender sua posição não somente enquanto namorado da jovem, mas principalmente como homem.

Outra fala da jovem PA, que vale frisar, é o momento em que ela fala ao namorado “eu disse pra ele bah não pode brigar, **por que ele é maior, e se o guri é menor ai deu torra**”, a jovem justifica a necessidade do namorado não brigar por receio que acabe se prejudicando, tendo em vista a possibilidade de a vítima ser menor de idade, na qual estaria protegido pelo ECA, que defende a integridade física dos menores de 18 anos, responsabilizando aqueles que por ventura, coloca-la em risco. Entretanto, estes não foram às únicas situações de violência vivenciada em outros contextos que o jovem frequenta ou frequentou naquele instante que aconteceu. Destaca-se então o caso relatado do jovem cód. 133: “Já vi pessoas apanhando na rua, **marido** batendo em mulher na avenida do **cassino** depois ele apanhou porque viram que ele tinha batido nela.” (Estudante da Escola Getúlio Vargas, 17 anos, morador da área Não PPV, bairro Cidade Nova – Questionário. Grifos da autora), mais uma vez emerge a ocorrência de violência contra a mulher exercida pelo próprio companheiro, sobre este tipo de brutalidade, afirma-se que é “una de las formas más frecuentes de la violencia de género es la ejercida por el marido o compañero sentimental. Es la que se denomina habitualmente “violencia doméstica” o “violencia contra la mujer en la pareja” (GARCÍA MORENO, 2000).

Fortalecendo esta assertiva sobre a vitimização de mulheres pelos seus companheiros, cabe destacar que:

La violencia **se establece de forma progresiva** y se va agravando conforme pasa el tiempo, en lo que se ha venido a llamar la “Escalada de la Violencia”, que consta de cuatro peldaños: Agresiones psicológicas; Agresiones verbales; Agresiones Físicas; Muerte Violenta (RUÍZ PÉREZ, 2005, p. 7. Grifo da autora).

Em relação a esta afirmação, merece ser evidenciado o relato da jovem de cód.151: “Nunca vi no meu bairro [violência], mas sim **no centro da cidade** dois casos. Um de uma professora do curso que faço, foi **estrangulada e espancada** pelo marido, e outro moço foi morto a pancadas. Muita violência” (Estudante da Escola Lorea Pinto, 17 anos, moradora da área Não PPV, bairro Santa Rosa – Questionário. Grifos da autora), a jovem traz em seu relato uma sequência de violências, sofrida pela mesma mulher, entendendo estas como uma das formas

mais tiranas cometidas contra a mulher, estando esta postura em consonância com as exposições dos autores mencionados anteriormente.

Fica evidente que os jovens estão vivenciando diferentes formas e manifestações de violência, e este fato, independe do contexto, estando esta relação, atravessada por “distintos graus de ocorrência, intensidade, frequência, duração e severidade” (COWAN; COWAN; SCHULZ, 1996; DE ANTONI, 2000; PIANTA; WALSH, 1996 *apud* KOLLER; DE ANTONI, 2004, p.297). Com isso percebe-se a complexidade deste fenômeno, e a impossibilidade de se alcançar uma única definição, sendo que isto seria diminuí-la a um conceito fechado, ocasionando uma má compreensão de sua evolução e sua especificidade histórica, uma vez que esta adquire formas diversificadas, podendo ser percebida de maneira diferente, de acordo com a sociedade, a cultura, o local e a época em que ela se manifesta (MINAYO, 2006, p.13).

No que se relacionam as diferenças na percepção de violência, recebe destaque a narrativa da jovem BA, afirmando que: “eu tava na Praça Tamandaré, quando de repente entra a **viatura da policia** e saem os **policiais armados** para fazer uma revista nos homens que estavam lá, mas esses eram inocentes” (Jovem BA, 16 anos, participante CRAS Cidade Águeda – Diário Íntimo. Grifos da autora), neste caso é provável que algumas pessoas percebessem como uma conduta “normal” dos policiais, a jovem participante percebe como violenta, possivelmente pela forma como se deu esta abordagem aos homens. No entanto, fica evidente que a percepção da violência guarda relação direta da observação dos sujeitos que a presenciam, tendo em vista suas vivências. Ou seja, uma mesma situação pode ser percebida com intensidades diferentes por pessoas distintas.

Em retomada as situações violentas assistidas pelos jovens, a participante RA relatou que:

tinha um garoto de skate **la no centro**, e ele foi atravessar a rua e vinha vindo 01 carro e ao **invés do motorista diminuir ele acelerou**, o guri caiu, mas o carro não chegou a pegar ele, graças a Deus” (Jovem RA, 15 anos, participante do CRAS Hidráulica – Diário Íntimo. Grifos da autora).

A forma agressiva como o motorista tratou a situação, assumindo o risco de ferir o menino, faz com que a jovem fique apavorada, uma vez que a mesma esperava outro tipo de atitude por parte do condutor. As violências no trânsito “passaram a ser problema social, porque ceifam vidas e provocam lesões e traumas

frequentemente incapacitantes”, fazendo cada vez mais vítimas, principalmente pela forma hostil com que alguns motoristas vêm guiando seus automóveis, sem a mínima preocupação com as outras pessoas que estão ao seu redor, sejam eles pedestres outros condutores, e nem consigo mesmo, pois muitas vezes eles são vítimas de sua própria agressividade no trânsito (MARIN; QUEIROZ, 2000 *apud* SILVA *et al.*, [s.d.], p.1).

No que tange a esta forma de violência Waiselfisz (2011b, p. 4) destaca:

Na década 1998/2008, o SIM/MS [Sistema de Informações sobre Mortalidade/Ministério da Saúde do Governo Federal] registrou um total de 38.273 mortes nos diversos tipos de acidentes de trânsito. Esse número pode ser considerado muito elevado, superior até ao número de mortes em muitos dos conflitos armados com duração semelhante. Esse dado coloca o Brasil em 10º lugar entre os 100 países analisados no relatório do estudo divulgado em 24 de fevereiro de 2011

Os dados da pesquisa demonstram a quantidade de vítimas que é gerada no trânsito, uma violência provocada por questões como imprudência, intolerância, e, em alguns casos a forma ofensiva com que alguns condutores dirigem seus automóveis, utilizando-os como verdadeiras “armas”, capazes de contundir fatalmente centenas de pessoas. Contudo, as formas de manifestações de violências testemunhadas pelos jovens, não se cessam por ai, a jovem BA, apresenta em o seguinte relato “estava no ônibus e **tive** que assistir uma cena de **racismo**, onde a mãe fala pra filha não ficar perto de uma mulher por que ela é negra” (Jovem BA, 16 anos, participante CRAS Cidade Águeda – Diário Íntimo. Grifos da autora), o modo como à mãe da criança se referiu a outra mulher, causou revolta na participante, onde a mesma logo nomeou a violência presenciada por racismo, onde a mulher acaba percebendo a outra pessoa como inferior, indigna de estar próxima a filha dela. A Declaração da UNESCO sobre a Raça e os Preconceitos Raciais, de 27 de novembro de 1978, declara que:

O racismo manifesta-se por meio de disposições legais ou regimentais e **por práticas discriminatórias**, assim como por meio de crenças e **atos anti-sociais; impede o desenvolvimento de suas vítimas**, perverte quem o pratica, divide as nações internamente, constitui um obstáculo para a cooperação internacional e cria tensões políticas entre os povos; é contrário aos princípios fundamentais do direito internacional e, por conseguinte, perturba seriamente a paz e a segurança internacionais (UNESCO, 1978. Grifos da autora).

Com isso, pode-se perceber o quanto este tipo de violência danifica, não somente as relações sociais num todo, mas principalmente a vida da própria vítima, causando danos psicológicos e físicos para estas pessoas. Tendo em vista o impacto negativo do racismo é que:

Em 20 de julho de 2010 foi sancionado o Estatuto da Igualdade Racial - Lei nº 12.288/2010. Este dispositivo legal foi instituído com o principal objetivo de garantir à população negra a efetiva igualdade de oportunidades na sociedade brasileira, a defesa dos seus direitos individuais e coletivos, além do **combate à discriminação e às demais formas de intolerância** (BRASIL, 2010. Grifos da autora).

Estas iniciativas visam o combate a estes tipos de violência, buscando a equidade racial, com objetivo de proporcionar condições igualitárias a todos, sem distinção de raça ou etnia. Atualmente quando presenciadas situações como a que a jovem relatou logo já se identifica a que tipo de violência se refere, este fato acontece, devido à ampla divulgação tanto na mídia televisiva quanto impressa, sobre casos de discriminação, e também sobre o choque desta situação para as pessoas. É importante que se estabeleça estas exposições em relação à violência de uma maneira geral, pois a partir delas pode ser reconhecido o impacto destas agressões na vida das pessoas, e com isso poder pensar sobre a importância de atitudes positivas, com objetivo de buscar a melhora para a coletividade, uma vez que estas violências terminam refletindo em todos de alguma forma.

Por último, ficaram evidentes que as situações violentas estão contidas nos mais diversos espaços, sendo eles, praças, avenidas, meios de transportes dentre outros. Isso reforça a ideia de que ela faz parte da vida da sociedade atual, e para que se reduza este cenário é necessário que se reflita sobre as atitudes adotadas no dia a dia, e mais do que isto, é importante que sejam alteradas quando percebidas como nocivas tanto para si mesmas, como para as outras pessoas.

TABELA 38 – AMEAÇA OU HUMILHAÇÃO FORA DE CASA

	PPV n(%)	NÃO PPV n(%)
<i>Frequência</i>		
Nunca	0 (0,0)	1 (2,0)
Quase nunca	17 (48,5)	34 (68,0)
Às vezes	15 (42,9)	13 (26,0)
Quase sempre	3 (8,6)	2 (4,0)
Sempre	0 (0,0)	0 (0,0)
TOTAL	35 (100,0)	50 (100,0)
<i>Impacto</i>		
Nada ruim	5 (14,7)	6 (12,0)
Um pouco ruim	2 (5,9)	17 (34,0)
Mais ou menos ruim	8 (23,5)	10 (20,0)
Muito ruim	11 (32,4)	11 (22,0)
Horrível	8 (23,5)	6 (12,0)
TOTAL	34 (100,0)	50 (100,0)
<i>Quem fez</i>		
Amigos	4 (12,1)	8 (16,0)
Colegas de escola	13 (39,4)	18 (36,0)
Vizinhos	1 (3,0)	3 (6,0)
Professores	1 (3,0)	1 (2,0)
Policiais	2 (6,1)	5 (10,0)
Desconhecidos	9 (27,3)	13 (26,0)
Outros	3 (9,1)	2 (4,0)
TOTAL	33 (100,0)	50 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 32.

Ao serem questionados pela “Ameaça ou humilhação fora de casa” sofridas, 35 (n= 35,3%) jovens da área PPV (N=99) responderam à questão e na NÃO PPV (N=115), 52 jovens a responderam, totalizando n = 45,2%. Ou seja, uma considerável parcela dos jovens já vivenciaram por este tipo de violência.

A maioria destes atos foi exercido por colegas de escola, seguido de desconhecidos, em ambas as áreas, nota-se que houveram ocorrências consideráveis em relação à ameaça ou humilhação por parte de figuras consideradas protetivas, como professores e policiais, sendo estes últimos, na área NÃO PPV, com 5 ocorrências, ou seja, 10% do total de respondentes na área.

A frequência dos fatos, em sua maioria, aparece como “quase nunca”, sendo 48,5% das vezes na área PPV e na NÃO PPV em 68% das vezes. O impacto foi considerado “muito ruim” para a maioria dos respondentes na área PPV e “um pouco ruim” na área NÃO PPV, demonstrando diferentes percepções da intensidade dessas violências.

TABELA 39 – SOCO OU SURRA FORA DE CASA

	PPV n(%)	NÃO PPV n(%)
<i>Frequência</i>		
Nunca	0 (0,0)	0 (0,0)
Quase nunca	11 (57,9)	14 (63,7)
Às vezes	7 (36,8)	7 (31,8)
Quase sempre	1 (5,3)	1 (4,5)
Sempre	0 (0,0)	0 (0,0)
TOTAL	19 (100,0)	22 (100,0)
<i>Impacto</i>		
Nada ruim	3 (15,0)	3 (13,6)
Um pouco ruim	3 (15,0)	6 (27,3)
Mais ou menos ruim	7 (35,0)	7 (31,8)
Muito ruim	2 (10,0)	4 (18,2)
Horrível	5 (25,0)	2 (9,1)
TOTAL	20 (100,0)	22 (100,0)
<i>Quem fez</i>		
Amigos	2 (11,1)	3 (13,5)
Colegas de escola	6 (33,3)	6 (27,5)
Vizinhos	2 (11,1)	1 (4,5)
Professores	0 (0,0)	0 (0,0)
Policiais	3 (16,7)	1 (4,5)
Desconhecidos	4 (22,2)	11 (50,0)
Outros	1 (5,6)	0 (0,0)
TOTAL	18 (100,0)	22 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 32.

Em soco ou surra fora de casa, os jovens da área PPV (N=99), 22 respondentes (n= 20,2%) e na área NÃO PPV (N= 115), 22 responderam à questão (19,13%), o que corresponde a um número similar entre ambas as áreas.

Os colegas de escola, seguidos pelos desconhecidos foram as maiores ocorrências na área PPV, sendo na área NÃO PPV, os desconhecidos tiveram relevante ocorrência, seguido pelos colegas de escola. Mais uma vez, os policiais aparecem nas ocorrências em ambas as áreas.

A percepção da intensidade desta violência é similar em ambas as áreas, sendo considerada, em sua maioria, “mais ou menos ruim”, bem como a frequência com que ocorre: “quase nunca”.

TABELA 40 – AGRESSÃO COM OBJETO (MADEIRA, CINTO, FIO, CIGARRO, ETC...) FORA DE CASA

	PPV n(%)	NÃO PPV n(%)
<i>Frequência</i>		
Nunca	0 (0,0)	0 (0,0)
Quase nunca	2 (40,0)	6 (100,0)
Às vezes	2 (40,0)	0 (0,0)
Quase sempre	1 (20,0)	0 (0,0)
Sempre	0 (0,0)	0 (0,0)
TOTAL	5 (100,0)	6 (100,0)
<i>Impacto</i>		
Nada ruim	1 (20,0)	1 (16,7)
Um pouco ruim	2 (40,0)	0 (0,0)
Mais ou menos ruim	1 (20,0)	2 (33,3)
Muito ruim	1 (20,0)	2 (33,3)
Horrível	0 (0,0)	1 (16,7)
TOTAL	5 (100,0)	6 (100,0)
<i>Quem fez</i>		
Amigos	1 (20,0)	0 (0,0)
Colegas de escola	1 (20,0)	1 (16,7)
Vizinhos	1 (20,0)	0 (0,0)
Professores	0 (0,0)	0 (0,0)
Policiais	1 (20,0)	0 (0,0)
Desconhecidos	0 (0,0)	5 (83,3)
Outros	1 (20,0)	0 (0,0)
TOTAL	5 (100,0)	6 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 32.

A quantidade de jovens que marcam a questão foi similar, sendo 5 (n= 5,0%) na área PPV (N=99) e 6 (n= 5,2%) na área NÃO PPV (N= 115). “Quase nunca” e “às vezes” foram as maiores ocorrências, sendo o impacto expresso de forma variada, de “nada ruim” a “horrível”. Quanto a pessoa que fez, na área PPV foi dividido entre amigos, colegas de escola, vizinhos, policiais e outros. Na área NÃO PPV a maior ocorrência de agressão com objeto foi cometido por desconhecidos.

TABELA 41 – MEXEU NO MEU CORPO CONTRA A MINHA VONTADE FORA DE CASA

	PPV n(%)	NÃO PPV n(%)
<i>Frequência</i>		
Nunca	0 (0,0)	0 (0,0)
Quase nunca	3 (100,0)	2 (40,0)
Às vezes	0 (0,0)	0 (0,0)
Quase sempre	0 (0,0)	2 (40,0)
Sempre	0 (0,0)	1 (20,0)
TOTAL	3 (100,0)	5 (100,0)
<i>Impacto</i>		
Nada ruim	1 (33,3)	1 (25,0)
Um pouco ruim	0 (0,0)	0 (0,0)
Mais ou menos ruim	0 (0,0)	0 (0,0)
Muito ruim	0 (0,0)	1 (25,0)
Horrível	2 (66,7)	2 (50,0)
TOTAL	(100,0)	5 (100,0)
<i>Quem fez</i>		
Amigos	1 (20,0)	0 (0,0)
Colegas de escola	1 (20,0)	1 (16,7)
Vizinhos	1 (20,0)	0 (0,0)
Professores	0 (0,0)	0 (0,0)
Policiais	1 (20,0)	0 (0,0)
Desconhecidos	0 (0,0)	5 (83,3)
Outros	1 (20,0)	0 (0,0)
TOTAL	5 (100,0)	6 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 32.

Nesta questão, tiveram 3 (n=3,0%) ocorrências na área PPV (N=99) e 5 (n=4,3%) na área NÃO PPV (N=115). Ao passo que em ambas áreas 1 ocorrência em cada uma das áreas foram consideradas “nada ruim”, 2 ocorrências foram conceituadas como “horrível”, sendo cometidos por diversas pessoas na área PPV, podendo ser amigos, colegas de escola, vizinhos, policiais e outros. Nesta mesma questão, na área Não PPV a ocorrência maior foram “desconhecidos”.

TABELA 42 – RELAÇÃO SEXUAL FORÇADA FORA DE CASA

	PPV n(%)	NÃO PPV n(%)
<i>Frequência</i>		
Nunca	0 (0,0)	0 (0,0)
Quase nunca	1 (50,0)	2 (100,0)
Às vezes	1 (50,0)	0 (0,0)
Quase sempre	0 (0,0)	0 (0,0)
Sempre	0 (0,0)	0 (0,0)
TOTAL	2 (100,0)	2 (100,0)
<i>Impacto</i>		
Nada ruim	0 (0,0)	1 (50,0)
Um pouco ruim	0 (0,0)	0 (0,0)
Mais ou menos ruim	0 (0,0)	0 (0,0)
Muito ruim	2 (100,0)	0 (0,0)
Horrível	0 (0,0)	1 (50,0)
TOTAL	2 (100,0)	2 (100,0)
<i>Quem fez</i>		
Amigos	0 (0,0)	0 (0,0)
Colegas de escola	0 (0,0)	1 (50,0)
Vizinhos	1 (50,0)	0 (0,0)
Professores	0 (0,0)	0 (0,0)
Policiais	0 (0,0)	0 (0,0)
Desconhecidos	0 (0,0)	0 (0,0)
Outros	1 (50,0)	1 (50,0)
TOTAL	2 (100,0)	2 (100,0)

Fonte: Questionário Juventude Brasileira – questão nº 32.

Ao todo de respondentes desta questão foram 2 (N) jovens em cada região (PPV e NÃO PPV), As frequências se dividiram em “quase nunca” e “às vezes”, quanto ao impacto, na área PPV, 100% dos respondentes afirmaram ter sido “muito ruim” e na área NÃO PPV, curiosamente, 1 ocorrência foi considerada “nada ruim”, enquanto a outra ocorrência foi conceituada como “horrível”. Quanto a pessoa que cometeu este ato, na área PPV foi declarado o “vizinho” e “outros” (namorado) e na área NÃO PPV, o colega de escola e outros (primo), foram as pessoas que cometeram estes atos.

Ainda que tenha sido pouca ocorrência, os casos requerem atenção, pois a relação sexual forçada constitui-se de uma das violências com maior impacto.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo, foi possível evidenciar que a violência se manifesta nas mais variadas formas, contudo, a sua percepção ocorre de forma particular para cada um dos sujeitos. Em relação aos jovens, ela é vista e sentida de forma complexa e subjetiva. Fatores sociais, dentre outros, possuem relação direta com esse processo, como mostrado ao longo da pesquisa.

Como forma de delimitação de áreas distintas, hipoteticamente, esperava-se que em alguns pontos houvesse diferença no que se referia à percepção da violência por parte dos jovens. No entanto, em linhas gerais, foi possível identificar que a percepção deste fenômeno independe se ele é morador da área abrangida pelo Programa de Prevenção à Violência ou não. Isso denota que o jovem, independente do local onde ele está inserido, encontra-se exposto às mais variadas formas de violência. Cabe destacar, portanto, que a violência não é somente

um reflexo da violência urbana e nem exclusivamente se vincula às estruturas sociais injustas, às desigualdades econômicas, a inércia do Estado ou a desestruturação da ordem legal (COSTA; PIMENTA, 2006, p. 65)

Nota-se desse modo, que a violência possui dimensões muito maiores, não devendo ser relacionada apenas a uma determinada situação, podendo ela estar vinculada a circunstâncias distintas ao mesmo tempo. Em relação aos problemas socioambientais, nesta pesquisa foram destacados algumas fragilidades, seja pelas condições precárias de moradia, insegurança nos espaços onde eles transitam, ausência de oportunidades de mudança, estando todas estas permeadas pelo fenômeno da violência, uma vez que situações como estas inserem os indivíduos na condição de risco.

Quanto às redes de apoio social, no âmbito formal, muitos jovens sequer conseguiam identificar se recebiam benefícios, tais como as bolsas sociais, e quando identificavam positivamente, alguns não souberam responder a quais benefícios se referia. Entretanto, nos CRAS, alguns deles participavam de cursos de capacitação profissional bem como de outras atividades, sendo vistas pelos participantes como significativas no sentido de atribuírem importância para estas atividades.

No que se refere ao âmbito informal, os amigos aparecem com bastante ênfase, bem como a presença dos familiares diante de situações difíceis também foi destacada.

Destaca-se a alteração de papel dos jovens diante do fenômeno da violência, não sendo unicamente vítima, agressor ou testemunha, muitos deles, relataram mais de uma passagem, na qual assumiam papéis diferentes, se tornando difícil, inserí-lo em um único grupo.

Sobre a conceituação dos jovens sobre a violência, pode-se perceber que nas duas áreas as respostas se equivaleram, relacionando a violência a agressões físicas e verbais. Outro fator importante observado nesta pesquisa, foi o preconceito contra homossexuais, sendo estas pessoas violentadas de diferentes formas, como desprezo, agressão psicológica, e agressão física.

Um aspecto importante que foi evidenciado, se refere a algumas atitudes violentas realizadas pelos jovens, que na percepção deles, não eram tipificadas como tais, este fato torna-se preocupante, pois a ausência deste reconhecimento, impede que eles na figura de agressores, tentem modificar seu comportamento, ou então que busquem auxílio profissional.

A Educação ambiental permeou o estudo no sentido de oferecer subsídios teóricos no entendimento de meio, seja ele qual for, enquanto espaço de interação e significação dos sujeitos.

Através do modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano foi possível identificar as interações nos contextos nas quais os jovens participam. No contexto familiar foi possível identificar a diversidade na composição familiar, inclusive no que se relaciona ao sustento da casa; O papel da mulher, cada vez mais protagonizado; Falta de estrutura básica de moradia; Relações conflituosas entre pais e filhos, incluindo agressão, principalmente nos relatos com a mãe; Atenuação e banalização da violência quando ocorrida na família, bem como sua difícil identificação neste contexto e, o uso de drogas como potencializadora de violência.

No contexto escolar, emergiu: a relação do atraso escolar do jovem e de seus pais; Testemunho de agressão física, ameaça ou tentativa; Tentativa de estupro; Papel da escola; *Bullyng* realizado por pares e também o assédio moral realizado pelos próprios professores. No contexto comunitário foi possível identificar: agressão verbal em maior ocorrência; Sensação de insegurança com maior ênfase na área PPV; O tráfico de drogas na área PPV e o assalto na NÃO PPV, ocorridos em seus

bairros; Agressão de policiais. Em Estado e políticas públicas, destaca-se a relação dos jovens com os CRAS e também com as bolsas de apoio social.

Em outros contextos: agressão em espaços públicos; Agressão cometida por companheiros; Violência no trânsito; Racismo; Violência cometido por policiais em locais públicos.

A partir dos relatos dos jovens, foi possível visualizar as diferentes manifestações da violência, sendo executada em contextos importantíssimos para o desenvolvimento destes participantes. A presença de agressores como pai, mãe, professor (a), e policiais, merecem destaques, pois estes são personagens significativos na vida destes sujeitos, sendo o pai e a mãe, pessoas que deveriam protegê-los, o (a) professor (a), figura de autoridade e respeito dentro da escola, e os policiais, representam a imagem de mantenedores da ordem social. Esses acontecimentos, podem fazer com que se dissipe o respeito dos jovens por estes atores, bem como, proporcionar a internalização e reprodução destas violências pelos jovens.

A violência se manifesta então como um fenômeno nocivo, onde o caráter protetivo para com o meio, os costumes e práticas pessoais entre os seres ocasionam na quebra deste ideal (MOURÃO; CORRÊA, 2008). Para Guimarães (2004, p. 26), a violência

sinaliza para a perda da afetividade, do amor, da capacidade de se relacionar do um com o outro (social), do um com o mundo (ambiental), denotando a crise socioambiental que é de um modelo de sociedade e seus paradigmas; uma crise civilizatória

Além disso, esta se constitui enquanto um dos mais graves problemas ambientais, pois ela afeta a integridade dos sujeitos podendo causar danos irreparáveis para a manutenção da vida humana. Partindo dessa proposição é importante trabalhar a concepção de violência enquanto problema ambiental com os jovens, para que eles possam, a partir da reflexão sobre seu cotidiano, encontrar o significado desses acontecimentos e se perceberem enquanto agentes ativos desse meio.

É importante que se repense sobre as políticas públicas para prevenção da violência na juventude, com propósito de superação do fenômeno dentro deste grupo. A rede de apoio social, como o CRAS, por exemplo, tem um papel fundamental neste processo, pois fazem parte da rede de atendimento desta família dentro da comunidade, portanto, é pertinente que sejam realizadas ações que

proporcionem o desenvolvimento de relações construtivas para estes jovens, fortalecendo seus vínculos tanto familiares como comunitários. Bem como, elaborar atividades que propicie a reflexão acerca da violência, oportunizando a discussão sobre o fenômeno, favorecendo a conscientização dos jovens em relação as suas atitudes violentas, reeducando-os para o incremento de uma prática positiva.

A Educação, em um sentido geral, parte de um princípio onde esta é conceituada enquanto via de formação para as novas gerações, preservando seus princípios e valores. Neste contexto, os aspectos ambientais e sociais estão interligados, onde a manutenção da vida estará diretamente condicionada ao comportamento dos seres que compõem este meio. Ou seja, o estabelecimento de uma sociedade, em sentido amplo, ou ainda em contextos restritos como a escola, o bairro ou a família, para estabelecimento de sua sustentabilidade, estarão ligados ao comportamento dos seres que a compõem.

REFERÊNCIAS:

ABRAMOVAY, M. (Coord.). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, 2006. p. 201.

ABRAMOVAY, M. **O mundo do jovem: concepções de juventude**. Belo Horizonte: [s. n.], 2007.

ABRAMOVAY, M. *et al.* (Orgs.). **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2002a.

ABRAMOVAY, M. *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002b. p. 67.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002. p. 300.

ABREU, M. C.; MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

ADORNO, S. *et al.* **O jovem e a criminalidade urbana em São Paulo**. São Paulo; [USP], 1994. 126p. [Relatório de Pesquisa]

AGUDELO, S.F. Violência, cidadania e saúde pública. In: BARRETO, M.L. *et al.* (orgs). **Equidade e saúde: contribuições da epistemologia**. Rio de Janeiro. Fiocruz. 1997

ALBANO, C. ; MONTERO, P. Anatomia da Violência. In: LUZ, M. T., *et al.* **O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. v.1. Rio de Janeiro: GRAAL, 1982. p.111

ALMEIDA, T.; CENTEVILLE, V. Propostas psicoterapêuticas para vítimas do ciúme patológico. In: JORNADA APOIAR: SAÚDE MENTAL E VIOLÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES NO CAMPO DA PSICOLOGIA CLÍNICA SOCIAL, 6. 2008, São Paulo. Anais... São Paulo: Laboratório de Saúde Mental e psicologia Clínica Social. Departamento de Psicologia Clínica – IPUSP, 2008.

ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. Déficit habitacional, famílias conviventes e condições de moradia. **Demographics**, Campinas, v. 3, ABEP, 2006.

AMPARO, D. M. *et al.* A escola e as perspectivas educacionais de jovens em situação de risco. **Psicologia Escolar e Educação**, v.12, n.1, p. 69-88, 2008.

ANTUNES, C; FONTAINE, M. Relação entre o conceito de si próprio e percepção de apoio social na adolescência. **Cadernos de Consulta Psicológica**. Porto (Portugal), v.12. p. 81-92, 1996.

ARAÚJO, M. F.; MATTIOLI, O. C.(Orgs.) **Gênero e violência**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 113-114.

ASSIS, S. G. *et al.* A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 8, n. 3, p. 669-679, 2003.

ASSIS, S G.; CONSTANTINO, P. Violência contra crianças e adolescentes: o grande investimento da comunidade acadêmica na década de 90, *In*: MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E (orgs.). **Violência sob o olhar da saúde**: infrapolítica da contemporaneidade brasileira. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. Parte II, capítulo 6.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. Vitimação e vitimização: questões conceituais. *In*: _____. **Crianças vitimizadas**: a Síndrome do pequeno poder. São Paulo: Iglu Editora, 2007. p. 25- 47.

BALANDIER, G. **A desordem**: elogio do movimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 207-212.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002. p. 38.

BENETTI, S. P. C. *et al.* Violência comunitária, exposição às drogas ilícitas e envolvimento com a lei na adolescência, **Psico**, v. 37, n. 3, p. 279-286, set./dez. 2006.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BLANCHOT, M. **L'Espace littéraire**. Paris: Gallimard, 1955, p.20.

BLANCHOT, M. El diario íntimo y el relato, **Revista de occidente**: el diario íntimo. Fragmentos de diarios españoles (1995-1996), Madrid, Fundación José Ortega e Gasset, p. 182-183, jul./ago. 1996.

BRASIL. Comissão Especial de Políticas Públicas para a Juventude. **Projeto de lei, de 2004**: Plano Nacional de Juventude – PNJ. Brasília, 2004a.

BRASIL. Comissão Especial Destinada a Acompanhar e Estudar Propostas de Políticas Públicas para a Juventude. **Projeto de lei, de 2004**: Estatuto da Juventude. Brasília, 2004b.

BRASIL. Constituição (1988). **Garantias fundamentais, direito a vida e integridade física**. Brasília, 1988.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Segurança Pública; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Índice de vulnerabilidade juvenil à violência**: IVJ-Violência. Brasília, 2008a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia**: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual. [Brasília], c2004. p. 7

Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/documentos/004_1_3.pdf>. Acesso em: 9 maio 2012.

BRASIL. Ministério do Meio ambiente. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**: Política Nacional de Educação Ambiental – PRONEA. Brasília, 1999. p. 66

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 4.898, de 9 de dezembro de 1965**. Brasília, 1965.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 5.490, de 14 de jul de 2005**: Conselho Nacional da Juventude – CNJ. Brasília, 2005a.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 6.514, de 22 de julho de 2008**. Brasília, 2008b.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**: Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Brasília, 1990.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9.455, de 7 de abril de 1997**: Lei de tortura. Brasília, 1997.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 11.129, de 30 de junho de 2005**: Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem. Brasília, 2005b.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**: Lei Maria da Penha. Brasília, 2006.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial Estatuto da Igualdade Racial. **Lei nº 12.288, 20 de julho de 2010**: Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, 2010.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. **Plano Nacional dos Direitos Humanos**. 2009. Disponível em: <www.sedh.gov.br>. Acesso em: 30 abr. 2012.

BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude. **Conselhos de juventude**: fortalecendo diálogos, promovendo direitos. Brasília, 2010. p. 4.

BRITO, A. M. M. *et al.* Violência doméstica contra crianças e adolescentes: estudo de um programa de intervenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.10, n.1, p. 143-149, 2004.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

BÜHLER, C. **Vida psíquica do adolescente**. São Paulo: Mestre Jou, 1980. p. 83.

CARA, D.; GAUTO, M. Juventude: percepções e exposição à violência. *In.*: _____ . **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Edições MEC/Unesco, 2007. p.180-181. Disponível em:

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154580por.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2012.

CARDIA, N. **Os impactos da exposição à violência**: aceitação da violência ou horror continuado? O caso de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo/Núcleo de Estudos da Violência, 1999. 32 p.

CECCONELLO, A. M.; DE ANTONI, C.; KOLLER, S, H. Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. **Psicologia em estudo**, v.8, n. esp., 2003, p. 45-54.

CHARLON, M. L. P. O diário e seus diários: o pesquisador e “lesdemoiselles”. In: FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. **Diásporas, Diversidades, Deslocamentos** [Anais]. Florianópolis: UFSC, 2010, p. 1-9.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão, **Sociologias**, Porto Alegre, a. 4, n. 8, p. 432-443, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2012.

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. In.: _____. **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 35.
COIMBRA, C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005.

COSTA, M. C. O. *et al.* O perfil da violência contra crianças e adolescentes, segundo registros de Conselhos Tutelares: vítimas, agressores e manifestações de violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.12, n. 5, p. 1129-1141, 2007.

COSTA, M. R.; PIMENTA, C. A. M. **Violência**: natural ou sociocultural? São Paulo: Paulus, 2006. p. 5; 65; 106.

DATAFOLHA. **Família**. São Paulo: Jornal Folha de São Paulo, 1998.

DE ANTONI, C.; KOLLER, S. H. A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. **Estudos de Psicologia**, v. 2, n. 5, p. 347-381, 2000.

DE ANTONI, C. Uma família fisicamente violenta: uma visão pela teoria bioecológica do desenvolvimento humano. **Temas em Psicologia**, v. 18, n. 1, p. 17-30, 2010.

DEL LITTO, V. **Le journal intime et ses formes littéraires**. Paris: Droz, 1978.

DIDIER, B. **Le journal intime**. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.

DUPONT, R. L. Violencia y drogas, **Revista de Toxicomanias**, n. 18, 1999.

ELSEN, I; MARCON, S. S.; SILVA, M. R. S (orgs.). **O viver em família e sua interface com a saúde e a doença**. Maringá, PR: EDUEM, 2002. p. 129.

[EMAPÉDIA.] COMUNIDADE. In.: EMAPÉDIA., 2004. Disponível em:<<http://www.areaseg.com/eco/ema-pedia.html>>. Acesso em: 16 abr. 2012.

FEIJO, M. C.; ASSIS, S. G. O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias. **Estudos de psicologia (Natal)**, v. 9, n.1, p. 157-166, 2004.

FERREIRA, B. W. **Adolescência**: teoria e pesquisa. Porto Alegre: Sulina, 1978. p. 21; 32-33; 43-45; 242.

FERREIRA, B. W.; RIES, B. E. (Orgs.) **Psicologia e Educação**: Desenvolvimento humano adolescência e vida oculta. v. 2, 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS: 2003. p. 24.

FONTAINE, M. A.; CAMPOS, P. B.; MUSITU, G. **Cadernos de consulta psicológica**, v. 8, p. 69, 1992.

GARCÍA MORENO. C. **Violencia contra la mujer, género y equidad en la salud**. [s. l.]: Organización Panamericana de la Salud. Harvard Center for Population and Development Studies, 2000.

GIUSTI, J. S. **Adolescentes usuários de drogas que buscam tratamento: as diferenças entre os gêneros**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004, 204 p.

GOLDBERG, L. G.; YUNES, M. A. M.; FREITAS, J. V. O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 1, p. 97-106, 2005. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 maio 2011.

GOMES, M. L. *et al.* Perfil clínico-epidemiológico de crianças e adolescentes do sexo feminino vítimas de violência atendidas em um serviço de apoio à mulher, Recife, Pernambuco. **Revista brasileira de saúde materno infantil**, v. 6, supl. 1, p.s27-s34, maio 2006.

GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GROSSMAN. E. La adolescencia cruzando los siglos. **Adolescencia latinoamericana**, v. 1, n. 2, p. 68-74, jul./set. 1998.

GRUPO GAY DA BAHIA – GGB. Homofobia. **Relatório anual**. Salvador, 2012.

GRZYBOWSKI, L. S. **Satisfação vital em mulheres separadas/divorciadas**. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

GUERRA, N. G.; DIERKHISING, C. **Os efeitos da violência comunitária no desenvolvimento da criança**. [s. l.]: Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância, c2011.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. São Paulo: Papyrus, 2001. p. 31.

GUIMARÃES, M. **Educação ambiental crítica**. [s. d.]. Disponível em: <http://www.bvambientebf.uerj.br/arquivos/edu_ambiental/popups/n_universal.htm>. Acesso em: 20 abr. 2012

GUIMARÃES, S. P.; CAMPOS, P. H. F. Norma social violenta: um estudo da representação social da violência em adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 2, p. 188-196, 2007.

GÜNTHER, H. **Como elaborar um questionário**. n. 1. Brasília: Laboratório de Pesquisa Ambiental, 2003. p. 1.

HALLAL, R. C. Castigo: um mito educativo. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 7, ed. esp. 2, 1996.

HEISE, L.; PITANGUY, J.; GERMAIN, A. **Violencia contra la mujer**: la carga oculta sobre la salud. Washington: Organización Panamericana de la Salud, 1994.

HESS, R. Uma técnica de formação e de intervenção: o diário institucional. *In.*: HESS, R.; SAVOYE, A. (Coord.). **Perspectives de l'Analyse Institutionnelle**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1998. p. 119-138.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo 2000**. Brasília: IBGE, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico - 2010**. Brasília: IBGE, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico - 2010**: Famílias e domicílios: Resultados da Amostra. Brasília: IBGE, 2003.

KERSTENETZKY, C. L. Redistribuição e desenvolvimento? A economia política do programa bolsa família. **Dados**: Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 52, n. 1, p. 53 a 83, 2009.

KOLLER, S. H.; DE ANTONI, C. Violência intrafamiliar: uma visão ecológica. *In.*: KOLLER, S. H. (Org.). **Ecologia do Desenvolvimento Humano**: pesquisa e intervenção no Brasil. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004. p. 302.

LA TAILLE, Y. Moralidade e violência: a questão da legitimação de atos violentos. **Temas em Psicologia**, v. 17, n. 2, p. 329-341, 2009.

LAYARGUES, P.; LOUREIRO, C. F. Educação ambiental nos anos 90: mudou, mas nem tanto. **Políticas ambientais**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 25, 2000.

LEJEUNE, P. **Le moi des demoiselles**: enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Seuil, 1993. p. 339.

LEONE, E. T.; MAIA, A. G.; BALTAR, P. E. Mudanças na composição das famílias e impactos sobre a redução da pobreza no Brasil, **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 59-77, abr. 2010.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico social dos conteúdos. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006. p. 8.

LIMA, S. M.; MINAYO-GOMEZ, C. Modos de subjetivação na condição aprendiz: embates atuais. **História, ciência e saúde**, v. 10, n. 3, p. 931-953, 2003.

LISBOA, C. S. M.; KOLLER, S. H. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar**: fatores de risco e proteção. 2005. p. 26. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia. Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2005.

LISBOA, C. S. M.; KOLLER, S. H. Construção e validação de conteúdo de uma escala de percepção, por professores, dos comportamentos agressivos de crianças na escola. **Psicologia em estudo**, v. 6, n.1, p. 59-69, 2001.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de pediatria**, v.81, n. 5, supl., s64-s172, 2005.

MADEIRA, R. *In.*: Todos pela educação. Notícias. **Escola tem o desafio de compensar baixa escolaridade dos pais de alunos**. 2011.

MARGOLIN, G. Children's exposure to violence: exploring developmental pathways to diverse outcomes. **Journal of interpersonal violence**, v. 20, n. 1, p. 72-81, jan. 2005.

MARÍN-LEÓN, L. et al. Percepção dos problemas da comunidade: influência de fatores sócio-demográficos e de saúde mental, **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 5, p. 1089-1097, maio 2007.

MARTINS, M. J. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados, **Revista Portuguesa de Educação**, Braga (Portugal), v. 18. n 1 . p. 94, 2005.

MASTEN, A . S.; GARMEZY, N. Risk, vulnerability and protective factors in developmental psychopathology. *In.*: LAHEY, B. (Org.). **Advances en clinical child psychology**. 8. ed. New York: Plenum Press, 1985. p. 1-52.

MAYOL, P; GIARD, L; CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MEDINA, G. **As juventudes querem disputar os rumos do Brasil: a 2ª Conferência Nacional de Juventude**. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.juventude.gov.br/conferencia/noticias-outras/16-12-2011-artigo-as-juventudes-querem-disputar-os-rumos-do-brasil-a-2a-conferencia-nacional-de-juventude-gabriel-medina/>>. Acesso em: 21 abr. 2012.

MENACHEM, K.; CZOBOR, P. Gender differences in violent behaviors: relationship to clinical symptoms and psychosocial factors. **American Journal of Psychiatry**, Arlington, v. 161, p. 459-465, 2004.

MESQUITA NETO, P. Violência policial no Brasil: abordagens teóricas e práticas de controle. *In.*: PANDOLFR, D. C. *et al.* (Orgs.). **Cidadania, justiça e violência**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999. p.130-148

MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989. p. 10.

MIDDELTON-MOZ, J.; ZAWADSKI, M. L. **Bullying**: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 21.

MINAYO, M. C. S. O significado social e para a saúde da violência contra crianças e adolescentes. *In.*: WESTPHAL, M. F. (Org.). **Violência e criança**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. p. 95-11.

MINAYO, M. C. S. Violência contra idosos: relevância para um velho problema. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, jun. 2003 .

MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p. 13; 69; 96-98.

MINAYO, M. C. S. ASSIS, S. G.; NJAINE, K. (Orgs.) **Amor e violência**: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. p. 40.

MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência e saúde coletiva**, v.5, n.1, p. 7-18, 2000.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. **História, Ciências, Saúde (Manguinhos)**, [a.] IV, [n.] 3, p. 513-531, nov. 1997/fev. 1998.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. Violência para todos. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 65-78, jan./mar., 1993.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. (Orgs.). **Violência sob o olhar da saúde**: infrapolítica da contemporaneidade brasileira. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003.

MOURÃO, L.; CORRÊA, R. **O que é educação ambiental e ecologia humana**. Instituto para o desenvolvimento ambiental, 2008. Disponível em: <http://www.ida.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=88:o-que-e-

educacao-ambiental-e-ecologia-humana&catid=47:educacaoambiental&Itemid=18>. Acesso em: 26 abr. 2012.

NAVAZ, M. G. ; KOLLER, S. H. O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In: KOLLER, S. H. (Org.). **Ecologia do Desenvolvimento Humano**: pesquisa e intervenção no Brasil. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004. p. 43-51.

NEGREIROS, T. C. G. M.; FERES-CARNEIRO, T. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 4, n.1, 2004.

NETO, A.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não para o bullying**. Rio de Janeiro: ABRAPI, 2004.

OLIVEIRA, S. M. **Diário íntimo e/ou blog**: O mesmo e o diferente na cultura do ciberespaço. 2005. p. 31; 101. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Artes e Letras. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2005.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. *In.*: CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE A MULHER, 4., 1995, Beijing (China), **Anais...** Rio de Janeiro (RJ): FIOCRUZ; 1996. 353 p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA - UNESCO. **Declaração sobre raça e os preconceitos raciais**. Brasília: UNESCO, 1978.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO. **Políticas públicas de / para / com Juventudes**. Brasília: UNESCO, 2004.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT. **Tendências mundiais de emprego para a juventude do ano de 2010**. [Brasília: OIT], 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS. **Directrizes operacionais para comités de ética que avaliam pesquisas biomédicas**. Genebra: OMS, 2000, p. 21.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra, 2002. p. 5; 33.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD – OPS. **Informe mundial sobre la violencia y la salud**: resumen. Washington (EUA): OPS, c2002.

PALUDO, S. S.; KOLLER, S. H. Resiliência na rua: um estudo de caso. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 2, n. 21, p. 187-195, maio/ago. 2005.

PEREIRA, H. M. **A homofobia internalizada e os comportamento para a saúde numa amostra de homens homossexuais**. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) – Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Lisboa (Portugal), 2001.

PESCE, R. P. *et al.* Risco e Proteção: Em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 20, n. 2, Maio/Ago. 2004. p.

135-143. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a06v20n2.pdf>>. Acesso em 12 jun. 2011.

PINHEIRO, J. Q. *et al.* Diário pessoal como técnica de coleta de dados em estudos sobre as relações pessoa-ambiente. *In.*: PINHEIRO, J. Q.; GÜNTHER, H. (orgs.) **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2008.

POLANCZYK, G. V *et al.* Violência sexual e sua prevalência em adolescentes de Porto Alegre, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 37, n. 1, p. 8-14, 2003.
POLETTI, M.; KOLLER, S. H.; DELL'AGLIO, D. D. Eventos estressores em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de Porto Alegre. **Revista Ciências & Saúde Coletiva**, v.14, n.2, p. 455-466, 2009.

PRATI, L. E. **Práticas dos terapeutas familiares brasileiros**: a perspectiva da abordagem bioecológica do desenvolvimento humano. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Porto Alegre, 2009. p. 30

REGO, T. C. **Memórias de escola**: cultura escolar e constituição de singularidades. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 420 p.

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. p. 36;53

RIO GRANDE. Prefeitura Municipal. **Lei nº 6060 de 28 de fevereiro de 2005**: Criação do Conselho Municipal de Políticas Públicas de Juventude. Rio Grande, 2005.

RIO GRANDE. Downloads. Mapas municipais. **Mapa 06** - Unidades Planejamento (PDF). Disponível em:<<http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/arquivos/arquivo/4b8eaf0c8eb8fMAPA-06%20UNIDADES%20PLANEJAMENTO.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2012>

RIO GRANDE. Notícias. **Protocolo firmado entre prefeitura e Susepe continua conquistando bons resultados**. Rio Grande, 2012.

RIO GRANDE. Secretaria Municipal da Saúde. **Diagnóstico situacional do município**. Rio Grande, 2010

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Saúde. **Programa de Prevenção da Violência- PPV**. Porto Alegre, [s. d.]. Disponível em: <<http://www.saude.rs.gov.br/wsa/portal/index.jsp?menu=servicos&cod=724>>. Acesso em: 26 abr. 2012.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Segurança Pública. **RS na paz**, 2012. Disponível em: <<http://www.ssp.rs.gov.br/?model=conteudo&menu=197>>.

ROLIM, M. **A síndrome da rainha vermelha**: policiamento e segurança pública no século XXI. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ROUSSET, J. Le journal intime, texte sans destinataire ? **Poétique**, [v.] 56, XI, 1983.

RUÍZ PEREZ, I. **Violencia contra la mujer y salud**. [s. l. : s. n.], 2005. p. 7.

RUMMEL, J. F. **Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação**. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1981. p. 95.

RUZANY, M. H.; MEIRELLES, Z. V. Adolescência, juventude e violência: identificação, abordagem e conduta. **Adolescência & Saúde**, v. 6, n. 3, p. 52-60, set. 2009.

SÁ, D. G. F. *et al.* Exposição à violência como risco para o surgimento ou a continuidade de comportamento antissocial em adolescentes da região metropolitana de São Paulo. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v.11, n.1, Jun. 2009.

SACRAMENTO, L. T.; REZENDE, M. M. Violências: lembrando alguns conceitos. **Aletheia**. [v.]24, p. 95-104, dez. 2006.

SALLES, L. M. F. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. **Estudos em psicologia (Campinas)**, v. 22, n. 1, p. 33-41, 2005.

SANTOS, B. R. *et al.* **Guia Escolar**: métodos para identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. 2. ed. rev. e atual. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos e Ministério da Educação, 2004. 163 p.

SANTOS, F. **Ciúme**: o medo da perda. São Paulo: Claridade, 1996.

SANTOS, J. V. T. A Violência na Escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, n. 27, p. 105-22, 2001.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Ed. Nobel, 1985.

SANTOS, S. S.; DELL'AGLIO, D. D. Quando o silêncio é rompido: o processo de revelação e notificação de abuso sexual infantil. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 328-335, 2010.

SANTROCK, J. W. **Adolescência**. 8. ed. São Paulo: LTC, c2003.

SAVAGE, J. **A criação da juventude**: como o conceito de teenage revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SCARPATO, A. Estresse pós-traumático: a situação emocional de pessoas vítimas de violência. **Psicologia Brasil**, ano 2, n. 6, p. 10-14, 2004.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.10, n.3, p. 707-717, 2005.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. Adolescência através dos tempos. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 227-234, abr./jun. 2010.

SCIVOLETTO, S.; MORIHISA, R. S. Conceitos básicos em dependência de álcool e outras drogas na adolescência, **Jornal Brasileiro de Dependência Química**, v. 2, supl. 1, p. 30- 33, 2001.

SILVA, C. F. R. *et al.* **Análise multivariada do custo das internações por acidentes de transporte no estado do rio de janeiro, 2000**. Disponível em: <<http://www.claudiofelipe.net/pdf/a3.pdf>>. Acesso em 11 maio 2012.

SILVA, L. M. P. *et al.* **Violência doméstica contra crianças e adolescentes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. p. 27.

SILVA, V. R. **Bullying praticado por professor**. 2011. Disponível em: <<http://bullyingnaoebriadeira.com.br/material-para-pesquisa/bullying-praticado-por-professor/>>. Acesso em: 24 abr. 2012.

SIMONET-TENANT, F. **Le journal intime: genre littéraire et écriture ordinaire**. Paris: Téraèdre, 2004.

SISTO, F. F. Aceitação-rejeição para estudar e agressividade na escola. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.10, n.1, jan./apr. 2005.

SMALL, S.; EASTMAN, G. ; CORNELIUS, S. Adolescent autonomy and parental stress, **Journal of Youth and adolescence**, v.16, n. 2, p. 93-99, 1988.

SOARES, L. E.; SOARES, B. M.; CARNEIRO, L. P. Violência contra a mulher: As DEAMs e os pactos domésticos. In: SOARES, L. E. (org.). **Violência e política no Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 1996. p. 65-106.

SOARES, S. ; SÁTYR, N. **O programa bolsa família: desenho institucional, impactos e possibilidades futuras**. Texto para discussão no 1424. Brasília, out. 2009.

SOUSA, A. C. M. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades, 1987.

SOUZA, A. L. T. M.; FLORIO, A.; KAWAMOTO, E. E. **O neonato, a criança e o adolescente**. São Paulo: EPU, 2001. p. 17.

SOUZA, M. E; GARCIA, A. Amigos, amigos: negócios a parte? **Revista de administração**, São Paulo, v. 43, n.3; jul./set. 2008. p. 240.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, p. 16-39, set./dez. 2003.

SPOSITO, M. P.; CORROCHANO, M. C. A face oculta da transferência de renda para jovens no Brasil. **Tempo social: revista de sociologia da USP**, v. 7, n. 2, p.141-172, 2005.

SPOSITO, M. P.; SILVA, H. H. C.; SOUZA, N. A. Juventude e poder local: um balanço de iniciativas públicas voltadas para jovens em municípios de regiões metropolitanas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, p. 238-257, 2006.

STENGEL, M. Discursos de pais e mães sobre a amizade em famílias com filhos adolescentes. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 21, n. 49, p. 217-225, 2011.

TOMMASI, L. Um olhar sobre as experiências de políticas públicas de juventude na América Latina. **Revista brasileira de educação**, v. 25, p. 177-181, jan./abr. 2004.

TRAVERSO-YÉPEZ, M. A.; PINHEIRO, V. S. Adolescência, saúde e contexto social: esclarecendo práticas. **Psicologia & sociedade**, v. 14, n. 2, p. 133-147, jul./dez. 2002.

VERONESE, J. R. P.; SILVEIRA, M. **Estatuto da criança e do adolescente comentado**: doutrina e jurisprudência. São Paulo: Conceito, 2011. p. 250.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2011**: Os jovens do Brasil. São Paulo: Sangari; Brasília: Ministério da Justiça, 2011a. p. 10-38.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2011**: Os jovens do Brasil. São Paulo: Sangari; Brasília: Ministério da Justiça, 2011b. (Caderno complementar: acidentes de trânsito)

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2012**: os novos padrões da violência homicida no Brasil. São Paulo: Sangari : Ministério da Justiça, 2012. p. 58.

WASELFISZ, J. J. **Relatório de desenvolvimento juvenil**. Brasília, DF: Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana, 2007 p. 16.

[XIMENES] COMUNIDADE. *In.*: XIMENES, S. Minidicionário da Língua Portuguesa. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2000.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. esp., p. 75-84, 2003.

YUNES, M. A. M. ; JULIANO, M. C. A Bioecologia do Desenvolvimento Humano e suas interfaces com a Educação Ambiental. **Cadernos de Educação (UFPEL)**, Pelotas, v. 37, p. 347-379, set./dez. 2010.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. *In.*: TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 13-42.

YUNES, M. M. A.; MIRANDA, T. A.; CUELLO, S. S. E. Um olhar ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de crianças e adolescentes institucionalizados. *In.*: KOLLER, S. H. (Org.) **Ecologia do desenvolvimento humano**: pesquisa e intervenção no Brasil. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.

ZALUAR, A. **Integração perversa**: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ZILBERMAN, M. L.; BLUME, S. B. Violência doméstica, abuso de álcool e substâncias psicoativas. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 27, supl. II, p. s51-52, 2005.

FIGURAS UTILIZADAS

[BAIRRO/COMUNIDADE]. Disponível em: <<http://www.clker.com/inc/svgedit/svg-editor.html?paramurl=/inc/clean.html?id=23990>>. Acesso em: abr. 2012.

[CRAS] cartoon-houses-2.gif. Disponível em: <<http://www.how-to-draw-funny-cartoons.com/cartoon-houses.html>>. Acesso em: abr. 2012.

[CREAS] cartoon-houses-2.gif. Disponível em: <<http://www.how-to-draw-funny-cartoons.com/cartoon-houses.html>>. Acesso em: abr. 2012.

[CASA] small-house-in-the-village-coloring-page.jpg. Disponível em: <<http://direito25h.blogspot.com.br/2011/07/casa-nova.html>>. Acesso em: abr. 2012.

[CULTURA/VALORES] 4171892_f260.jpg. Disponível em: <<http://monicarobinson.hubpages.com/hub/Connecting-with-My-Teen>>. Acesso em: abr. 2012.

[ESCOLA]. escola.jpg. Disponível em: <<http://gostamosdetudoisso.blogspot.com.br/2011/01/aulas.html>>. Acesso em: abr. 2012.

[ESTADO/POLÍTICAS PÚBLICAS] Brasao2.jpg. Disponível em: <<http://www.alecristmbrasil.org/DiadaRepublica.htm>>. Acesso em: abr. 2012.

[FAMÍLIA] familia.jpg. Disponível em: <<http://juliinhaforever.blogspot.com.br/2010/08/my-life.html>>. Acesso em: abr. 2012.

[IGREJA] igreja+colorir.png. Disponível em: <<http://marcelogomeslouveiro.blogspot.com.br/2011/10/santidade-da-igreja-rev-angus-stewart.html>>. Acesso em: abr. 2012.

[POLÍCIA] 8policecoloringpage16_qndnn.gif. Disponível em: <http://coloringpages101.com/printable_page/791/Cars/8_Police_Coloring_Page_16.aspx>. Acesso em: abr. 2012.

[PRAÇA] playground.jpg. Disponível em: <<http://industriouslyemily.blogspot.com.br/2010/07/playground.html>>. Acesso em: abr. 2012.

[RELIGIÃO/CRENÇAS] Religiões.gif. Disponível em:
<<http://www.blogdaradio.com.br/noticias/campanha-promove-respeito-a-diversidade-religiosa/#.T4swbNXuUqk>>. Acesso em: abr. 2012.

Observação: O restante das figuras encontram-se disponíveis em: <www.istockphoto.com/>

APÊNDICE A – DIÁRIO ÍNTIMO

Nº de
Identificação
001





1ª dia

COMO ME SINTO HOJE? (marque uma carinha)



Feliz/contente



apaixonado/enamorado



triste/deprimido



entediado/enjoado



cansado/esgotado



esperançoso/entusiasmado



preocupado/apreensivo



indignado/furioso

EM RELAÇÃO A....

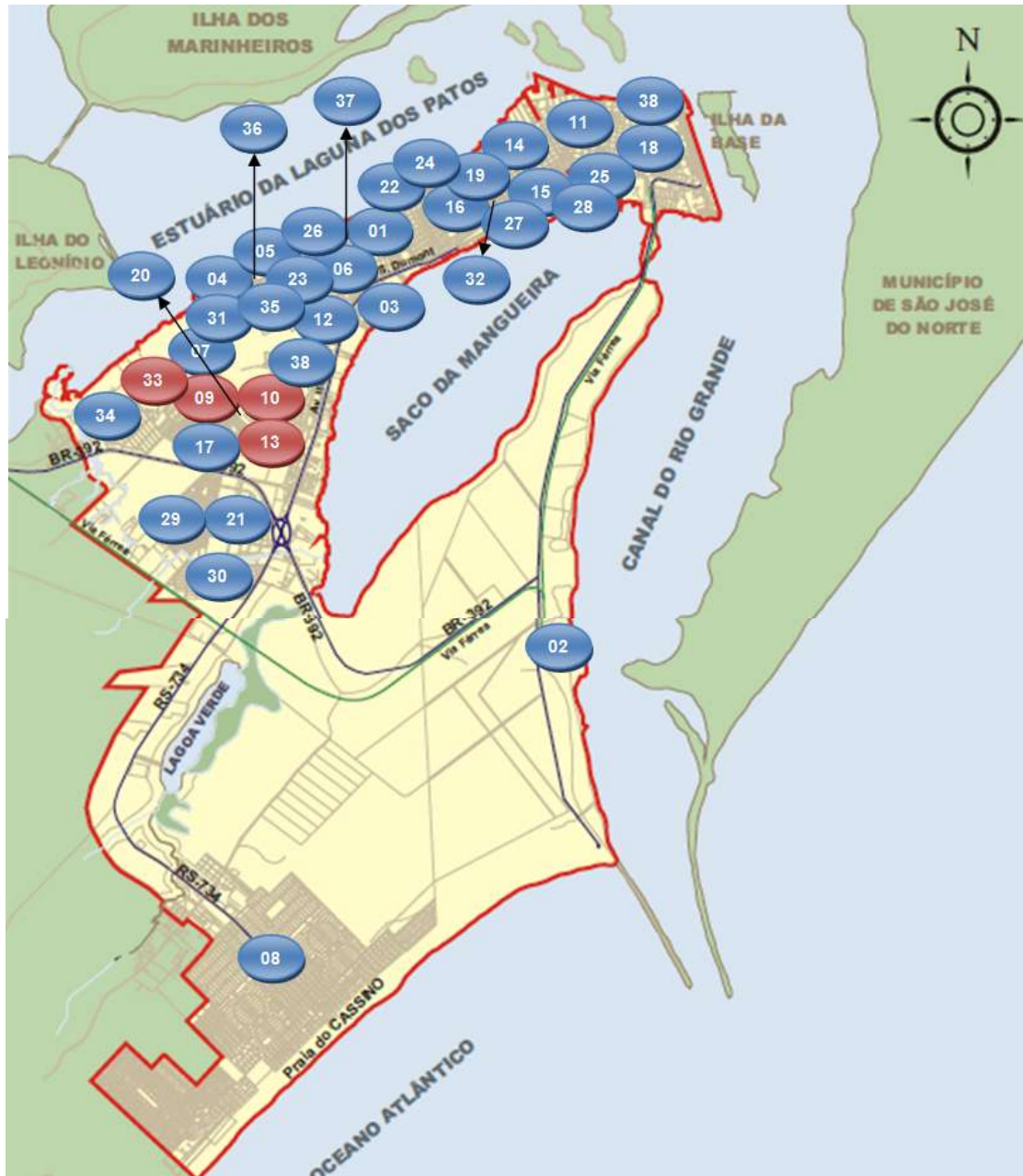
- Minha família
O que aconteceu de bom hoje? _____
O que aconteceu de ruim hoje? _____
- Meus amigos
O que aconteceu de bom hoje? _____
O que aconteceu de ruim hoje? _____
- Meu bairro
O que aconteceu de bom hoje? _____
O que aconteceu de ruim hoje? _____
- Escola
O que aconteceu de bom hoje? _____
O que aconteceu de ruim hoje? _____

HOJE ACONTECEU ALGO QUE VOCÊ CONSIDEROU VIOLENTO? Como foi? (seja cometido por você ou por outros)

ESPAÇO LIVRE

(Utilize esse espaço para se expressar como desejar, seja escrevendo um poema, fazendo um desenho, etc...)

APÊNDICE C – BAIRROS ABRANGIDOS PELA PESQUISA



LEGENDA:

- Área PPV
- Área NÃO PPV

Bairros:

- | | |
|--------------------------|--|
| 01 - América | 22 - Jóquei Clube |
| 02 - Barra | 23 - Junção |
| 03 - Bernadeth | 24 - Lagoa Azul |
| 04 - Bosque Silveira | 25 - Lar Gaucho |
| 05 - Braz (Vila) | 26 - Leônidas |
| 06 - Buchholz | 27 - Miguel de Castro
Moreira (Municipal) |
| 07 - Carreiros | 28 - Navegantes |
| 08 - Cassino | 29 - Parque Marinha |
| 09 - Castelo Branco I | 30 - Parque São
Pedro |
| 10 - Castelo Branco II | 31 - Profilurb II |
| 11 - Centro | 32 - Rural |
| 12 - Cibrazém | 33 - Santa Rita de
Cássia |
| 13 - Cidade de
Águeda | 34 - Santa Rosa |
| 14 - Cidade Nova | 35 - São João |
| 15 - COHAB I | 36 - São Miguel |
| 16 - COHAB II | 37 - Vila Eulina |
| 17 - COHAB IV | 38 - Vila Maria |
| 18 - Getúlio Vargas | 39 - Vila Militar |
| 19 - Hidráulica | |
| 20 - Humaitá | |
| 21 - Jardim do Sol | |

ANEXO A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Universidade Federal de Rio Grande
Instituto de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental
CURSO DE MESTRADO



Rio Grande, 14, de julho de 2011.

Cara Senhora _____,
Coordenadora do CRAS Cidade de Águeda,

Eu, professora Dr^a Simone dos Santos Paludo venho por meio dessa solicitar a autorização para aplicação da pesquisa intitulada “Os jovens em situação de vulnerabilidade social e suas relações com a violência no contexto da educação ambiental”, de autoria de Deise Parula Munhoz, mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob minha orientação. Tal pesquisa tem como principal objetivo compreender a percepção do jovem em relação ao fenômeno da violência vivenciada na comunidade. Serão convidados a participar do estudo jovens, de ambos os sexos, com idades entre 15 e 24 anos. A participação dos jovens consistirá em responder a um questionário que abordará aspectos sociodemográficos, assim como aqueles relacionados à educação, saúde (incluindo sexualidade e drogas), trabalho, violência, rede de apoio social e também a aplicação de um “diário íntimo” que permanecerá com os jovens durante 30 dias.

A aplicação do questionário será realizada nas dependências físicas do CRAS e será solicitada a concordância na participação da pesquisa, sendo tomados todos os cuidados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações. Os jovens que aceitarem participar do estudo deverão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo que àqueles menores de 18 anos será solicitada também a autorização aos pais ou responsáveis. Os participantes serão informados de que sua participação no estudo é voluntária e poderá ser interrompida em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo ou punição. A qualquer momento, tanto os participantes, como a instituição, poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a esse estudo. Os dados obtidos através do questionário serão guardados no Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas da FURG e destruídos após o período de cinco anos. Haverá uma devolução dos resultados finais do estudo, de forma coletiva.

Agradecemos sua colaboração e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.
Caso queiram contatar com nossa equipe, isso poderá ser feito através do telefone

Atenciosamente,

Dr^a Simone dos Santos Paludo
(53) 3293.5241

**DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL PELO(A)
PARTICIPANTE:**

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em autorizar a realização do estudo “Os jovens em situação de vulnerabilidade social e suas relações com a violência no contexto da educação ambiental” no CRAS. Fui informado(a) pela pesquisadora Deise Parula Munhoz dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de autorização. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Autorizo () Não autorizo ()

Local e data: _____/_____/_____

Nome: _____

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental
CURSO DE MESTRADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS/JOVENS

Aos Senhores Pais ou Responsáveis – Escolas / CRAS

Estamos realizando uma pesquisa tem como principal objetivo compreender a percepção do jovem em relação ao fenômeno da violência vivenciada na comunidade. A participação do seu filho consistirá em responder a um questionário durante, em média, 60 minutos. O questionário tratará de aspectos sociodemográficos, assim como aqueles relacionados à educação, saúde (incluindo sexualidade e drogas), humor, trabalho, lazer, violência, rede de apoio social, religiosidade, autoestima e autoeficácia. Serão tomados todos os cuidados para garantir sigilo e confidencialidade dos dados.

Os dados obtidos através do questionário serão guardados no Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas da FURG e destruídos após o período de cinco anos. Haverá uma devolução dos resultados finais do estudo, de forma coletiva. A participação de seu filho é voluntária, podendo ser interrompida em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo ou punição. A qualquer momento, tanto os participantes, como a instituição, poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a esse estudo. Não há nenhuma forma de compensação financeira decorrente da participação neste projeto. A sua colaboração é muito importante. A pesquisadora responsável pelo estudo e pela coleta de dados é a mestrande Deise Parula Munhoz, sob orientação da Profa. Dra. Simone dos Santos Paludo.

Desde já, agradecemos sua contribuição para o desenvolvimento desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos através do telefone 81143394 ou pelo e-mail: deise.munhoz@yahoo.com.br.

Autorização:

Eu _____ (nome do responsável pelo participante) fui informado(a) dos objetivos e da justificativa desta pesquisa, de forma clara e detalhada. Recebi informações sobre cada procedimento e terei liberdade de retirar o consentimento de participação na pesquisa, em qualquer momento do processo. Ao assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os meus direitos legais serão garantidos e não renuncio a quaisquer direitos legais. Ao assinar este Termo, dou meu consentimento livre e esclarecido, concordando que meu filho participe desse estudo.

Autorizo a participação de meu filho neste estudo

() Sim () Não

Assinatura do responsável

Assinatura da Pesquisadora responsável

Data ____/____/____.

ANEXO C – KIT ENTREGUE AOS JOVENS DOS CRAS



ANEXO D – QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO JUVENTUDE BRASILEIRA

Código: _____ Data: ___/___/____ Escola: _____ Turma: _____

Bairro onde mora: _____ Cidade: _____ Estado: _____

1. Sexo: a. () Masculino b. () Feminino

2. Idade: _____ anos

3. Data de nascimento: ___/___/____

4. Cor:

a. () Branca

b. () Negra

c. () Parda

d. () Amarela

e. () Indígena

5. Estado civil:

a. () Solteiro

b. () Casado

c. () Mora junto

d. () Separado/divorciado

e. () Viúvo

f. () Outros: _____

6. Com quem você mora? (Marque mais de uma resposta se for o caso)

a. () Pai

b. () Mãe

c. () Padrasto

d. () Madrasta

e. () Irmãos

f. () Avô

g. () Avó

h. () Tios

i. () Pais adotivos

j. () Filho(s)

k. () Companheiro(a)

l. () Outros: _____

7. Quantas pessoas moram na sua casa incluindo você? _____

Quantos têm: até 5 anos _____
 entre 6 e 14 anos _____
 entre 15 e 24 anos _____
 acima de 25 anos _____

8. Quem são as pessoas que mais contribuem para o sustento na sua casa?

a. () Você mesmo

b. () Outros: Quem? _____

9. Qual o total da renda mensal familiar do seu domicílio? Em média R\$ _____ () não sabe

10. Marque na tabela quais os itens que você possui na sua casa e quantos:

		Sim	Não	Quantos?
a	Banheiro			
b	Quartos			
c	Aparelho de vídeo cassete ou dvd			
d	TV a cores			
e	Rádio/aparelho de som			
f	Máquina de lavar roupa			
g	Geladeira			
h	Computador			
i	Aspirador de pó			
j	Empregada (doméstica/mensalista)			

11. Você ou sua família recebe algum tipo de bolsa ou auxílio (bolsa escola, bolsa alimentação, etc.)?

a. () Não

b. () Sim.

c. Que tipo? (Marque mais de uma resposta se for o caso)

a. () Bolsa família

b. () Bolsa de estudo

c. () Pró-Jovem

d. () PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

e. () Outra _____

12. Qual é o grau de instrução de seu pai e da sua mãe? Marque com X:

		Pai	Mãe
a	Analfabeto		
b	Sabe ler, mas não foi à escola		
c	Fundamental incompleto (1º grau)		
d	Fundamental completo (1º grau)		
e	Médio incompleto (2º grau)		
f	Médio completo (2º grau)		
g	Superior incompleto (universitário)		
h	Superior completo (universitário)		
i	Pós-Graduação		
j	Não sei		

13. Sua escola é...?

- a. Pública
b. Particular

14. Em qual série/etapa/ano escolar você está? _____

15. Qual o turno em que você frequenta a escola?

- a. Manhã
b. Tarde
c. Integral
d. Noite

16. Você já foi reprovado?

- a. Não
b. Sim c. Quantas vezes? _____

17. Você já foi expulso de alguma escola?

- a. Não
b. Sim
c. Quantas vezes? _____
d. Por quê? Brigas Faltas Outro: _____

18. Por favor, marque com X no número que corresponde a sua opinião sobre as seguintes afirmativas:

- ①Discordo totalmente
②Discordo um pouco
③Não concordo nem discordo
④Concordo um pouco
⑤Concordo totalmente

a	Eu me sinto bem quando estou na escola	① ② ③ ④ ⑤
b	Gosto de ir para a escola	① ② ③ ④ ⑤
c	Gosto da maioria dos meus professores	① ② ③ ④ ⑤
d	Quero continuar meus estudos nessa escola	① ② ③ ④ ⑤
e	Posso contar com meus professores	① ② ③ ④ ⑤
f	Posso contar com técnicos da escola (orientador, coordenador)	① ② ③ ④ ⑤
g	Confio nos colegas da escola	① ② ③ ④ ⑤

19. Marque com um X **TODAS** as opções a seguir que estão relacionadas com a sua situação de trabalho remunerado:

a	<input type="checkbox"/> Nunca trabalhei
b	<input type="checkbox"/> Já trabalhei mas não trabalho atualmente
c	<input type="checkbox"/> Estou trabalhando
d	<input type="checkbox"/> Estou procurando trabalho
e	<input type="checkbox"/> Não estou procurando trabalho
f	<input type="checkbox"/> Trabalho em comércio (em loja, mercados, etc.)
g	<input type="checkbox"/> Trabalho na rua (vendendo coisas, reciclagem, catação, engraxate, vigiando ou limpando carros)
h	<input type="checkbox"/> Trabalho em casa (cuidado de crianças, limpando, passando, etc)
i	<input type="checkbox"/> Trabalho na agricultura, pecuária ou pesca
j	<input type="checkbox"/> Trabalho na área administrativa (<i>office-boy</i> , secretária, informática, etc.)
k	<input type="checkbox"/> Trabalho em indústria/fábrica
l	<input type="checkbox"/> Trabalho em outros lugares: _____
m	<input type="checkbox"/> Trabalho com carteira assinada
n	<input type="checkbox"/> Não trabalho com carteira assinada

20. Você alguma vez já teve que parar de estudar para trabalhar?

- a. Não
b. Sim

21. Se você trabalha atualmente:

- a. Qual a sua renda mensal média proveniente de seu trabalho atualmente? _____ reais
b. Quantas horas por dia você dedica ao trabalho? _____ horas

22. Você tem alguma doença crônica (diabetes, AIDS, câncer, insuficiência renal, outra)?

- a. Não
b. Sim Qual? _____

23. Você tem algum problema mental/psicológico ou dos nervos?

- a. Não
b. Sim
c. Qual? _____
d. Você já procurou algum tipo de auxílio/tratamento? sim não

24. Você tem algum tipo de deficiência:

- a. Não
b. Sim Visual Auditiva Física Outra Qual? _____

25. Qual o serviço de assistência à saúde você recorre? (pode marcar mais de um)

- a. SUS – Sistema Único de Saúde
b. Plano de Saúde
c. Atendimento Particular
d. Outros

26. Com que frequência acessa o serviço de saúde?

- a. Não tenho acesso aos serviços de saúde
- b. De uma a três vezes por mês
- c. Uma vez por mês
- d. De 2 a 4 vezes a cada seis meses
- e. Uma vez a cada seis meses
- f. Uma vez ao ano

27. Você participa de alguma das atividades abaixo? (Marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Grêmios estudantis ou diretórios acadêmicos
- b. Grupo de escoteiros ou bandeirantes
- c. Grupo ou movimentos religiosos
- d. Grupos musicais (coral, bandas, etc.)
- e. Grupo de dança, teatro ou arte
- f. Grupos ou movimentos políticos
- g. Grupo de trabalho voluntário
- h. Equipe esportiva

28. Com relação à sua religião/doutrina/crença, você se considera: (Marque mais de uma se for o caso)

- a. Não acredito em Deus (ateu)
- b. Sem religião (mas acredito em Deus)
- c. Católico
- d. Protestante
- e. Evangélica
- f. Espírita
- g. Umbandista
- h. Candomblé
- i. Outro _____

29. Por favor, marque com X no número que mais corresponde a sua opinião sobre as seguintes afirmativas:

- ① Nunca
- ② Quase nunca
- ③ Às vezes
- ④ Quase sempre
- ⑤ Sempre

a	A religião/espiritualidade tem sido importante para a minha vida	① ② ③ ④ ⑤
b	Costumo frequentar encontros, cultos ou rituais religiosos	① ② ③ ④ ⑤
c	Costumo fazer orações no dia-a-dia	① ② ③ ④ ⑤
d	Costumo ler livros sagrados no dia-a-dia (Bíblia, Alcorão, etc.)	① ② ③ ④ ⑤
e	Costumo agradecer a Deus pelo que acontece comigo	① ② ③ ④ ⑤
f	Peço ajuda a Deus para resolver meus problemas	① ② ③ ④ ⑤
g	Costumo fazer orações quando estou em momentos difíceis	① ② ③ ④ ⑤
h	Busco ajuda da minha instituição religiosa (igreja, templo, etc.) quando estou em dificuldades	① ② ③ ④ ⑤
i	Sigo recomendações religiosas na minha vida diária	① ② ③ ④ ⑤

30. Agora vamos falar um pouco das suas relações com a família, especialmente entre você e seus pais (mãe, madrasta, pai, padrasto, ou outras pessoas que cuidam ou cuidaram de você). Ao responder estas questões, pense em diferentes momentos que a sua família passou e nas diferentes pessoas com quem você mora/morou.

- ①Discordo totalmente
- ②Discordo um pouco
- ③Não concordo nem discordo
- ④Concordo um pouco
- ⑤Concordo totalmente

a	Costumamos conversar sobre problemas da nossa família	① ② ③ ④ ⑤
b	Meus pais raramente me criticam	① ② ③ ④ ⑤
c	Raramente ocorrem brigas na minha família	① ② ③ ④ ⑤
d	Quando estou com problemas, posso contar com a ajuda dos meus pais	① ② ③ ④ ⑤
e	Sinto que sou amado e tratado de forma especial pelos meus pais	① ② ③ ④ ⑤
f	Meus pais em geral sabem onde eu estou	① ② ③ ④ ⑤
g	Nunca sou humilhado por meus pais	① ② ③ ④ ⑤
h	Meus pais raramente brigam entre eles	① ② ③ ④ ⑤
i	Meus pais dão atenção ao que eu penso e ao que eu sinto	① ② ③ ④ ⑤
j	Meus pais conhecem meus amigos	① ② ③ ④ ⑤
k	Eu me sinto aceito pelos meus pais	① ② ③ ④ ⑤
l	Meus pais me ajudam quando eu preciso de dinheiro, comida ou roupa	① ② ③ ④ ⑤
m	Costumo conversar com meus pais sobre decisões que preciso tomar	① ② ③ ④ ⑤
n	Meus pais sabem com quem eu ando	① ② ③ ④ ⑤
o	Eu me sinto seguro com meus pais	① ② ③ ④ ⑤

31. Identifique situações que você já viveu **COM SUA FAMÍLIA**, relacionadas aos eventos na coluna 1 e a seguir responda às questões:

Tipo de situação	A. Já aconteceu?	B. Em geral, com que frequência esta situação acontecia?	C. Em geral, o quão ruim foi para você esta situação?	D. Indique quem fez isto com mais frequência?
a) Ameaça ou humilhação	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca ③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	① nada ruim ② um pouco ruim ③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	A <input type="checkbox"/> mãe B <input type="checkbox"/> madrasta C <input type="checkbox"/> pai D <input type="checkbox"/> padrasto E <input type="checkbox"/> irmãos F <input type="checkbox"/> avós G <input type="checkbox"/> outros: _____
b) Soco ou surra	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca ③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	① nada ruim ② um pouco ruim ③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	A <input type="checkbox"/> mãe B <input type="checkbox"/> madrasta C <input type="checkbox"/> pai D <input type="checkbox"/> padrasto E <input type="checkbox"/> irmãos F <input type="checkbox"/> avós G <input type="checkbox"/> outros: _____
c) Agressão com objeto (madeira, cinto, fio, cigarro, etc.)	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca ③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	① nada ruim ② um pouco ruim ③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	A <input type="checkbox"/> mãe B <input type="checkbox"/> madrasta C <input type="checkbox"/> pai D <input type="checkbox"/> padrasto E <input type="checkbox"/> irmãos F <input type="checkbox"/> avós G <input type="checkbox"/> outros: _____
d) Mexeu no meu corpo contra a minha vontade	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca ③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	① nada ruim ② um pouco ruim ③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	A <input type="checkbox"/> mãe B <input type="checkbox"/> madrasta C <input type="checkbox"/> pai D <input type="checkbox"/> padrasto E <input type="checkbox"/> irmãos F <input type="checkbox"/> avós G <input type="checkbox"/> outros: _____
e) Relação sexual forçada	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca ③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	① nada ruim ② um pouco ruim ③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	A <input type="checkbox"/> mãe B <input type="checkbox"/> madrasta C <input type="checkbox"/> pai D <input type="checkbox"/> padrasto E <input type="checkbox"/> irmãos F <input type="checkbox"/> avós G <input type="checkbox"/> outros: _____

32. Identifique situações que você já viveu **FORA DE CASA**, na coluna 1 e a seguir responda às questões:

Tipo de situação	A. Já aconteceu?	B. Em geral, com que frequência esta situação acontecia?	C. Em geral, o quanto ruim foi para você esta situação?	D. Indique quem fez isto com mais frequência?
a) Ameaça ou humilhação	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca ③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	① nada ruim ② um pouco ruim ③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros: _____
b) Soco ou surra	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca ③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	① nada ruim ② um pouco ruim ③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros: _____
c) Agressão com objeto (madeira, cinto, fio, cigarro, etc.)	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca ③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	① nada ruim ② um pouco ruim ③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros: _____
d) Mexeu no meu corpo contra a minha vontade	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca ③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	① nada ruim ② um pouco ruim ③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros: _____
e) Relação sexual forçada	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca ③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	① nada ruim ② um pouco ruim ③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros: _____

33. Identifique situações que você já viveu **NA SUA COMUNIDADE**, na coluna 1 e a seguir responda às questões:

Tipo de situação	A. Já aconteceu?	B. Em geral, com que frequência esta situação acontecia?	C. Em geral, o quanto ruim foi para você esta situação?	D. Indique quem fez isto com mais frequência?
a) Ameaça ou humilhação	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca ③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	① nada ruim ② um pouco ruim ③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros: _____
b) Soco ou surra	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca ③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	① nada ruim ② um pouco ruim ③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros: _____
c) Agressão com objeto (madeira, cinto, fio, cigarro, etc.)	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca ③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	① nada ruim ② um pouco ruim ③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros: _____
d) Mexeu no meu corpo contra a minha vontade	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca ③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	① nada ruim ② um pouco ruim ③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros: _____
e) Relação sexual forçada	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca ③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	① nada ruim ② um pouco ruim ③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros: _____

34. Em geral, como você descreveria a segurança da sua comunidade?

- a. Muito insegura
- b. Insegura
- c. Mais ou menos segura
- d. Segura
- e. Muito segura
- f. Não sei

35. Qual dessas situações você encontra/vivencia no local onde você mora? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Tráfico de drogas
- b. Batidas policiais
- c. Assaltos, roubos
- d. Tiroteios
- e. Nenhuma das anteriores

36. Em algum momento da sua vida você já se envolveu em situações ilegais como as citadas abaixo? Marque todas que já aconteceram:

- a. Envolvimento em brigas com agressão física/violência contra pessoas
- b. Destruição de propriedade
- c. Envolvimento em pichação
- d. Assaltou alguém
- e. Roubou algo
- e. Vendeu drogas
- f. Outra. Qual? _____

37. Em sua opinião, quais são as razões principais para os adolescentes cometerem atos de violência? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Problemas na família
- b. Busca de identidade e respeito
- c. Busca de proteção
- d. Busca de pertencimento ao grupo
- e. Busca de melhor condição financeira
- f. Outro Qual? _____

38. Em sua opinião, quais das opções abaixo você considera como violência? (pode ser marcada mais de uma opção).

- a. () Forçar alguém a ter relações sexuais
- b. () Andar a maior parte de seu tempo em grupos
- c. () Quebrar objetos, utensílios e moveis seus ou outra pessoa
- d. () Usar linguagem que ofenda alguém
- e. () Ignorar, criticar ou ofender uma pessoa, por meio de ironias ou piadas
- f. () Ser xingado com palavras ofensivas por pais ou responsáveis
- g. () Trancar alguém em casa
- h. () Esconder ou rasgar pertences e documentos seus ou outra pessoa
- i. () Discriminar alguém por sua aparência
- j. () Agredir deixando marcas como hematomas e fraturas
- k. () Apanhar dos pais ou responsáveis
- l. () Ameaçar de espancamento ou de morte
- m. () Namorar em praças ou nas vias públicas

39. Dê um exemplo de uma situação de violência que você já viu, ou sofreu na sua comunidade:

40. Dê um exemplo de uma situação de violência que você já viu, ou sofreu na sua escola:

41. Dê um exemplo de uma situação de violência que você já viu, ou sofreu na sua família:

42. Alguma vez você já agiu de forma violenta?

- a. () Não
- b. () Sim

Comente como aconteceu:

43. Você tem algum amigo próximo que usa drogas?

- a. () Não
- b. () Sim. Que tipo? () drogas lícitas (bebida alcoólica, cigarro)
() drogas ilícitas (*crack*, cocaína, cola, etc)

44. Você tem algum familiar que usa drogas?

- a. () Não
- b. () Sim. Que tipo? () drogas lícitas (bebida alcoólica, cigarro)
() drogas ilícitas (*crack*, cocaína, cola, etc)

45. Quanto a você, responda às questões abaixo:

Tipo		Já experimentou ao menos uma vez na vida?	Que idade você tinha quando usou pela 1ª vez?
a	Bebida alcoólica	a. () Não b. () Sim	
b	Cigarro comum	a. () Não b. () Sim	
c	Maconha	a. () Não b. () Sim	
d	Cola, solventes, <i>thinner</i> , lança-perfume, acetona	a. () Não b. () Sim	
e	Cocaína	a. () Não b. () Sim	
f	<i>Crack</i>	a. () Não b. () Sim	
g	<i>Ecstasy</i>	a. () Não b. () Sim	
h	Remédio para emagrecer sem receita médica	a. () Não b. () Sim	
i	Anabolizante	a. () Não b. () Sim	
j	Remédio para “ficar doidão”	a. () Não b. () Sim	
k	Chá para “ficar doidão”	a. () Não b. () Sim	
l	Outra _____	a. () Não b. () Sim	

46. Se você nunca experimentou drogas pule para a questão 52. Se você já experimentou, responda qual foi a primeira droga que você usou? _____

47. Caso você já tenha experimentado alguma droga, responda às questões abaixo:

	Tipo	Usou no ÚLTIMO ANO?	Usou no ÚLTIMO MÊS? Marque com um X			
			Não usou no último mês	Usou menos de 1 vez por semana	Usou de 1 a 4 vezes/semana	Usou 5 ou mais vezes/semana
A	Bebida alcoólica	a. () Não b. () Sim				
B	Cigarro comum	a. () Não b. () Sim				
C	Maconha	a. () Não b. () Sim				
D	Cola, solventes, lança-perfume, <i>thinner</i> , acetona	a. () Não b. () Sim				
E	Cocaína	a. () Não b. () Sim				
F	<i>Crack</i>	a. () Não b. () Sim				
G	<i>Ecstasy</i>	a. () Não b. () Sim				
H	Remédio para emagrecer sem receita médica	a. () Não b. () Sim				
I	Anabolizante	a. () Não b. () Sim				
J	Remédio para “ficar doidão”	a. () Não b. () Sim				
K	Chá para “ficar doidão”	a. () Não b. () Sim				
L	Outra: _____	a. () Não b. () Sim				

48. Se você consome drogas, você o faz quando:

- a. Está sozinho
- b. Está com amigos
- c. Está com algum familiar
- d. Está com o(a) namorado(a)
- e. Outros. Quem? _____

49. Você já **pensou** em parar de usar alguma droga?

- a. Não (pule para a questão 52)
- b. Sim

50. Já **tentou** (de fato) parar de usar alguma substância?

- a. Nunca tentei parar, pois nunca usei nenhuma substância regularmente
- b. Nunca tentei parar, apesar de usar ou já ter usado regularmente alguma substância
- c. Sim, já tentei parar (então preencha a tabela abaixo)

	A – Tentou parar	B – Conseguiu parar de usar
1. Álcool	A <input type="checkbox"/> Não B <input type="checkbox"/> Sim	A <input type="checkbox"/> Não B <input type="checkbox"/> Sim C <input type="checkbox"/> Parou por um tempo e depois voltou
2. Tabaco	A <input type="checkbox"/> Não B <input type="checkbox"/> Sim	A <input type="checkbox"/> Não B <input type="checkbox"/> Sim C <input type="checkbox"/> Parou por um tempo e depois voltou
3. Solventes	A <input type="checkbox"/> Não B <input type="checkbox"/> Sim	A <input type="checkbox"/> Não B <input type="checkbox"/> Sim C <input type="checkbox"/> Parou por um tempo e depois voltou
4. Maconha	A <input type="checkbox"/> Não B <input type="checkbox"/> Sim	A <input type="checkbox"/> Não B <input type="checkbox"/> Sim C <input type="checkbox"/> Parou por um tempo e depois voltou
5. Cocaína	A <input type="checkbox"/> Não B <input type="checkbox"/> Sim	A <input type="checkbox"/> Não B <input type="checkbox"/> Sim C <input type="checkbox"/> Parou por um tempo e depois voltou
6. Crack	A <input type="checkbox"/> Não B <input type="checkbox"/> Sim	A <input type="checkbox"/> Não B <input type="checkbox"/> Sim C <input type="checkbox"/> Parou por um tempo e depois voltou
7. Outra: _____	A <input type="checkbox"/> Não B <input type="checkbox"/> Sim	A <input type="checkbox"/> Não B <input type="checkbox"/> Sim C <input type="checkbox"/> Parou por um tempo e depois voltou

51. Se você já tentou parar de usar drogas, alguém ajudou você nesta tentativa? (Marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Tentei sozinho
- b. Tentei com um amigo/grupo de amigos
- c. Alguém da igreja
- d. Alguém de escola
- e. Alguém do hospital, posto de saúde ou comunidade terapêutica
- f. Alguém da família
- g. Outros _____

52. Onde você obtém informações sobre sexo? Marque com um X no número que correspondente a frequência:

- ① Nunca
 ② Quase nunca
 ③ Às vezes
 ④ Quase sempre
 ⑤ Sempre

A	Família	① ② ③ ④ ⑤
B	Amigos	① ② ③ ④ ⑤
C	Escola (professores, funcionários, coordenadores diretores, etc.)	① ② ③ ④ ⑤
D	Líderes religiosos (padre, pastor, pai de santo, etc.)	① ② ③ ④ ⑤
E	Amigos	① ② ③ ④ ⑤
F	Televisão	① ② ③ ④ ⑤
G	Internet	① ② ③ ④ ⑤
H	Rádio	① ② ③ ④ ⑤
I	Jornal, revista ou livro	① ② ③ ④ ⑤

53. Você já teve relações sexuais (transou) alguma vez?

a. Não (pule para a questão 73)

b. Sim

c. Quantos anos você tinha “na primeira vez”? _____ anos

d. Quantos anos o(a) parceiro(a) tinha? _____ anos Não sei

e. Com quem foi? Namorado(a) Vizinho(a) Parente. Qual? _____

Outro _____

f. A primeira relação sexual foi desejada foi forçada

54. Você já transou com:

a. Meninas/mulheres

b. Meninos/homens

c. Ambos sexos

55. NO ÚLTIMO ANO, nas suas transas, você teve: (Marque mais de uma resposta se for o caso)

a. Parceiro(a) FIXO(a) [namorado(a), companheiro(a), esposa/marido]

Quantos ___namorado (a) ___companheiro (a) ___esposa/marido

b. Parceiro(a) NÃO-FIXO(a) Quantos(as): _____

56. NO ÚLTIMO ANO, com que frequência você ou seu parceiro usou camisinha?

a. Nunca

b. Poucas vezes

c. Muitas vezes, mas não em todas

d. Sempre (pule para a questão 58)

57. NO ÚLTIMO ANO, nas vezes em que você NÃO USOU camisinha, por que motivo você não usou? (Marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Não tinha camisinha
- b. Não tinha dinheiro para comprar
- c. Não gosto
- d. Camisinha machuca/incomoda
- e. Não acho que seja importante
- f. Não lembrei de colocar
- g. Estava sob efeito de álcool
- h. Estava sob efeito de drogas
- i. Meu parceiro(a) não aceita
- j. Porque confio no meu parceiro(a)
- k. Porque usa anticoncepcional (pílula)
- l. Outro motivo: _____

58. NO ÚLTIMO ANO, nas vezes em que você USOU camisinha, por que motivo você usou? (Marque mais de 1 se for o caso)

- a. Para evitar doenças
- b. Para evitar AIDS
- c. Para evitar gravidez
- d. Porque o (a) parceiro (a) exigiu
- e. Porque é importante usar
- f. Porque dizem que é bom usar
- g. Porque é mais limpo (higiene)
- h. Não sei
- i. Outros: _____

59. Atualmente, você possui algum parceiro fixo [namorado(a), companheiro(a), esposa/marido]

- a. Não
- b. Sim

60. Na última vez que você transou, você ou seu parceiro(a) usou camisinha?

- | | |
|--|--|
| Com parceiro FIXO (namorado(a), companheiro(a), esposa/marido) | Com parceiros NÃO-FIXOS |
| a. <input type="checkbox"/> Não | a. <input type="checkbox"/> Não |
| b. <input type="checkbox"/> Sim | b. <input type="checkbox"/> Sim |
| c. <input type="checkbox"/> Não lembra | c. <input type="checkbox"/> Não lembra |

61. No ÚLTIMO MÊS, você carregou camisinha com você alguma vez?

- a. Não
- b. Sim Quantos dias você carregou camisinha com você? _____

62. Onde você costuma pegar camisinha? (Marque mais de 1 se for o caso)

- a. Não costumo pegar camisinha
- b. Busco/recebo na Rede/SUS
- c. Compro na farmácia/supermercado
- d. Compro de vendedores ambulantes
- e. Busco/recebo em instituições ou ONGs
- g. Ganho de conhecidos ou amigos
- h. Troco por objetos/favores

63. Você já teve alguma Doença Sexualmente Transmissível/DST (doença que se pega através de sexo e pode gerar corrimento, coceira, ardência ou feridas nos órgãos sexuais)?

- a. Não
- b. Sim Quantas vezes? _____ Quais doenças? _____
- c. Não sabe

64. Alguma vez você já fez sexo em troca de dinheiro, favores ou vantagens?

- a. Não (pule para questão 66)
- b. Sim

Em geral, com que frequência você faz/fazia sexo em troca de dinheiro, favor ou vantagem?(Resposta única)

- ___ vezes por semana
- ___ vezes por mês
- ___ vezes por ano
- ___ vezes na vida

65. Nas vezes em que você fez sexo por dinheiro, favor ou vantagem, com que frequência você usou camisinha?

- a. Nunca
- b. Poucas vezes
- c. Muitas vezes, mas não em todas
- d. Sempre

66. Você usa algum método para evitar gravidez?

- a. Não
- b. Sim Quais? Marque mais de uma resposta se precisar.
 - a. Camisinha
 - b. Coito interrompido (interromper a transa antes do orgasmo masculino)
 - c. Pílula anticoncepcional
 - d. Injeção/implante/adesivo
 - e. Tabela / ritmo / calendário
 - f. DIU
 - g. Outro: _____

67. Onde você/sua parceira costuma obter anticoncepcionais? (Marque mais de 1 se for o caso)

- a. Não costumo obter anticoncepcionais
- b. Busca/recebe na Rede/SUS
- c. Compra na farmácia
- d. Compra de vendedores ambulantes
- e. Busca/recebe em instituições para meninos(as) em situação de rua
- f. Busca/recebe em ONG
- g. Ganha de conhecidos
- h. Troca por objetos/favores
- i. Outros: _____
- j. Não sabe

73. Dentre os eventos abaixo, indique quais os que já aconteceram em sua vida, e escolha o número que mais representa o quão ruim foi esta situação para você:

- ① Nada Ruim
 ② Um Pouco Ruim
 ③ Mais ou Menos
 ④ Muito Ruim
 ⑤ Horrível

	A - Já aconteceu?	B – O quão ruim foi?
a) O nível econômico da minha família baixou de uma hora para outra	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
b) Alguém em minha casa está desempregado	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
c) Meus pais se separaram	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
d) Já estive internado em instituição (abrigo, orfanato)	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
e) Já fugi de casa	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
f) Já morei na rua	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
g) Já dormi na rua	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
h) Já trabalhei na rua	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
i.) Alguém da minha família está ou esteve preso	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
j) Sofri algum acidente grave	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
l) Alguém muito importante pra mim faleceu	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
m) Já passei fome	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
n) Já trabalhei vendendo/entregando drogas	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
o) Meu pai/mãe casou de novo	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
p) Meu pai/minha mãe teve filho com outros parceiros	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
q) Já fui assaltado(a)	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
r) Já fui preso	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
s) Já estive privado de liberdade (Instituição fechada)	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
t) Já fui levado para o Conselho Tutelar	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
u) Já tive problemas com a justiça	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
v) Já tive problemas com a polícia	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤

74. Ao longo da vida, sofro ou sofri preconceito:

- ① Nunca
 ② Quase nunca
 ③ Às vezes
 ④ Quase sempre
 ⑤ Sempre

a) Por morar onde moro (bairro, favela)	① ② ③ ④ ⑤
b) Pelo fato de ser homem ou ser mulher	① ② ③ ④ ⑤
c) Pela cor da minha pele	① ② ③ ④ ⑤
d) Por estudar em uma determinada escola	① ② ③ ④ ⑤
e) Por causa do trabalho dos meus pais	① ② ③ ④ ⑤
f) Por causa do meu nível socioeconômico	① ② ③ ④ ⑤
g) Por causa da minha religião	① ② ③ ④ ⑤
h) Por causa da minha aparência física	① ② ③ ④ ⑤
i) Por ser deficiente	① ② ③ ④ ⑤
j) Pelas minhas escolhas sexuais	① ② ③ ④ ⑤
l) Por ter a idade que eu tenho	① ② ③ ④ ⑤
m) Por causa do meu trabalho	① ② ③ ④ ⑤

75. Você já pensou em se matar?

- a. () Não (pule para a questão 77)
 b. () Sim Quantas vezes: _____

76. Você já tentou se matar?

- a. () Não
 b. () Sim Quantas vezes: _____
 c. Quantos anos você tinha quando tentou se matar pela primeira vez? _____
 d. Quando você tentou se matar, como foi que você fez? (Marque mais de uma resposta se for o caso)
- | | |
|--|--------------------------|
| a. () Com faca, tesoura, canivete | a1. Quantas vezes: _____ |
| b. () Com revólver | b1. Quantas vezes: _____ |
| c. () Enforcado | c1. Quantas vezes: _____ |
| d. () Com remédios, venenos | d1. Quantas vezes: _____ |
| e. () Atropelamento | e1. Quantas vezes: _____ |
| f. () Queda provocada (viadutos, edifícios,...) | f1. Quantas vezes: _____ |
| g. () Com fogo | g1. Quantas vezes: _____ |
| h. () Outro: _____ | h1. Quantas vezes: _____ |

77. Marque com um X no número correspondente à sua opinião sobre as seguintes afirmações:

- ① Nunca
- ② Quase nunca
- ③ Às vezes
- ④ Quase sempre
- ⑤ Sempre

a	Eu sinto que pertencço a minha comunidade/bairro	① ② ③ ④ ⑤
b	Eu posso confiar nas pessoas da minha comunidade/bairro	① ② ③ ④ ⑤
c	Eu me sinto seguro na minha comunidade/bairro	① ② ③ ④ ⑤
d	Eu posso contar com meus vizinhos quando preciso deles	① ② ③ ④ ⑤
e	Eu posso contar com alguma organização/instituição comunitária quando preciso	① ② ③ ④ ⑤
f	Minha comunidade tem melhorado nos últimos cinco anos	① ② ③ ④ ⑤

78. O que você costuma fazer quando não está estudando ou trabalhando? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. () Praticar esportes
- b. () Jogar/brincar
- c. () Passear
- d. () Assistir TV
- e. () Ouvir ou tocar música
- f. () Desenhar/pintar/artesanato
- g. () Namorar
- i. () Descansar
- j. () Navegar na Internet
- k. () Ir a festas
- l. () Cinema ou teatro
- m. () Ler livros, revistas ou quadrinhos
- n. () Outros _____

79. Você tem (marque todos que se referem a sua situação):

- a. Celular pré-pago
- b. Celular de conta (pós-pago)
- c. Acesso a televisão com canais abertos
- d. Acesso à televisão por assinatura
- e. Acesso à internet. f. Se você tem internet, você acessa a partir de:
 - a. Casa
 - b. Escola
 - c. *Lan House, Cybercafé*
 - d. Trabalho
 - e. Outro local. Qual ? _____

80. Com que frequência você utiliza a Internet:

- a. não utilizo
- b. uma ou duas vezes por mês
- c. apenas aos finais de semana
- d. de um a dois dias por semana
- e. entre três e cinco dias por semana
- f. todos os dias

81. Em média, quando você se conecta, quanto tempo fica conectado:

- Não me conecto a Internet
- Menos de meia hora
- De meia a uma hora
- De uma a três horas
- De três horas a cinco horas
- Mais de cinco horas

82. Se você usa a Internet, você a utiliza para: (Marque mais de uma resposta se necessário).

- Me comunicar com as pessoas (*e-mail*, orkut, msn, etc.)
- Baixar músicas, jogos, filmes
- Fazer trabalhos da escola
- Navegar em sites de meu interesse
- Fazer/escrever blogs
- Jogar
- Comprar coisas
- Outra atividade. Qual? _____

83. Marque com um X no número que corresponde à sua opinião sobre as seguintes afirmações:

- ① Nunca
- ② Quase nunca
- ③ Às vezes
- ④ Quase sempre
- ⑤ Sempre

a	Sinto que sou uma pessoa de valor como as outras pessoas	① ② ③ ④ ⑤
b	Eu sinto vergonha de ser do jeito que sou	① ② ③ ④ ⑤
c	Às vezes, eu penso que não presto para nada	① ② ③ ④ ⑤
d	Sou capaz de fazer tudo tão bem como as outras pessoas	① ② ③ ④ ⑤
e	Levando tudo em conta, eu me sinto um fracasso	① ② ③ ④ ⑤
f	Às vezes, eu me sinto inútil	① ② ③ ④ ⑤
g	Eu acho que tenho muitas boas qualidades	① ② ③ ④ ⑤
h	Eu tenho motivos para me orgulhar na vida	① ② ③ ④ ⑤
i	De modo geral, eu estou satisfeito(a) comigo mesmo(a)	① ② ③ ④ ⑤
j	Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo (a)	① ② ③ ④ ⑤

84. Marque com um X no número que corresponde à sua opinião sobre as seguintes afirmações:

- ① Não é verdade a meu respeito
- ② É dificilmente verdade a meu respeito
- ③ É moderadamente verdade a meu respeito
- ④ É totalmente verdade a meu respeito

a	Se estou com problemas, geralmente encontro uma saída	① ② ③ ④
b	Mesmo que alguém se oponha eu encontro maneiras e formas de alcançar o que quero	① ② ③ ④
c	Tenho confiança para me sair bem em situações inesperadas	① ② ③ ④
d	Eu posso resolver a maioria dos problemas, se fizer o esforço necessário	① ② ③ ④
e	Quando eu enfrento um problema, geralmente consigo encontrar diversas soluções	① ② ③ ④
f	Consigo sempre resolver os problemas difíceis quando me esforço bastante	① ② ③ ④
g	Eu acho que sou capaz de fazer coisas tão bem quanto a maioria das pessoas	① ② ③ ④
h	Tenho facilidade para persistir em minhas intenções e alcançar meus objetivos	① ② ③ ④
i	Devido às minhas capacidades, sei como lidar com situações imprevistas	① ② ③ ④
j	Eu me mantenho calmo mesmo enfrentando dificuldades porque confio na minha capacidade de resolver problemas	① ② ③ ④
l	Eu geralmente consigo enfrentar qualquer adversidade.	① ② ③ ④

85. Use a seguinte escala para indicar suas chances de:

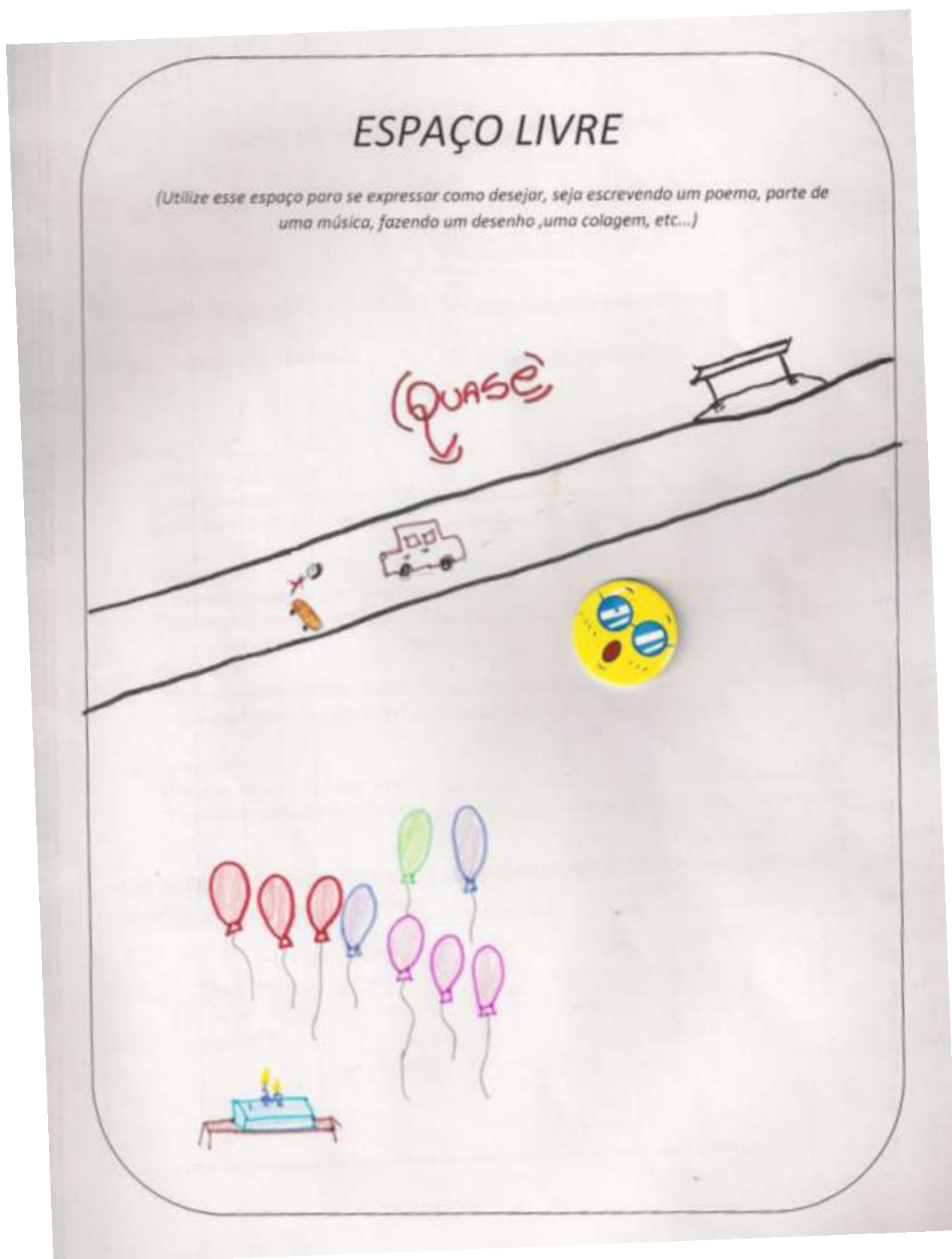
- ① Muito Baixas
- ② Baixas
- ③ Cerca de 50%
- ④ Altas
- ⑤ Muito Altas

a	Concluir o ensino médio (segundo grau)	① ② ③ ④ ⑤
b	Entrar na Universidade	① ② ③ ④ ⑤
c	Ter um emprego que me garanta boa qualidade de vida	① ② ③ ④ ⑤
d	Ter minha casa própria	① ② ③ ④ ⑤
e	Ter um trabalho que me dará satisfação	① ② ③ ④ ⑤
f	Ter uma família	① ② ③ ④ ⑤
g	Ser saudável a maior parte do tempo	① ② ③ ④ ⑤
h	Ser respeitado na minha comunidade	① ② ③ ④ ⑤
i	Ter amigos que me darão apoio	① ② ③ ④ ⑤

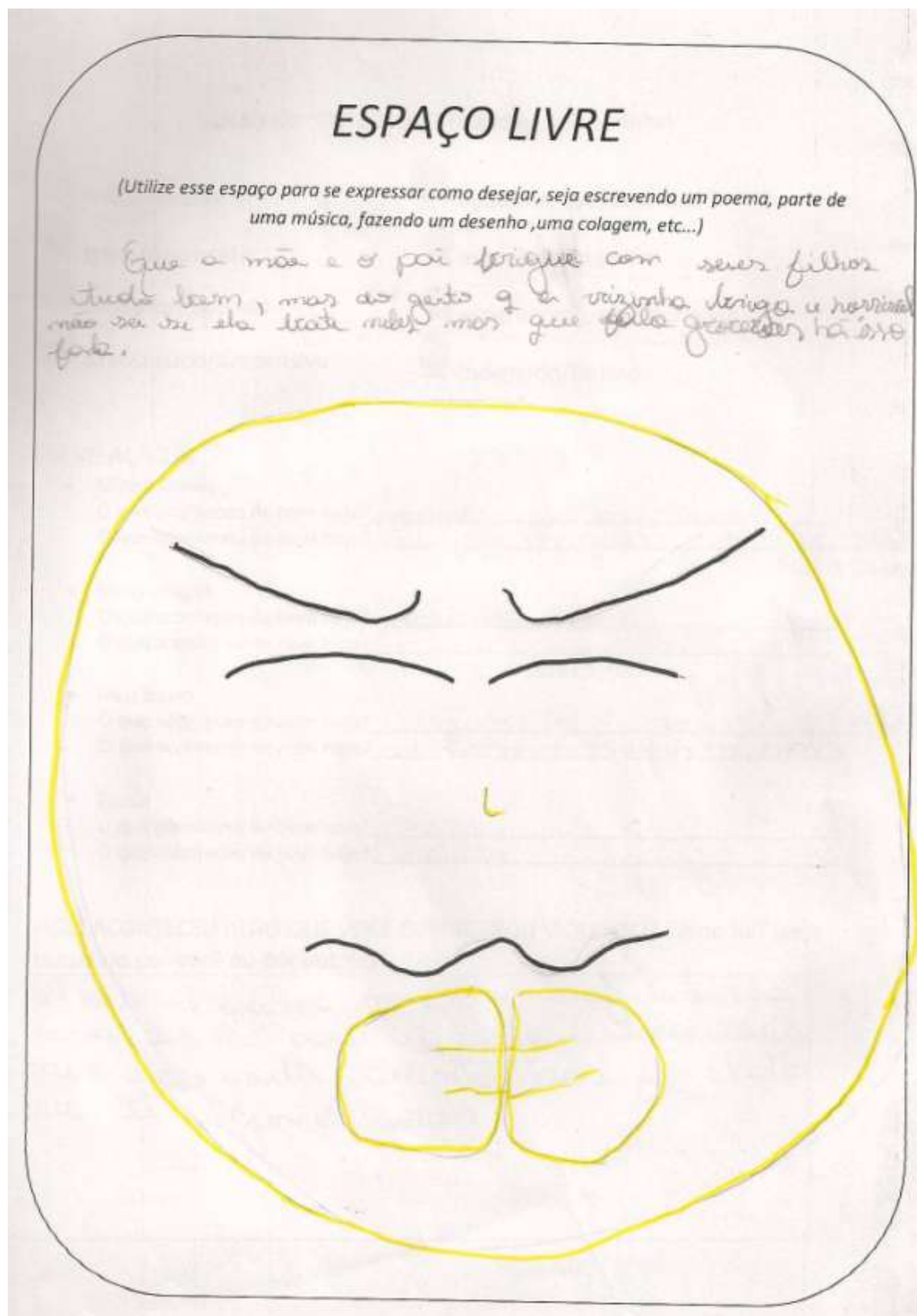
86. Para você o que é violência?

87. Neste espaço você pode colocar o que achou deste questionário e/ou mencionar algo que considera importante e/ou que não foi perguntado:

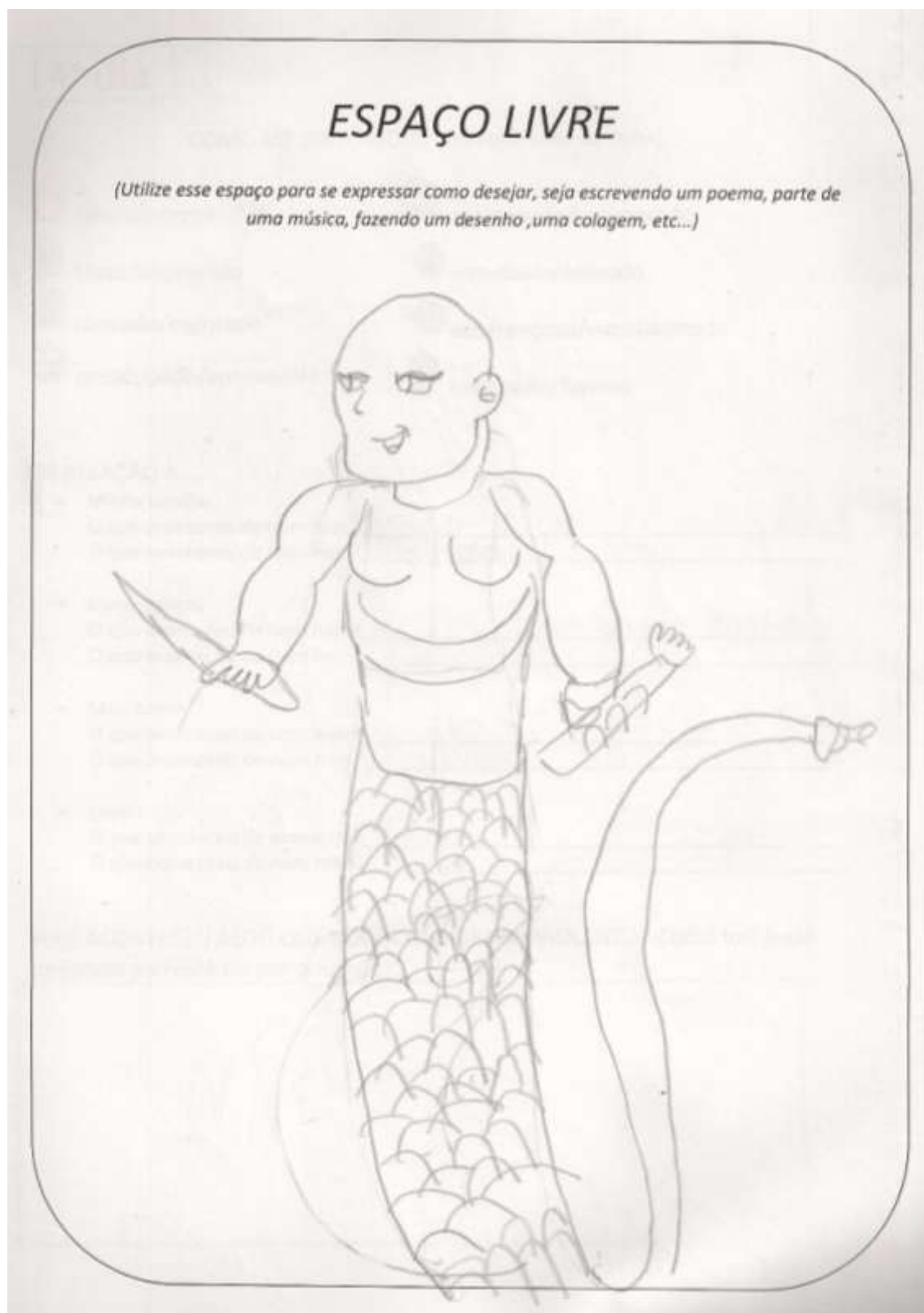
ANEXO E – PARTES DO DIÁRIO ÍNTIMO: ESPAÇO LIVRE



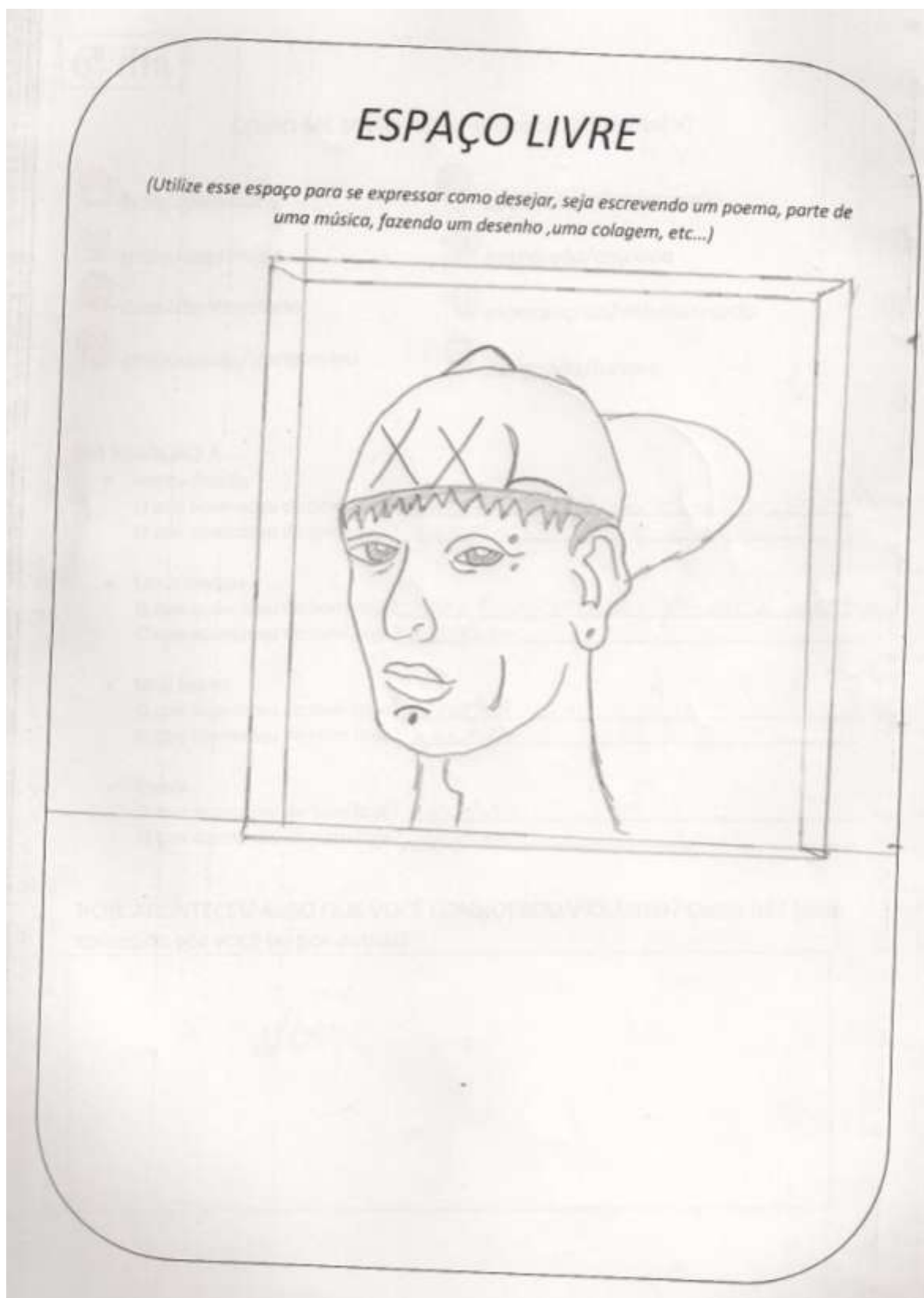
(Jovem RA, 15 anos, participante do CRAS Hidráulica)



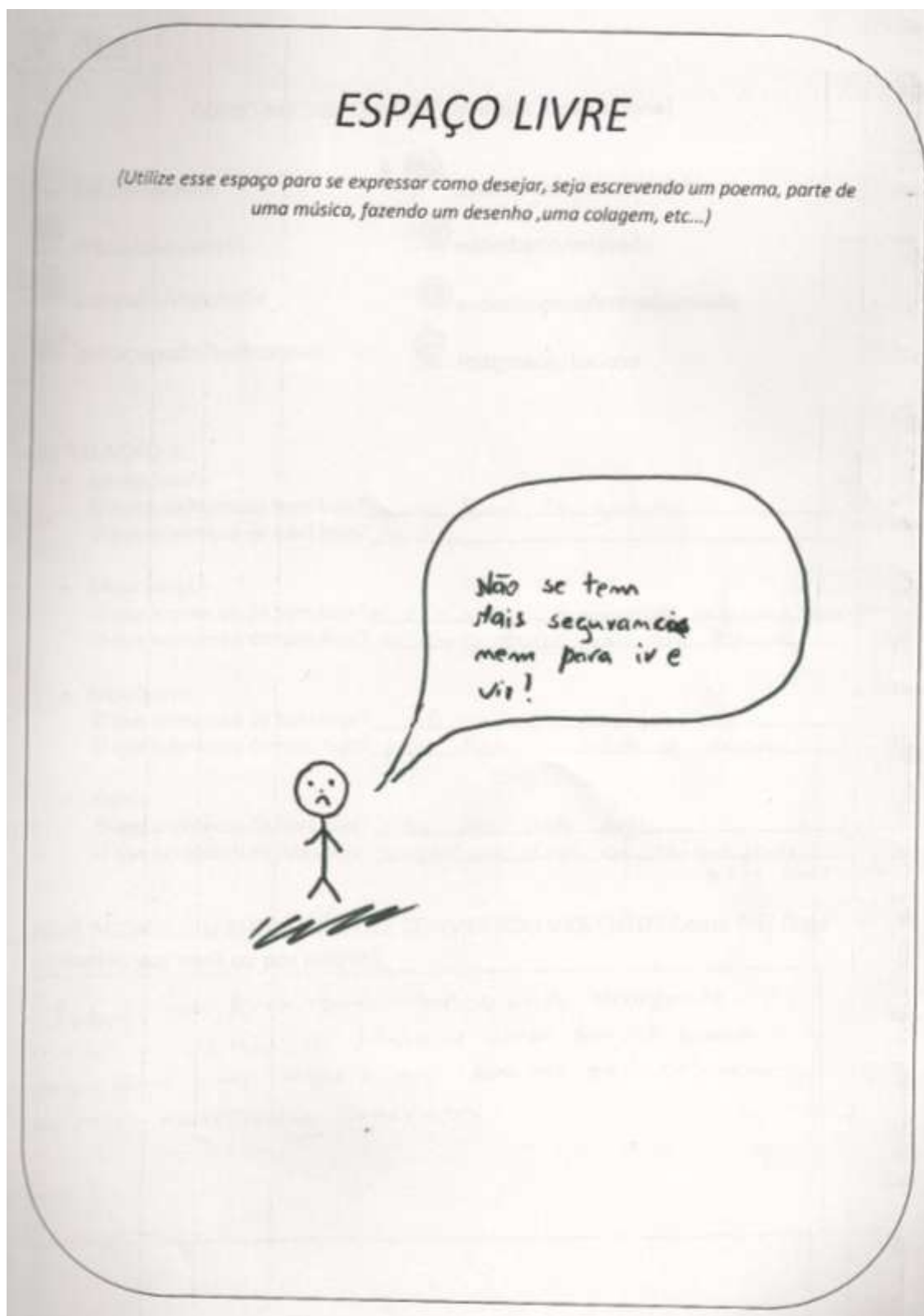
(Jovem RA, 15 anos, participante do CRAS Hidráulica)



(Jovem LC, 16 anos, participante do CRAS Hidráulica)



(Jovem LC, 16 anos, participante do CRAS Hidráulica)



(Jovem BA, 16 anos, participante do CRAS Cidade de Águeda)

ESPAÇO LIVRE

❖ (Utilize esse espaço para se expressar como desejar, seja escrevendo um poema, parte de uma música, fazendo um desenho, uma colagem, etc...)

Agora nesse momento não está acontecendo nada mais eu queria falar que eu estou muito confusa 😞 mas eu vou me decidir quando vou fazer! 24/11/15 ❖

Ah aconteceu no meu colégio um garoto me empurrou eu não gostei mais da merda

(Jovem PA, 17 anos, participante do CRAS Cidade de Águeda)

Minha tia quando tinha 9 anos foi morar
com seus dindo e ela era abusada sexual-
mente contra sua vontade hoje ela tem
trinta e três anos e tem pânico de
fazer sexo isso foi só um exemplo para
todos serem os seqüelas que a violência
deixa: Não importa a idade, o tamanho
se não praticar qualquer tipo de violência
em uma pessoa ou até mesmo num animal
que seja ele vai ficar marcado pro resto
da vida.

(Jovem PL, 15 anos, participante do CRAS Hidráulica)